



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO

**CRONOS E SUAS FILHAS:
Uma leitura do fenômeno TAG à luz da psicologia complexa**

Laís Mendes De Souza Vieira Sales

Seropédica, RJ
2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO

**CRONOS E SUAS FILHAS:
uma leitura do fenômeno TAG à luz da psicologia complexa**

LAIS MENDES DE SOUZA VIEIRA SALES

Sob a Orientação do Professor
Nilton Sousa da Silva.

Dissertação submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
no Curso de Pós-Graduação em Psicologia.

Seropédica. RJ
Setembro de 2021

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S163c Sales, Laís, 1993-
CRONOS E SUAS FILHAS: Uma leitura do fenômeno TAG à
luz da psicologia complexa / Laís Sales. - Seropédica,
2021.
125 f.: il.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, 2021.

1. Transtorno De Ansiedade Generalizada. 2.
Modernidade Líquida. 3. Psicologia Complexa. 4.
Mitologia Grega. I. Sousa da Silva, Nilton, 1958-
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LAÍS MENDES DE SOUZA VIEIRA SALES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Área de Concentração: Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 16 / 09 / 2021.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC.

Identificação dos Membros da Banca:

Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva
Orientador / Presidente

Profª. Drª. Sonia Maria Bufarah Tommasi
Banca Externa UNIPAZ-Goiás

Prof. Dr. Ronald Apolinario de Lira
Banca Interna UFRRJ



Emitido em 19/10/2021

TERMO N° 1116/2021 - DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 19/10/2021 21:09)

NILTON SOUSA DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptPO (12.28.01.00.00.00.23)
Matricula: 1226849

(Assinado digitalmente em 19/10/2021 22:31)

RONALD APOLINARIO DE LIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)
Matricula: 1279266

(Assinado digitalmente em 25/10/2021 14:11)

LAÍS MENDES DE SOUZA VIEIRA SALES
DISCENTE
Matricula: 20191007317

(Assinado digitalmente em 28/10/2021 16:20)

SONIA MARIA BUFARAH TOMMASI
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 030.901.488-38

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:
1116, ano: **2021**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **19/10/2021** e o código de verificação: **ceff4caf58**

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que é Emanuel e proporcionou este momento. À minha avó materna, Dinéia pelas mãos que desenharam em sua história e na da família, a força e o alimento. E, a minha avó paterna, Annellesse, pela poesia e bolos. Ao meu pai, Carlos Mávio, que me ensinou a transformar papéis de bala e bombom em borboletas. A minha mãe, Shirley, que me demonstrou a importância de cultivar a terra para que eu pudesse contemplar o voo das mesmas. Ao meu irmão, Carlos Abner, pela parceria de alma. A Warlei, meu marido por partilhar do projeto de ser família, caminhar lado a lado e ser meus braços e pernas durante a gravidez na pandemia e gestação desta obra no mesmo período. A minha filha, Louise, minha Luisinha, presente que coroa o fechamento deste ciclo e abre um novo em minha vida!

A querida Maricá como um todo, e principalmente a M. que tão gratamente proporcionou por meio da partilha o estudo de caso clínico desta dissertação. Não poderia deixar de agradecer também a minha vivência do TAG que desvelou a tríade Hermes, Cronos e Héstia em minha própria vida. Agradeço também ao meu terapeuta Uendel Pimentel pelas horas que dedicamos a esta obra interna e externa.

Aos meus companheiros de jornada no mestrado pelo partilhar ao redor da mesa do alimento físico e simbólico, principalmente aos meus amigos: Menezes, pelos trajetos Seropédica-Niterói e pelos caminhos no Excel, e à Fernanda pelas conversas e parceria no estágio docência. Ao meu orientador Nilton Sousa Silva pelos encontros potentes e pela oportunidade a mim concedida. A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e ao Programa de Pós Graduação em Psicologia e sua coordenação sob a pessoa do professor Ronald Clay. E, a maravilhosa banca externa e interna de qualificação e defesa deste trabalho, respectivamente, Profa. Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi- UNIPAZ; pelas encantadoras e cuidadosas pontuações, e Prof. Dr. Ronald Apolinario de Lira - UFRRJ, pelas pertinentes contribuições sociológicas e históricas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

“Para todas as realizações há um momento certo; existe sempre um tempo apropriado para todo o propósito debaixo do céu.

Há o tempo de nascer e a época de morrer, tempo de plantar e o tempo de arrancar o que se plantou, tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de edificar, tempo de chorar e tempo de rir, tempo de lamentar e tempo de dançar, tempo de atirar pedras e tempo de guardar as pedras; tempo de abraçar e tempo de se apartar do abraço, tempo de buscar, e tempo de desistir, tempo de conservar e tempo de jogar fora, tempo de rasgar, e tempo de costurar; tempo de ficar quieto e tempo de expressar o que se sente, tempo de amar e tempo de odiar, tempo de lutar e tempo de estabelecer a paz..”

Eclesiastes 3:1-8

“Tudo tem seu tempo, só eu que não tenho nenhum.”

Karlheinz Geissler

RESUMO

SALES, Laís Mendes de Souza Vieira. **Cronos e suas filhas: uma leitura do fenômeno TAG a luz da psicologia complexa: Seropédica, RJ.** 2021. 125p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

O presente trabalho visa dialogar com três campos do saber: a sociologia, a psicologia complexa e a mitologia grega. A trajetória escolhida para desenvolvimento deste diálogo apresenta a modernidade líquida, descrita pelo sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) com o campo epistemológico teórico e prático da psicologia complexa, elaborada e desenvolvida pelo médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Partindo da mitologia grega, focando, o entrelaçamento mítico na tríade: Cronos, Hermes e Héstia, para identificar o movimento do conteúdo arquetípico destas personagens do inconsciente coletivo ao inconsciente pessoal. Este caminho se justifica, pois, a Mitologia é um dos conhecimentos que Carl Gustav Jung utiliza para elaborar o campo teórico e prático da sua obra psicológica. Assim, o recurso do entrelaçamento da dimensão mitológica será para compreender e descrever a constituição da modernidade líquida, e aventar como a modernidade líquida pode favorecer a incidência do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Neste contexto, de acordo com a dimensão atemporal e a-espacial do inconsciente, e devido à dimensão ontológica de uma mitologia, a presença do TAG será observada na juventude feminina com a faixa etária 20 a 35 anos de idade por meio de análise de um questionário eletrônico aplicado com a participação de 135 jovens, sendo 70 destas maricaenses. A partir disso, observar-se-á um estudo de caso clínico, ambos enfatizando a pesquisa na cidade Maricá localizada no litoral do Estado do Rio de Janeiro, Brasil — na atualidade do primeiro quarto do século XXI. Utilizando a delimitação de dar um passeio do inconsciente coletivo ao inconsciente pessoal, compreender, esclarecer e contribuir para com políticas públicas do município de Maricá/ RJ, a fim de desatar fios biopsicossociais que se entrelaçam e tecem uma teia contemporânea do TAG. A partir deste ponto, pretende-se elaborar um projeto transdisciplinar como proposta de intervenção para a juventude feminina maricaense, a fim de vislumbrar e tecer uma saída ao encontro da saúde mental a partir de uma nova configuração e potencialidade da energia psíquica dos mesmos fios.

Palavras- Chave: Transtorno De Ansiedade Generalizada; Modernidade Líquida; Psicologia Complexa; Mitologia Grega.

ABSTRACT

SALES, Laís Mendes de Souza Vieira. **Kronos and his daughters: a reading of GAD's phenomenon through complex psychology: Seropédica, RJ.** 2021. 125p. Dissertation (Master in Psychology). Posgraduate Department in Psychology, Institute of Education, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

The present work aims to establish a dialogue with three fields of knowledge: sociology, complex psychology and Greek mythology. The chosen trajectory for its development presents the concept of liquid modernity described by the Polish sociologist and philosopher Zygmunt Bauman (1925-2017), with the theoretical and practical epistemological field of the complex psychology, which was elaborated and developed by Swiss psychiatrist and psychologist Carl Gustav Jung (1875-1961); it will be starting from the Greek mythology and focusing on the mythical interweaving in the triad: Kronos, Hermes and Hestia, in order to identify the movement of these characters archetype's content from collective unconsciousness to personal unconsciousness. This path is justified by the fact that Mythology is one of the knowledges used by Carl Gustav Jung to elaborate the theoretical and practical fields of his psychology works. Therefore, the resource of the mythological dimension interweaving will serve to understand and describe the constitution of the liquid modernity, and expose how it can favour the occurrence of the Generalized Anxiety Disorder (GAD). On this context, according to the spatial and timeless dimension of the unconsciousness, and due to the ontological dimension of a mythology, GAD's presence will be observed on female youth with the age range between 20 and 35 years old, through the analysis of an electronic questionnaire, applied to 135 young people, in which 70 of them are Maricaenses; remarking, as well, a clinical study case; both will emphasize the research at the city of Maricá, located on Rio de Janeiro state's coast, in Brazil – at the current time of the first quarter of the XXI century. In order to, later on, go from the collective unconscious to the personal unconscious to comprehend, clarify and contribute to the public politics of Maricá's/RJ city; untangling, as well, the biopsychosocial cords that, when interwoven, created a contemporary GAD's net – and, in that sense, elaborate a transdisciplinary project as means of intervention so the maricaense youth female group can envision and forge an way out towards mental health, based on a new configuration and potentiality of those same cords' psychic energy.

Key-Words: Generalized Anxiety Disorder; Liquid Modernity; Complex Psychology; Greek Mythology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bandeira de Maricá.....	35
Figura 2 - Brasão de Maricá.....	35
Figura 3 - Imagem apresentada por Heidegger.....	73
Figura 4 - Lagoa de Araçatiba.	76
Figura 5 - Shopping a Céu Aberto.	77
Figura 6 – Memorial às Vítimas do Covid-19... ..	78
Figura 7 - Grafite Centro de Maricá	79
Figura 8 - Praça Orlando de Barros Pimentel	80
Figura 9 – Sintomatologia do TAG em Maricá	81
Figura 10 - Tema das Preocupações	82
Figura 11 – Relação tempo e investimento	83
Figura 12 – Recursos para lidar com o TAG	83
Figura 13 – Metaforizando o TAG.....	84
Figura 14 – Uso de recursos para organizar o tempo X ansiedade.....	84
Figura 15 - Roda Gigante.....	88
Figura 16 - O Rio	90
Figura 17 - Sinta o poder da vida.....	91
Figura 18 - A Flor	92

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

TAG	Transtorno de Ansiedade Generalizada
ONU	Organizao das Naes Unidas
OMS	Organizao Mundial da Sade
CRAS	Centros de Referncias de Assistncia Social
M.	Mulher

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.TECNOLOGIA, ARTE E COMPLEXIDADE NA ATUALIDADE.....	15
1.1 Sementes de um Novo Tempo (1875-1900)	16
1.1.1 Brasil e as Sementes de um Novo Tempo	19
1.2 Reconhecendo a Modernidade (1900- 1925).....	21
1.3 Novas Trincheiras (1925-1950)	27
1.4 Anos Pós Guerras (1950-1975).....	32
1.5 Advento da Linguagem Tecnológica da Internet (1975-2000).....	37
1.6 Espaço-Tempo no Primeiro Quarto do Século XXI	41
2 TEMPOS LÍQUIDOS: ALMA, CORPO E TEMPO.....	48
2.1 Integração entre Alma e Corpo Feminino.....	61
2.2 Corpo e Solutio dos Tempos Líquidos	62
2.3 TAG e a Juventude Feminina Brasileira.....	64
3. MARICÁ E A TERAPIA JUNGUIANA COMO ESPAÇOS PARA O CUIDADO DA ALMA.....	74
3.1 Fenomenologia do TAG na Juventude Feminina Maricaense.....	81
3.2 Tecendo Considerações entre a Sintomatologia e a Mitologia.....	85
3.3 Estudo de Caso Clínico- M. de Mulher	87
3.4 Sobre o Projeto Feminê- Retomando a Arte de Ser Si Mesma.....	96
3.5 Dialogando com a Ansiedade	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE A	112
APÊNDICE B.....	122

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe o diálogo com três campos do saber: a sociologia, a psicologia complexa e a mitologia grega. A trajetória escolhida para desenvolvimento deste diálogo apresenta a modernidade líquida, descrita pelo sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) com o campo epistemológico teórico e prático da psicologia complexa, elaborada e desenvolvida pelo médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Partindo da mitologia grega, focando, o entrelaçamento mítico na tríade: Cronos, Hermes e Héstita, para identificar o movimento do conteúdo arquetípico destas personagens do inconsciente coletivo ao inconsciente pessoal. Este caminho se justifica, pois, a Mitologia é um dos conhecimentos que Carl Gustav Jung utiliza para elaborar o campo teórico e prático da sua obra psicológica. Assim, o recurso do entrelaçamento da dimensão mitológica é feito para compreender e descrever a constituição da modernidade líquida, e aventar como a modernidade líquida pode favorecer a incidência do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). Neste contexto, de acordo com a dimensão atemporal e a-espacial do inconsciente, e devido à dimensão ontológica de uma mitologia, a presença do TAG é na juventude feminina com a faixa etária entre 20 e 35 anos de idade por meio de análise de um questionário eletrônico aplicado com a participação de 135 jovens, sendo 70 destas maricaenses. A partir disso, observar-se-á um estudo de caso clínico, ambos enfatizando a pesquisa na cidade Maricá localizada no litoral do Estado do Rio de Janeiro, Brasil — na atualidade do primeiro quarto do século XXI. Utilizando a delimitação de dar um passeio do inconsciente coletivo ao inconsciente pessoal para assim: compreender, esclarecer e contribuir para com políticas públicas do município de Maricá/ RJ, a fim de desatar fios biopsicossociais que se entrelaçam e tecem uma teia contemporânea do TAG. A partir deste ponto, um projeto transdisciplinar é apresentado como proposta de intervenção para a juventude feminina maricaense, a fim de vislumbrar e tecer uma saída ao encontro da saúde mental a partir de uma nova configuração e potencialidade da energia psíquica dos mesmos fios. Bem como se propõe estratégias a nível particular para lidar com o TAG. De modo que a revisão literária e análise do questionário realizados caracteriza a pesquisa como quanti-qualitativa.

A complexidade do tema apresentado se revela no investimento de energia psíquica que o mundo pós-moderno solicita com a celeridade do comportamento humano individual e coletivo, especialmente, a manifestada no comportamento da geração cibernética que afeta à juventude pode, direta ou indiretamente, ocasionar um comportamento autofágico em relação

ao espaço-tempo da psique individual e coletiva. Portanto, paradoxalmente a contemporaneidade que se revela implicada na economia do tempo, tende a provocar um menor investimento no tempo da reelaboração do mundo subjetivo individual, grupal e cultural — aqui, é necessário entender este mundo como um espaço-tempo indissociável da alma de uma cidade, estado ou país —, como espaço geográfico no qual uma pessoa ou grupo social residam, estudem ou trabalhem. Neste contexto, se busca descrever transformações e peculiaridades do município de Maricá, como um espaço público e privado para cuidar da alma de um cidadão ou da cidadania, para apresentar uma clínica psicológica do cuidado consigo e da cidade numa retroalimentação espaço-temporal, que alcança a dimensão do inconsciente pessoal e cultural para dialogar com a vida e permitir a alma da cidade, Maricá, se manifestar e alimentar a cidadania de acordo com políticas públicas sobre saúde, educação e seguridade e auxiliar a juventude feminina a lidar com TAG. Auxílio que se pretende apresentar por meio de um projeto transdisciplinar.

A relevância do presente estudo para o país, para o estado do Rio de Janeiro, e para a cidade de Maricá, é comprovada através do ranking mundial do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicados sobre o Brasil que ocupa o primeiro lugar na incidência desse transtorno. Além disto, conforme estudo realizado na Universidade de Cambridge, mulheres e jovens com até 35 anos, tem duas vezes maior probabilidade de desenvolver o transtorno de ansiedade generalizada (BBC, 2016).

De modo que, o fato da proposta da dissertação apontar para a cidade Maricá, localizada no Estado do Rio de Janeiro, no país Brasil, localizado na América do Sul, é devido a observação da constante expansão do município da autora, que possivelmente será um polo 5G para na América do Sul para se comunicar com o Mundo. Isto é, 5G é uma geração de tecnologia que possibilita a celeridade de atividades públicas e privadas e a dispensa do fator humano no desempenho de várias tarefas.

Comunicação e velocidade são duas expressões que tendem a retomar a figura do neto de Cronos, Hermes, aquele que está associado também a fluidez e ao investimento de energia psíquica no mundo externo de uma sociedade. Neste sentido, Hermes aparece como um contraposto e, simultaneamente, complementar a Héstia, a filha de Cronos, deusa do lar, associada ao mundo subjetivo e aos locais de acolhimento e relacionamento humano em uma cidade, como por exemplo, praças. De modo que, uma perspectiva da contemporaneidade é apresentada aqui como sendo tecida por Cronos, Héstia e Hermes, no que diz respeito à modernidade líquida e a vivência do TAG.

Assim, a tecitura textual segue um movimento geográfico centrípeto ocidental, nacional, estadual e municipal sendo descritas por uma perspectiva da História que é arbitrária e prioriza os fatos que ilustram a presença mítica da tríade protagonista deste trabalho. E, aqui, para retomar a potencialidade e política da tecnologia 5G, grandes centros tecnológicos e comerciais do Brasil e de outros países da América Central e do Sul, provavelmente, irão buscar, apontar e paulatinamente valorizar a cidade de Maricá. Uma cidade de 207 anos de emancipação, ou seja, também é jovem e com previsão de constante expansão. Todavia, esta expansão ocorrida em tempos líquidos, abarca o cuidado com a alma?

Conforme mencionado, uma resposta possível é elaborada acerca da vivência do TAG na juventude feminina em Maricá, a partir do diálogo do mito de Cronos com a sociologia e filosofia apresentada por Zygmunt Bauman e a psicologia complexa desvelada por Carl Gustav Jung. Reconhecendo, porém, que outras mitologias e referências históricas e culturais poderiam gerar trajetórias distintas e ênfases diversas tanto no fazer, quanto no compreender e propor intervenções quanto a vivência e prognóstico do TAG. De maneira que o caminho escolhido reforça a proximidade da pesquisadora com os autores e áreas já mencionados. Assim, a pesquisa almeja desenvolver o trajeto descrito a seguir:

O primeiro capítulo, trata a modernidade da fase pesada à líquida, como Bauman nomeou na sua obra *Globalização: As Consequências Humanas* (1999), e possibilita que o mito de Hermes, a partir da evolução da tecnologia e da comunicação; e o mito de Héstia por meio do fogo criativo da arte apresentem o contexto do último quarto do século XIX, quando o médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) nasceu. Porque o espírito da época que atravessa todo o século XIX é um espírito que investe na constante superação do tempo cronológico para produzir um produto no ápice da Revolução Industrial, que se alastra pelo mundo afora e quis, e ainda quer, dar ordem e progresso hegemônicos a partir da Europa, rumo à América, África e Ásia.

Neste sentido, a partir do último quarto do século XIX, considerando o nascimento de Carl Gustav Jung, a dissertação percorre e descreve com ilustrações a cada quarto de século do Mundo Ocidental, até alcançar o vigente primeiro quarto do século XXI, para interagir com o leitor e oferecer um contentamento intelectual, sobre o objeto geral e os objetivos específicos da dissertação.

Para tal, o cinema e a literatura biográfica, são apresentados como fontes de expressões da Arte, sendo as principais fontes utilizadas para ilustrar os capítulos da dissertação. Por exemplo, o clássico fílmico *Tempos Modernos* (1936) para ilustrar o lugar do corpo humano na celeridade do trabalho; assim como, para ilustrar o lugar da mulher na sociedade ocidental após

as Grandes Guerras, o filme *Grandes Olhos* (2015) é utilizado como uma referência da expressão da busca da mulher por seu lugar na sociedade entre 1950 a 1960, entre outras ilustrações.

De modo que, o primeiro capítulo busca estabelecer relações entre o fenômeno da passagem do tempo sobre o corpo da mulher, e enfatizar o desenvolvimento tecnológico, a presença feminina na história ocidental, contudo, observando que é impossível no corpo do capítulo abarcar todos os fatos históricos sobre o tema, em cada quarto de século, caminhando do ocidente europeu para os países da América, Brasil, Rio de Janeiro, e chegar em Maricá. Por isso, manifestações da arte são utilizadas de acordo com a relevância de cada situação para ilustrar, porque a arte revela uma propriedade de carregar o espírito de uma época que pode desvelar características de grupos sociais ou singularidades que escapam aos olhos da coletividade, assim a arte e o fazer pesquisa são aqui aproximados.

O segundo capítulo descreve a partir do cronossistema atual, a relação entre os tempos líquidos segundo Zygmunt Bauman, a alma, segundo Carl Gustav Jung, e o corpo humano no atual contexto biopsicossocial, para justamente compreender a construção da corporeidade feminina e sua aproximação da vivência do TAG no primeiro quarto do Século XXI.

O capítulo dois também descreve, segundo princípios da alquimia, o corpo enquanto matéria que abriga e revela a alma através do tempo, que atualmente é afetado e produz uma liquidez simbolizada pelo processo alquímico da *solutio*, que pode ser verificada na grande quantidade de transplantes e cirurgias de transição de gênero, assim como, é possível acompanhar tal processo embasado em fatos verídicos representados no filme *A Garota Dinamarquesa* (2016).

Ao referirem-se cirurgias plásticas excessivas e a dificuldade em lidar com a passagem do tempo no corpo, o segundo capítulo apresenta a imagem de Gothel, a bruxa que adota Rapunzel em *Enrolados* (2015). Assim, o capítulo estabelece relações entre o Tempo Cronológico (Cronos) e o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), diretamente, em diálogo com as mitologias de Hermes e Héstia, que estão presentes na tecitura da contemporaneidade e na vivência do TAG, enquanto representantes da polaridade e dinâmica: (a) extroversão e introversão, (b) masculino e feminino, (c) fluidez e foco. Para assim, dar ênfase ao mito de Cronos, apresentando uma metáfora da vivência do TAG, e verificando o espaço da alma feminina nas narrativas e espaços da cidade litorânea Maricá, localizada no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, América do Sul, na atual dinâmica do primeiro quarto do Século XXI.

Com este pensamento em mente, o terceiro capítulo situa a cidade de Maricá como espaço no qual a alma, das mulheres entre 20 e 35 anos, se manifesta através de uma singularidade biopsicossocial que pode ser compreendida na perspectiva da obra do psicólogo junguiano James Hillman (1926-2011), porque revela um modo de ser da corporeidade feminina plasmada na cidade, influenciada pela alma de Maricá. Visto que, dois motivos apoiam a escolha da cidade de Maricá: o primeiro motivo é o fato de o município ser a morada da autora da presente proposta de dissertação, logo, existe uma influência da alma da cidade sobre o seu olhar. Todavia, também há a motivação presente para desenvolver o cuidado com outras almas femininas e, neste contexto, almejar cooperar com possíveis medidas para o município auxiliar a juventude feminina a lidar com o TAG, uma vez que a expansão da cidade trouxe a celeridade a cidade anteriormente conhecida por sua quietude. Assim, através da análise descritiva dos dados coletados por meio do questionário eletrônico (Vide Apêndice A). Se estabelece relações possíveis relações entre os sintomas do TAG e os deuses: Cronos, Héstia e Hermes utilizando o método sintético-construtivo elaborado por Carl Gustav Jung.

O segundo motivo da escolha de Maricá aponta, justamente, para a possibilidade de a cidade de Maricá receber o pólo da tecnologia 5G brasileira. Isto é, o avanço tecnológico que leva a linguagem digital mundo afora, e encontra ressonância na mitologia de Hermes, dá respaldo à corporeidade feminina em ação e submissão ao TAG, na fluidez e liquidez da moderna comunicação e celeridade para reelaborar o mundo subjetivo, com uma conexão do espaço-tempo sagrado no qual Héstia está presente. E, assim, se almeja construir um projeto de intervenção para auxiliar a juventude feminina a lidar com o TAG. Além, disto, um estudo de caso clínico de uma jovem mulher maricaense acompanhada pela autora e psicóloga, antes mesmo da construção deste trabalho, é apresentado averiguando a modernidade líquida atravessando este corpo e trazendo as mitologias de Cronos, Hermes e Héstia na vivência do TAG. A partir da revisão literária, análise de dados e do estudo de caso se busca compreender o TAG e traçar meios para lidar com este transtorno que afeta todo o Brasil e o mundo, e principalmente aos jovens e às mulheres.

Neste contexto, o campo epistemológico teórico e prático da psicologia complexa poderá auxiliar o processo de reconciliação, com a propriocepção de um espaço-tempo além do cronológico, ao vislumbrar o entrelaçamento de Hermes, Cronos e Héstia na vivência do TAG dentro de uma cidade fadada à tecnologia 5G. O termo Psicologia Complexa foi escolhido por este, embasar e abarcar todo o pensamento teórico e prático elaborado por Carl Gustav Jung em articulação com outros saberes e, principalmente por esta terminologia apontar para a psicologia junguiana aplicada ao nível social/ coletivo.

Assim, este trabalho estabelece um diálogo entre Bauman e Jung para descrever o contexto do TAG na cidade de Maricá, recorrendo à narrativa do mito de Cronos, Héstia e Hermes, enquanto deuses presentes na vivência do TAG, estabelecendo conexões da modernidade líquida com o TAG, na observação e confirmação da análise do questionário eletrônico e do estudo de caso clínico apresentado. A partir de uma linguagem poética e psicoterápica, pretende-se iluminar o ventre de Cronos e possibilitar o renascimento de Héstia e a integração da presença de Hermes de modo saudável, a fim de proporcionar bem-estar biopsicossocial à líquida corporeidade feminina para as atuais filhas de Cronos, localizadas no primeiro quarto do século XXI, na cidade de Maricá, Rio de Janeiro, Brasil.

1.TECNOLOGIA, ARTE E COMPLEXIDADE NA ATUALIDADE

O presente capítulo apresenta a contemporaneidade a partir da evolução da tecnologia e da arte. De modo que, daqui em diante se anuncia a presença mítica de Hermes, Héstia, e Cronos; respectivamente: avô e pai destes deuses, seguindo a perspectiva do mitólogo Junito de Souza Brandão (1994, p.22 e p. 275). Através da descrição histórica e cronológica das imagens preenchidas por esses temas míticos, se observa os fios que compõem a tecitura de uma perspectiva do contemporâneo que pode favorecer a incidência dos casos de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) a nível ocidental, nacional, estadual e municipal.

Faz-se necessário destacar que conforme Barcelos (2019, p. 9-11) para os gregos e a psicologia complexa, os deuses, os arquétipos, são como padrões lógicos atemporais em que os temas da vida estão organizados, como metáforas, a fim de delimitar as áreas de experiência vivida. De modo que, tendo em vista o politeísmo das narrativas gregas, um deus nunca se apresentará sozinho para descrever um fenômeno e/ou vivência, e os mitos apresentam-se em relação em díades ou tríades, o mesmo se busca enfatizar neste trabalho.

Assim, a marca cronológica se apresenta como o fio condutor e elo entre os parágrafos, as pegadas de Cronos são descritas por uma perspectiva da História que é arbitrária e prioriza os fatos que ilustram a presença mítica da tríade protagonista deste trabalho. As ilustrações demonstram o quanto o desenrolar da modernidade não foi sincrônico da visão macro, Ocidente, ao nível municipal, Maricá/RJ.

Assim sendo, a História apresentada ocidentalmente pelo historiador Eric John Ernest Hobsbawm (1975, 1994). Nacionalmente e no âmbito estadual quem a narra são as historiadoras: Lilia Moritz Schwarcz e Loisa Murgel Starling (2019). A nível municipal o professor, escritor e historiador maricaense Nilton César Marins Brum (2016) conduz as narrativas.

É importante salientar que nas expressões: extroversão, tecnologia, velocidade, viagem, software, tempos líquidos; se observa a celebre e fugaz presença de Hermes. Assim a partir das palavras: introversão, casa, feminino e arte, é possível perceber a Héstia presente no texto. Estes deuses da mitologia grega serão devidamente apresentados no decorrer da dissertação por meio de Brandão (1994). Assim como se evidenciará a importância da mitologia para a elaboração teórica e conceitual da psicologia complexa desenvolvida por Carl Gustav Jung.

A corporeidade feminina é descrita como marca da modernidade pela Sociologia com Zygmunt Bauman (1999, 2001, 2004, 2007, 2009, 2012) e da Psicologia Complexa elaborada por Carl Gustav Jung (OC. V, VII, VIII, IX, X, XIV, XV). Iniciando a jornada cronológica a

partir do nascimento deste, para doravante possibilitar o diálogo entre esses dois grandes pensadores.

Cabe ressaltar que a modernidade, enquanto fenômeno cultural e período histórico, se inicia no século XVIII de acordo com o geógrafo, escritor e professor David Harvey (2008, p. 23), alicerçada sob os ideais iluministas. Mas, a palavra moderno foi usada pela primeira vez no século V depois de Cristo. E, conforme o sociólogo, escritor e professor Krishan Kumar (2006, p.106-107) a modernidade é uma invenção da idade média cristã, visto que com o advento de Cristo o significado da história da humanidade foi transformado e se atribuiu sentido à história pela primeira vez, trazendo a concepção da novidade, da renovação do tempo de uma finalidade para o mesmo. No entanto, foi a Renascença que conferiu a história ocidental três épocas: Idade Antiga, a Medieval e a Moderna (KUMAR, 2006, p. 112). Com estas palavras, abre-se a discussão e descrição teórica do presente capítulo.

1.1 Sementes de um Novo Tempo (1875-1900)

Em 1875, o mundo tinha aproximadamente 62 mil locomotivas, a produção em massa de maquinaria e produtos utilizados por pequenos produtores já era uma realidade lucrativa “o mundo estava prestes a entrar na era da luz, e forças elétricas, do aço e ligas de aço, do telefone e fonógrafo, das turbinas e máquinas a explosão” (HOBSBAWM, 1975, p. 60).

Nesta época, o capitalismo industrial tornou-se o sistema econômico mundial, e deste ponto em diante para Hobsbawm (1975, p.62), o mundo passou a funcionar como um sistema em constante realidade operacional, assim, por meio desta conexão propiciada pela evolução tecnológica, a história passou ser construída e compreendida a nível mundial.

O mundo em 1875 era, portanto, mais conhecido do que nunca fora antes. Mesmo em nível nacional, mapas detalhados (a maior parte iniciados por razões militares) podiam ser agora encontrados na maioria dos países desenvolvidos. [...] Porém, mais importante que o mero conhecimento, as mais remotas partes do mundo estavam agora começando a ser interligadas por meios de comunicação que não tinham precedentes pela regularidade, pela capacidade de transportar vastas quantidades de mercadorias e número de pessoas e, acima de tudo, pela velocidade: a estrada de ferro, o barco a vapor, o telégrafo.” (HOBSBAWM, 1975, p. 67).

Mas, “a unidade do mundo implicava na sua divisão. O sistema mundial do capitalismo era uma estrutura de "economias nacionais" rivais” (HOBSBAWM, 1975, p. 80) e, isto,

transformou a vida de homens e mulheres que viviam do campo, para os quais, o ritmo da vida e suas alterações eram menos fugazes.

Hobsbawm (1975, p. 201) aponta o paradoxo de que, possivelmente, o mais poderoso agente de transformação, modernização, neste período tenha sido a migração de jovens camponesas para a cidade, no intuito de trabalharem como domésticas. Assim, este período foi marcado pela palavra “revolução” que Schwarcz e Starling (2019) entendem como

[...] um vocábulo típico da modernidade: descreve um acontecimento ocorrido em distintos espaços da vida social- costumes, direito, religião, política, economia, nações, Estados ou continentes-, sempre enfocando uma perspectiva que inclua transformação, e com muita agitação. Por isso, a palavra designa derrubada do que é considerado velho, concentração de uma experiência de aceleração do tempo e inauguração de um futuro [...] (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 152).

Desde então, capitalismo e indústria foram associados ao progresso e um novo ritmo de vida imposto a sociedade aliado a uma nova forma laboral (ibid).

O tempo tornou-se ainda mais valioso para aqueles que almejavam ganhar dinheiro, de modo que cada minuto deveria ser minuciosamente aproveitado. Nas fábricas, os trabalhadores foram obrigados a seguir o ritmo da máquina a vapor [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 85).

É neste contexto que Carl Gustav Jung nasce em 1875, em Keswill, Suíça (SHAMDASANI, 2019, p. 3). No período de grande expansão dos ideais industriais, no qual, o ritmo do tempo passa a ser ditado pelas jornadas laborais e o mundo inteiro está conectado via sistema econômico.

Carl Gustav Jung era o filho mais velho de Paul Aquilles Jung, pastor luterano, ao qual, Jung atribuía as palavras integridade de caráter e fraqueza; e de Emilie Jung Prieswerk, aquela a quem Jung associava o amor e a desconfiança, devido a ausências maternas por conta de adoecimentos (JUNG, 1987, p.22). E, também, aquela cuja voz inaugurou a intensidade emocional das experiências de Carl Gustav Jung com sonhos (SHAMDASANI, 2019, p.4).

No período que Jung tinha aproximadamente, três ou quatro anos sonha que está no presbitério, numa ampla campina atrás do sacristão e descobre uma cova envolta na escuridão que contém uma escada, a qual ele decide descer mesmo sentindo medo. Se depara com uma linda porta em arco, a qual, rompendo sua bela cortina verde, Jung atravessa, encontrando-se num espaço retangular iluminado por luz crepuscular, no qual, havia um belo trono real e uma figura enorme ocupando-o. Jung se angustia profundamente e sente-se paralisado, neste momento, escuta a voz de sua mãe informando que aquele era o devorador de homens, então,

ele acorda. Assim, sentiu que foi iniciado nos mistérios da terra, teve seu primeiro contato consciente com o inconsciente iniciando sua jornada junto a psique (ibid).

Aproximadamente, neste mesmo período de 1879 na Alemanha, mais especificamente em Leipzig, a psicologia era postulada como ciência sob coordenação de Wundt, seu objeto de estudo era o desenrolar dos processos mentais a partir dos sentidos, utilizando-se do método da introspecção. Configurava-se por tanto uma psicologia científica baseada na observação dos fenômenos, quantificação e estabelecimento de causalidade. Ou seja, uma psicologia de base empirista. Preocupada com a consciência, uma vez que a psicologia havia sido definida por Wundt como ciência da consciência (FREIRE, 2014, p. 92). Mas, curiosamente, a palavra que nomeia este campo do conhecimento tem sua raiz etimológica no grego *psyché*, alma; e *logos*, ciência; estudo, ou seja, estudo da alma (HOLLIS, 2013, p. 11).

O início da psicologia como ciência trouxe questões à tona, tais como o problema da linguagem, pois, diversas psicologias foram sendo criadas e cada uma delas identificando um objeto de estudo, uma forma particular de observá-lo e circunscrevê-lo. Esta questão relaciona-se também as fontes possíveis e acessíveis para se pensar psicologia, dito de outra maneira, a ciência recém nascida abarcava/ abarca todo um legado histórico do mundo, pois a história, religião, filosofia e outros distintos campos possibilitaram o nascimento da psicologia (SHAMDASANI, 2015, p.17-54).

O problema da linguagem e do fazer psicologia neste período, passava pelo que Dilthey expôs quando relatou que os métodos experimentais utilizados por outras ciências, para ele não seriam úteis a psicologia, pois a natureza poderia ser explicada, mas a vida psíquica apenas poderia ser compreendida (SHAMDASANI, 2015, p. 52).

Em 1895, enquanto Jung cursava medicina, Freud, médico neurologista, na tentativa de explicar os fenômenos psíquicos, publica os *Estudos sobre a Histeria*, trabalho que deu início a elaboração da psicanálise. Freud centrou seus estudos na formação dos traumas e seus efeitos na vida dos pacientes que tratava, no início, principalmente na vida das histéricas, mulheres que apresentavam no corpo, sintomas psíquicos (FREIRE, 2014, p. 122).

Nas últimas décadas do século XIX, além da insurgência destes fenômenos psíquicos em mulheres, movimentos sociais também começaram a serem protagonizados por elas. Como a primeira onda do movimento feminista¹ ocorrida na Inglaterra, na qual, mulheres protestavam pelo direito ao voto (PINTO, 2010, p. 15). Através do movimento feminista, a mulher passa a enxergar-se como sendo sujeito da transformação de sua condição social (Alves e Alves, 2013).

¹Embora neste texto se enfatize o Movimento Feminista acontecido na modernidade, cabe pontuar que a figura da mulher lutando por seus direitos e lugar na sociedade pode ser observada desde Cleopatra 7ª (69 – 30 aC).

A busca por elementos que trouxessem uma nova compreensão ou reformulação do mundo estava presente também e principalmente na Física. Em 1900, Marx Planck propõe que “a luz fosse encarada como sendo emitida em quanta, isto é, pacotes indivisíveis de uma certa quantidade de energia” (ROCHA FILHO, 2007, p. 39) que aquecidos, reagem com energia proporcional à radiação. Planck lança as bases para a compreensão de uma nova forma de ciência, a Mecânica Quântica (CARVALHO, 2015, p. 198).

Rocha Filho (2007, p. 46), afirma que as consequências desta descoberta e da formulação da Física Moderna, apontaram para a necessidade de romper com as perspectivas tradicionais de tempo, espaço e matéria, assunto que será retomado posteriormente. Pode-se observar que de 1875 a 1900 algumas sementes foram lançadas para o rompimento de paradigmas tanto científicos quanto sociais.

1.1.1 Brasil e as Sementes de um Novo Tempo

Enquanto isto, no Brasil, a década de 1880 assinalou a expansão industrial no país, ocasionando mais empregos e a abertura de novas fábricas (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 335). Além da produção em massa de cana de açúcar e café, nas quais o município de Maricá/RJ destacava-se como um dos principais produtores do estado (BRUM, 2016, p. 47).

De acordo com o autor, historiador e professor maricaense Nilton César Marins Brum (ibid, p. 41) no ano de 1883, um fato registrado no jornal *Gazeta de Notícias* chama atenção para duas jovens mulheres negras e maricaenses que haviam migrado da cidade natal (Maricá) para o centro do Rio de Janeiro a fim de trabalhar no zungu². A notícia informa a prisão de sete mulheres, dentre elas, as irmãs maricaenses delatadas como desordeiras e prostitutas. Brum (ibid) cita que possivelmente, estas mulheres eram ex-escravas que estavam angariando fundos a partir do angu e do zungu, lutando por manter sua liberdade provisória.

Anos mais tarde, aqui no Brasil, em 1887, a mulher reaparece aliada a possibilidade de liberdade. A Princesa Isabel, que devido ao adoecimento de seu marido regia a monarquia, assume o governo num período de pressões políticas externas e internas (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 307). Pois, a escravidão havia sido extinguida em todo o mundo, praticamente.

E, os quilombos se multiplicavam em torno da área urbana da cidade do Rio de Janeiro. E, um destes, o quilombo do Leblon se tornou famoso pelo cultivo das camélias brancas, o

²Moradia coletiva na qual viviam as populações com baixo poder aquisitivo e os escravos, geralmente, compartilhando do mesmo quintal da quitanda, onde os produtos de venda eram oferecidos (BRUM, 2016).

movimento abolicionista associou a flor à Abolição e os adeptos passaram a utilizar camélias na lapela, como sinal de adesão ao movimento e proteção aos escravos. “O abolicionismo se convertia, portanto numa grande causa, forjando o sentimento e a imaginação dos brasileiros” (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 310).

Assim, simbolizado pela flor frequentemente associada ao feminino, a condição da liberdade das pessoas escravizadas, foi tomada como questão e tornou-se um movimento social. De modo que a Abolição se concretizou na Lei Áurea em 13 maio de 1888, e a princesa Isabel que a promulgou, passou a ser lembrada como a “redentora dos negros”, quando, na realidade, o movimento pela abolição teve caráter decisivo neste processo, inclusive para coesão dos brasileiros em torno de temáticas específicas acerca do que se esperava do país (ibid, p. 307-310).

Em 1889, o Brasil se tornou República. E, se a imagem do império era o índio e o negro, a deste novo tempo seria a da mulher heroica. “A associação desse tipo de representação com a República estava presente já na tradição clássica, especialmente romana [...]” (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 319). Mas, apesar de inclusive na França a figura da mulher ser utilizada para este fim, aqui ela falhou. Devido ao enorme contraste entre a imagem e a mulher brasileira deste tempo, que tinha como espaço apenas a casa, vestimentas compridas e sem participação política (ibid), mesmo sendo a flor também símbolo do feminino, a liberdade ainda não alcançara às mulheres.

A escravidão que marcou o país fez-se presente no município para produção agrícola, principalmente da cana de açúcar, e, é contada através das ruínas das senzalas que ainda existem no território maricaense. Os primórdios da industrialização do país também passaram por Maricá, como se pode atestar na construção da Estrada de Ferro da década de 1880 (BRUM, 2016, p.62).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) se nota que entrelaçamento do progresso de Maricá e do Brasil, pode-se observar também quando em 1889, um ano após a abolição escravidão, o município foi elevado à categoria de vila, ou seja, de cidade devido ao seu crescimento e desenvolvimento.

Conforme Santos e Sacramento (2011, p.3), a ênfase ao progresso, a tentativa de modernizar o Rio de Janeiro e construir um Brasil Republicano visava aliar: beleza, disciplina, higienização moral e física. Para, desta forma, remodelar o Rio aos moldes de Paris e elevar o Brasil a categoria de moderno, retirando as marcas da colonização da arquitetura, das vestes e dos costumes.

Mas, a palavra modernidade vinha acompanhada de costumes e regras quando o corpo era feminino, conforme as autoras (ibid) e não da expressão “revolução” citada por Schwarcz e Starling (2019) ao se referirem a este período com relação aos eventos exteriores e a aceleração do tempo trazida pelo desenvolvimento tecnológico.

Isto pode ser compreendido na descrição de Santos e Sacramento (2011, p. 3), as mulheres não poderiam andar desacompanhadas, deveriam casar-se com homens mais velhos e habitar somente o contexto doméstico, a virgindade era considerada essencial para que a jovem se casasse e garantisse a linhagem da família, proporcionando a noiva status e funcionando como objeto de valor político.

A adolescência era algo inexistente, já que as meninas passavam da infância para a maternidade, visto que o casamento poderia ser aos 12 anos. O sexo era restrito ao casamento e voltado somente para a reprodução (ibid). A escolha do marido era efetuada pelo pai da noiva, assegurando os interesses econômicos familiares.

O mundo externo e tecnológico era o local da palavra revolução, mas transformações maiores ainda estavam por vir e o corpo feminino, assim como todos os corpos, notaria os prós e contras do que se chama progresso.

1.2 Reconhecendo a Modernidade (1900- 1925)

Em 1902, Carl Gustav Jung alcança o grau de doutor na academia escrevendo *Sobre a Psicologia e Patologia dos Fenômenos Ocultos*. A presença da mulher na elaboração da psicologia complexa pensada por Jung era literal e encarnada por sua prima, Heléne Prieswerk. Observando e descrevendo os fenômenos ocultos que emergiam nas sessões de mesas giratórias com ela, que sofria de sonambulismo e em meio a conversas, neste estado, pareciam comportar-se perfeitamente como parentes já falecidos, de modo a impressionar até mesmo seus familiares (MARALDI, 201, p. 41).

Em 1904, Jung era responsável por realizar pesquisas experimentais no laboratório da Clínica Psiquiátrica da Universidade de Zurique, registrando reações do teste de associação de palavras junto a Frank Rilkin, seu colaborador. O experimento consistia em observar o tempo de resposta a um determinado estímulo e as reações geradas por estes, fazendo uso também do psicogalvanometro. Assim, inicialmente, de modo empirista, Jung, o psiquiatra suíço propõe a teoria dos complexos estabelecendo relações entre o tempo cronológico e as vivências emocionais. Observando por meio do teste associativo dois tipos de perturbações nas respostas, no primeiro apareciam experiências subjetivas emocionalmente intensas; e no segundo, havia

respostas impessoais e objetivas. Estas respostas deviam-se aos complexos, núcleos de energia autônomos, emocionalmente e energeticamente carregados (SHAMDASANI, 2015, p. 60-61). Aqui nota-se Cronos, claramente testificando e abrindo caminho para a Psicologia Complexa.

Energia foi uma nomenclatura extraída do campo da física (JUNG, 2017, p. 16, OC. VIII, §8), os complexos como núcleos de energia parecem lembrar as partículas que Planck estudou. Citando o campo da Física, no mês de junho de 1905, Einstein postula a teoria da relatividade, lançando os fundamentos, juntamente com físicos que o antecederam, para a mecânica quântica. E, em setembro deste mesmo ano, explica a relação de equivalência entre massa e energia (CARVALHO, 2015, p. 198), sedimentando a possibilidade de uma nova fonte de energia, a utilização de elementos radioativos na área médica para promoção de saúde e a possível construção de uma bomba nuclear de potência até então, inimaginável (MOURÃO, 2005, p. 688).

Em 1906, Jung aplicou a teoria dos complexos para estudar a esquizofrenia, na época denominada *dementia praecox*. O psiquiatra foi afastando-se dos métodos das ciências exatas, encantando-se e iluminando a caverna que desde os quatro anos resolvera adentrar, percebeu que os métodos experimentais e estatísticos continham limitações e resolveu optar pela terapêutica e encontros clínicos como método de pesquisa (SHAMDASANI, 2019, p. 10-12), começando a corresponder-se com Freud no mesmo ano.

O teste de associações e a experiência galvânica fizeram com que a procura para consultar-se com o Dr. Carl Gustav Jung aumentasse (JUNG, 1987, p. 112- 113) e em 1909, ele se desligou do Instituto de Bùrgholzli para atuar especificamente na área clínica, coincidentemente neste mesmo período, seu interesse e pesquisa sobre mitologia, folclore, religião e culturas tornaram-se mais intensos (SHAMDASANI, 2019, p. 11).

Tal interesse justifica-se no fato de que “o estudo da mitologia e da história é, para a psicologia, o que o estudo da filogênese e da anatomia comparada é para a biologia” (SHAMDASANI, 2015, p. 235). No entanto, isto, ocasiona o rompimento da relação entre Freud e Jung, sendo acusado pelo pai da psicanálise de deixar-se levar pelo ocultismo e misticismo, abandonando o que se compreendia como ciência. Esta separação custou a ambos um mergulho e aprofundamento de suas teorias, assim como ressignificações pessoais. Mas, graças à busca constante por temas mitológicos, Jung publica *Símbolos e Transformações da Libido* em 1912, apontando neste texto novos caminhos e uma linguagem possível para a psicologia (ibid).

Conforme Shamdasani (2015, p. 259- 260), na obra acima citada, Jung faz uso do método comparativo da antropologia para analisar uma vastidão de mitos. Chegando à

conclusão de que estes são símbolos da *libido*, a energia da vida, em seus movimentos típicos, apontando para uma a capacidade hereditária de acessar a imagens acumuladas da experiência da humanidade. A este repositório de experiências, Jung chamou de *alma supraindividual* ou *inconsciente coletivo*, que composto por arquétipos, pode ser compreendido como o retorno da história na alma individual, ou dito de outra maneira, como um inventário da humanidade e do mundo, que se revelam por sonhos, mitos e até mesmo temáticas de vida.

O inconsciente coletivo- até onde nos é possível julgar parece ser constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica, e, por essa razão os mitos dos povos são verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo. Toda mitologia seria uma espécie de projeção do inconsciente coletivo (JUNG, 2018, p. 97, OC.VIII, §325).

Acerca do movimento da libido, conforme o autor (ibid, p. 52,§77), a energia psíquica pode mover-se de maneira introvertida ou extrovertida. Estando no primeiro caso, voltado para o mundo interno, para as emoções, imagens, afetos, podendo ser simbolizada pela casa; já no segundo caso se relaciona ao mundo externo e seus objetos. Pode-se perceber, neste sentido, o quanto o corpo feminino fora imposto a ocupar o espaço da casa, como símbolo desta introversão e como o homem passa a ocupar o espaço social, apontando para a extroversão. De maneira que, a luta da mulher por um lugar na sociedade, neste período, pode ser vista também uma questão economia da energia psíquica.

Esta distribuição de energia que a nível internacional promovia a conquistas de territórios, e uniu o mundo como um sistema; proporcionou, no outono de 1913, que o contato com o inconsciente se se torna ainda mais intenso para Jung (1987, p. 152- 176). Que neste período, teve uma visão, na qual via os países da Europa destroçados, o mar, tais quais torrentes de sangue e inúmeras pessoas mortas. A visão tomou-o completamente por uma hora e desde então, passou inclusive a desconfiar de uma psicose, no entanto, uma série de três sonhos no ano seguinte, 1914, levou-o a compreender o que estava se passando, pois “*em decorrência de sua relatividade espaço-tempo, o inconsciente tem melhores fontes de informação que a consciência*” (ibid, p. 274). Sua experiência individual ligava-se aos fenômenos coletivos que se desenrolariam. Assim, em primeiro de agosto de 1914 a Primeira Guerra Mundial irrompeu, estavam postos os fundamentos que revolucionariam a psicologia e transformariam o mundo.

Walter Boechat, médico e expoente da psicologia complexa escreve sobre a importância deste que Jung viveu, afirmando que o mesmo fora fundamental para a gestação de toda a obra junguiana, uma vez que os fenômenos da guerra coincidiram com a fase de conflito emocional e transformação pessoal e profissional vivenciada por Jung. Propiciando um mergulho mais

profundo no estudo da mitologia, da sincronicidade e de suas próprias imagens que levaram Carl Gustav Jung a elaborar o método da imaginação ativa³ e a destacar a criatividade enquanto elemento central no processo psicoterapêutico e na vida. Deste mergulho surgiram os Livros Negros e o Livro Vermelho (BOECHAT, 2014, p.27-38).

Coube a Jung (ibid, p. 94-97), demonstrar que quando as emoções são personificadas a consciência pode estabelecer um diálogo mais eficaz com os conteúdos do inconsciente, facilitando a integração dos mesmos e revelando a capacidade de organização da totalidade da psique em direção ao processo de individuação⁴ pela via da produção simbólica. Ou seja, Jung revelou uma saída criativa para os conflitos psíquicos dando ênfase ao que hoje se conhece como uso de técnicas expressivas⁵ em psicoterapia.

Uma nova compreensão sobre eventos temporais foi inaugurada para a Psicologia Complexa e a Física Moderna, alguns fenômenos demonstraram que de “*certa forma sabemos que não estamos presos ao tempo ou ao espaço, e que não somos isolados do resto do universo e continuamente isso se apresenta à consciência de diferentes maneiras*” (ROCHA FILHO, 2015, p. 107). Como por exemplo: sonhos premonitórios, coincidências significativas e até mesmo sonhos comuns (ibid). À ocorrência deste evento, Jung denominou sincronicidade,

Um conteúdo inesperado está ligado direta ou indiretamente a um acontecimento objetivo exterior, que coincide com o estado psíquico ordinário: isto é o que chamo de sincronicidade, e sou de opinião que se trata exatamente da mesma categoria de eventos, não importando que sua objetividade apareça separada da minha consciência no espaço ou no tempo (JUNG, 2019, p. 39, OC. VIII, §855).

A sincronicidade em seu caráter desvelador de símbolos apontou a Grande Guerra a Jung e outros tais, como por exemplo, Ludwig Meidner que de acordo com Shamdasani (2019, p. 17) pintou de 1912 a 1914 uma série de cenas com cidades destruídas, pessoas mortas e grande tumulto, a relatividade do tempo sobre a qual Einstein escreveu, fora exemplificada por meio da *sincronicidade*.

De acordo com Burigana (2014, p. 44), no início do século XX, a Primeira Guerra Mundial se anuncia como uma onda devastadora, que trouxe à tona o lado sombrio do

³Técnica de diálogo entre a consciência e o inconsciente, desenvolvida por Carl Gustav Jung e bem observada no Livro Vermelho. O livro Memórias, Sonhos e Reflexões (JUNG, 1987) também explicita o método e como foi desenvolvido.

⁴ Processo pelo qual se torna quem se é. Descrito por Murray Stein como um despertar e desenvolvimento da consciência, acerca deste tema recomenda-se o livro do autor referido *Jung, e o Caminho da Individuação* (Cultrix, 2020).

⁵ Refere-se ao uso de materiais expressivos tais como: argila, lápis de cor, tintas, expressões corporais, uso de técnicas teatrais e tantas outras que envolvem o processo de imaginação na elaboração de questões.

desenvolvimento industrial, a partir do poder bélico alcançado pelos países europeus e as alianças formadas a partir do assassinato do casal herdeiro do trono Austro-húngaro cometido pelo bósnio Gavrilo Princip, em 28 de junho de 1914.

Este assassinato foi percebido como “*começo do fim*” (BURIGANA, 2014, p. 43), foi o estopim para que a tensão entre as potências da Europa se tornasse atrito, faísca, pólvora e bombas. A Tríplice Aliança formada por Alemanha, Império Aústro Húngaro e Itália pelejou contra a Tríplice Entente, composta por Inglaterra, Rússia e França (ibid).

No entanto, como observa Hobsbawm (1994, p. 31) quase todo o globo esteve envolvido na guerra com exceção de Portugal, Espanha, Irlanda, Suécia, Suíça e possivelmente do Afeganistão. O autor continua escrevendo que “[...] um caos de cratera de granadas inundadas de água, tocos de árvores calcinadas, lama e cadáveres abandonados [...] avançavam sobre as metralhadoras, que os ceifavam” (HOBSBAWM, 1994, p. 33). De acordo com Coggiola (2014), a finalidade última da Primeira Guerra era expansão territorial.

Ambas as frentes de guerra tentaram usar da tecnologia durante a batalha, os alemães com o gás venenoso, que foi considerado “*o único caso autêntico de repulsa humanitária governamental a um meio de fazer guerra*” (HOBSBAWM, 1994, p. 35), ocasionando a Convenção de Genebra, na qual os países se comprometiam a não usar a guerra química. Aeronaves, submarinos e bombas de gás hélio marcaram presença de forma nefasta nesta guerra, mas o mundo ainda estava para ver destruições ainda maiores ocasionadas por fome de poder, pela evolução tecnológica e científica usada para guerrear.

A I Guerra Mundial trouxe consigo feridas materiais e espirituais, deixando um rastro impressionante de mortos e mutilados, e gerando milhões de refugiados, muitos dos quais foram forçados a deixar suas casas, uma vez que haviam se tornado, de repente, estrangeiros mal tolerados na sua terra natal (BURIGANA, 2014, p. 44).

Com a Grande Guerra, como ficou conhecida, nasceu um novo mundo, surgiram novos estados e novas potências mundiais emergiram. Carl Gustav Jung pontua que a emergência da Primeira Guerra Mundial, era considerada uma fábula na época, isto, porque se supunha que um mundo organizado racionalmente em escala internacional, não sucumbiria a tais feitos (JUNG, 2018, p. 15, OC. X, § 371). E que na realidade ela “*foi um terrível ajuste de contas com a intencionalidade racional da civilização*” (JUNG, 2017, p. 62, OC.VII, §74).

O corpo feminino também foi atravessado pela onda revolucionária que indústrias e guerras causaram, passando a ocupar papéis distintos conforme as classes sociais que fazia parte, José Oiticica citado por Feltrin (et al, 2018, p. 5) ilustra a situação de 1915 no Brasil, associando a figura da mulher a casa, no caso da aristocrata delegando funções para as

serventes, administrando associações de caridade. No caso da mulher de classe médica notava-se sua presença nas atividades domésticas e no cuidado com os filhos. E, a mulher proletária envolta nos serviços domésticos e nas fábricas como criada sem espaço para desenvolvimento de aptidões.

A casa aparece como espaço da mulher, independente da classe e cor, porém com atividades distintas que variam conforme estas mesmas classificações. E, ao longo do tempo as tarefas domésticas e o cuidar dos filhos foi sendo desconsiderado como trabalho e a necessidade, imposta pela modernidade, de ter uma ocupação assalariada tornou-se crescente, de forma que as mulheres passaram a desempenhar múltiplas atividades (ibid).

Conforme Hobsbawn (1994, p. 36 - 41), em 1918 a guerra cessou e instaurou-se uma grande crise econômica a nível mundial. Thompson (apud Oliveira, 2004, p. 84) cita que com as longas jornadas de trabalho, as mulheres que eram mães precisavam organizar sua rotina de vida de modo a dedicar-se também aos filhos, além do seu ofício, muitas crianças adoeciam e vinham a óbito. E, ao desempenhar estes papéis, não havia tempo para o cuidado consigo mesma.

A Primeira Guerra e arte favoreceram o crescimento exponencial dos veículos de comunicação de massa, e a câmera foi tomada como instrumento pelo qual a verdade, a foto, era revelada e anexada as notícias nos jornais impressos. Assim, as notícias circulavam chegando as pessoas alfabetizadas (HOBBSAWM, 1994, p. 191- 193).

No Brasil, no período de 1900 a 1920, houve grande aumento no número de greves; e em condições precárias de trabalho, a classe operária revelou-se a nova protagonista da vida do país. Mulheres e crianças compunham o contingente de mão de obra. A crise de 1917 atingiu a maior parte da população de São Paulo e de 50 mil a 70 mil operários no Rio de Janeiro (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 346- 348).

Segundo as mesmas autoras (ibid), neste momento de frustração com relação ao Brasil República, se passou a imaginar um Brasil moderno, ao qual, a arte, o desenvolvimento da comunicação e da tecnologia parecem ter impulsionado. Cita-se enquanto exemplo, deste processo o que aconteceu em Maricá, conforme Brum (2016, p. 67) em 1920, um projeto de 1909, o jornal *O Maricaense* foi retomado e sua distribuição passou a ser semanal em Maricá. Este fato é de extrema relevância para o município. Uma vez que antes mesmo de haver o primeiro prefeito em Maricá, fato que ocorreu em 1924, já havia um jornal em circulação.

A década de 1920 marcou o país como um todo. Schwarcz e Starling (2019, p. 338), destacam 1922, centenário do Brasil independente. A Semana de Arte Moderna acontecendo, identificada posteriormente como o marco zero para compreensão da reação da geração que

rompera com os paradigmas, até então, vigentes, sendo a arte e a literatura fundamentais para ocasionar a noção de modernismo. Era preciso redescobrir o Brasil,

De todo modo, se o país começou a República encantado com a modernidade, terminou seus anos 1920 entre angustiado e ansioso para conhecer certa “brasilidade”, rever seu passado e projetar um novo futuro [...] parecia ter chegado a hora de buscar modelos de identidade nacional, construídos a partir do sementeiro da especificidade: a até então surrada mestiçagem que de biológica vira cultural (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 350).

Em dezembro de 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino organiza o I Congresso Internacional Feminista, no Rio de Janeiro, com intuito de promover espaço para discussão e propagação da luta pelos direitos das mulheres. A advogada Mirtes Campos, nascida em 1875, primeira mulher a advogar no Brasil ficou incumbida de defender a posição das feministas constitucionalmente quanto ao direito do voto (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 431- 432).

1.3 Novas Trincheiras (1925-1950)

No período entre guerras, a arte desdobrou-se em mais um campo, o cinema. E para cada jornal comprado, havia dois ingressos de cinema pagos (HOBSBAWN, 1994, p. 189). As trincheiras da guerra passaram a habitar o mundo dos civis, pois, de acordo com o mesmo autor (ibid, p. 90- 95), os Estados Unidos saíram como maior credor e a taxa de desempregados subiu alarmantemente nos países que saíram prejudicados com a batalha.

As trincheiras no Brasil foram postas pela via da arte através da proposta de “um abasileiramento do Brasil”, a palavra-chave passou a ser antropofagia por meio do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade de 1928. As experiências com as culturas diversas que se miscigenaram no Brasil, deveriam criar e não meramente repetir padrões externos de arte (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 339).

Em 1931, foi promovido no Rio de Janeiro o Segundo Congresso Internacional Feminista que enviou ao governo Vargas as conclusões dos debates acerca do direito do voto feminino, este fora conquistado em 1932 com publicação oficial do novo Código Eleitoral (SCHUMAHER e BRAZIL, 2000, p. 432).

Conforme Schwarcz e Starling (2019), a década de 1930 a 1940 revelou-se profícua quanto à produção literária e artística: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Carmem Miranda estrelaram este período. Esta última brasileira,

segundo as autoras (ibid), também de origem portuguesa, simbolizou uma feliz coincidência no projeto de um Estado Novo, já que a artista era brasileira e por tanto, mestiça, suas músicas de letras, por vezes, indecifráveis, levaram o Brasil para o centro de Hollywood. Nas palavras das autoras ao “final de cada apresentação, Carmem tinha reinventado o Brasil. Ela dissolvia numa brasilidade genérica negros, brancos, e índios, e celebrava um país híbrido, alegre e harmônico” (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 380).

Porém, se no Brasil algumas conquistas culturais eram celebradas, no contexto ocidental e econômico a crise instalara-se e o filme *Tempos Modernos* (1936) de Charlie Chaplin, ilustra este período. Na cena inicial, veem-se pessoas movimentavam-se, tal qual rebanhos cercados por cercas com um caminho pré-definido e cronometrado, sem tempo para incômodos pessoais ou prazeres. É esta, a vida moderna e urbanizada que o operário encarnado por Chaplin vive com sua rotina de apertar as porcas de parafusos, movimento que se torna contínuo para ele ao ponto de chegar a ser levado a um sanatório, perdendo também seu emprego e liberdade.

Conforme Jung, o Estado, organizado desta maneira “suga seus tributos dos indivíduos de maior vitalidade [...] tornando-os escravos de seus estrategemas pendulários” (JUNG, 2017, p.155, OC. XVIII, §1319). Isto produz a dissipação da energia, tornando o sistema ineficaz e a oscilação acaba por produzir uma devastação psíquica (ibid) como se pode observar nas cenas seguintes do filme e na busca por equilibrar os investimentos externos e internos.

Na saída do hospital, o médico recomenda-lhe que não se excite e mantenha a calma; e paradoxalmente, ele tem de voltar a cidade acelerada e cronometrada, onde é confundido com um líder da manifestação dos desempregados e ex-operários e levado preso.

A vida do operário começa a ter algum colorido quando conhece uma jovem filha de pai desempregado, a qual para manter seus irmãos e pai nutridos, rouba frutas e outros mantimentos. O encontro do protagonista com a jovem, recorda ainda outra temática junguiana que se busca descrever neste trabalho, o encontro com a anima, com a alma. Pois, a nutrição, o sentimento de lar e o contato com o mundo das emoções que se desenvolvem a partir do início da jornada junto a jovem, parecem atuar em atitude compensatória dada a vida que o operário levava. Esta compensação proporcionaria a promoção do equilíbrio dos investimentos energéticos dentro e fora, conforme a descrição de Jung (2017, OC.VIII, § 96).

O filme (ibid) parece retratar a busca do operário imerso num contexto em queo imperativo é funcionar, atuar como parte que compõe o sistema, um apertador de porcas. Uma peça da fábrica que não pode parar, pois, a economia torna-se a ciência que rege o mundo ocidental, de acordo com os autores Kast (2019, p.15) e Jung (2017, OC. XVIII, §1.319) o dinheiro é o símbolo da energia do estado, mas o encontro com a jovem possibilita ao

protagonista descobrir outros modos de ser e estar no mundo, reimaginando o espaço da casa como *lar*.

A Primeira Guerra mudou a economia dos países e conseqüentemente, a vida de muitos conforme demonstra Hobsbawen (1994) e o filme *Tempos Modernos* (1936) descreve o período entre guerras, o operário e a jovem são representantes de homens e mulheres daquela época, e Chaplin parece anunciar um período ainda mais instável na cena final da película. Na qual, homem e mulher de mãos dadas, assumem a jornada incerta na estrada da vida, o postulado dos viventes da modernidade como viajantes estava ali anunciado.

De 1930 a 1960, o feminismo em sua fase primeira sofreu um enfraquecimento a nível ocidental (PINTO, 2010, p. 16). No filme, pode-se notar o quanto a vida da mulher e o lugar da mulher na sociedade ainda estavam intimamente ligadas ao papel de esposa, conforme se nota nos devaneios do operário e da jovem dançarina.

Em 1939, a Segunda Guerra eclodiu. E, para o historiador Coggiola (2014) as causas da Segunda Guerra foram, principalmente, de ordem econômica e política. Chegando a afirmar que

A Segunda Guerra Mundial foi, em definitiva, o método capitalista para encontrar uma saída à depressão econômica mundial da década de 1930, originada na crise de 1929, em termos capitalistas: a destruição das forças produtivas, do potencial produtivo da humanidade (COGGIOLA, 2015, p.122).

Das marcas da I Guerra, se originou a segunda que perdurou de 1939 a 1945, estas marcas aprofundaram ainda mais os traumas da primeira, visto que o número de mortes de forma direta e indireta matou oito vezes mais pessoas que a primeira em torno de quatro a cinco por cento da população mundial da época (COGGIOLA, 2015, p.5).

O Brasil chegou a envolver-se na Segunda Guerra de maneira mais intensa do que com a I Guerra. Vargas, presidente durante os anos de 1930 a 1945, apoiou os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e enviou aproximadamente 25 mil homens para o combate, em troca de empréstimo para tirar do papel o projeto de industrialização do país (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 385).

Em, 1943 (BRUM, 2016, p. 83 -85) sucede algo interessante em território maricaense envolvendo a Segunda Guerra Mundial. Uma batalha travada entre o céu e o mar. No céu um avião brasileiro avista um submarino nazista, que quase o bombardeia. Mas, o piloto reage e se utilizando da metralhadora acerta o submarino que afunda em águas maricaenses. Além disto, a participação do maricaense Luiz Manoel Ferreira na Força Expedicionária Brasileira, como

soldado na Segunda Grande Guerra precisa ser destacada. O soldado morreu como herói na batalha de Monte Castelo.

No início da década de 1940, os Estados Unidos, revelaram súbito interesse pelo Brasil e países das Américas Central e do Sul. O Presidente estadunidense, Roosevelt instituiu a *Política de Boa Vizinhança* propondo aos países auxílio econômico, tecnológico e militar. O cinema, aliado as demais medidas citadas, foi utilizado como instrumento para alimentar a ideia de um pan-americanismo. O próprio Walt Disney passou pelas Américas a fim de produzir filmes que apresentassem ao mundo estes locais (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 380-385).

Conforme as autoras (ibid), o filme *Você já foi a Bahia?* (1945) teve como protagonista o papagaio Zé Carioca, que encantou a brasileiros e projetou no exterior uma imagem positiva do país, apesar do papagaio mostrar-se um tanto quanto preguiçoso e biscateiro, também carrega a simpatia, a bossa, o samba, o futebol, arte de aprender depressa e a de dar um “jeitinho” nas situações adversas⁶.

Sobre o período pós Segunda Guerra Mundial, Jung explica o fenômeno da culpa coletiva instaurou-se nos contemporâneos as Grandes Guerras, transcendendo limites espaciais e humanos, colocando “*uma dívida atroz acerca da humanidade a que pertencemos*” (OC. X, p. 34, § 412).

Pois, através do desenvolvimento da física, química e das indústrias a Segunda Guerra Mundial promoveu o maior massacre que o mundo já vivenciou, por meio da bomba apelidada ironicamente de *Little Boy*, o pequeno que dizimou milhares de pequeninos (MOURÃO, 2005). A fórmula de Einstein (1905) aplicada a intenções maléficas, ao ver o teste da bomba em 15 de julho de 1945, o cientista Oppenheimer lembrou-se de uma citação do texto em sânscrito do Bhagavad Gita: “*sou Shiva, o destruidor de mundos*” (MOURÃO, 2005, p. 692).

A bomba atômica produziu efeitos arrasadores. Nos primeiros milionésimos de segundos, a energia térmica liberada na atmosfera transforma o ar em uma bola de fogo de aproximadamente 1 km de diâmetro. Durante alguns segundos um calor de vários milhões de graus paira sobre Hiroshima. No solo, a temperatura atinge vários milhões de graus sob o epicentro da explosão. Num raio de 1 km, tudo foi instantaneamente vaporizado e reduzido a cinzas; até 4 km do epicentro os prédios e os seres humanos sofreram combustão instantânea e espontânea; num raio de 8 km, as pessoas sofreram queimaduras de 3º grau.

⁶O “jeitinho” brasileiro parece apontar para a presença de Hermes na psicologia do Brasil, visto que este deus representa a sagacidade e inventividade conforme Barcellos (2019), além de outros atributos que serão apresentados mais a frente.

Após o calor, ocorreu uma onda de choque que provocou um efeito devastador, causado pela enorme pressão devida à expansão dos gases; essa onda de choque progrediu a uma velocidade de 1.000 km por hora, como se fosse um muro de ar sólido. Ela reduziu a pó tudo o que se encontrava num raio de dois quilômetros. Dos 90 mil prédios da cidade, 62 mil foram completamente destruídos.

Um efeito ainda pouco conhecido em 1945 foi a radioatividade espalhada pela explosão nuclear, que provocou câncer, leucemia e outras doenças. Ela disseminou um terror muito maior do que outras consequências, pois suas manifestações só apareceriam dias, meses e até mesmo anos após a explosão (MOURÃO, 2005, p. 698).

O poeta Vinicius de Moraes escreve sobre os efeitos da bomba atômica em *A Rosa de Hiroshima*, convidando aos leitores a pensarem na figura das crianças transmitindo umas às outras telepaticamente a mensagem daquilo que estavam vivenciando, a refletir sobre as mulheres e em seus caminhos transformados abruptamente após aquela explosão. E, solicita que não haja esquecimento do que *Little Boy* plantou após devastar vidas, uma semente sua em cada corpo, uma rosa hereditária, radioativa, sem perfume, “sem rosa sem nada” (MORAES, 1954, p. 155). De modo que, o mundo após a bomba nuclear parece de fato ter se diluído em milhares de partículas subatômicas, tal qual, *Oppenheimer* (MOURÃO, 2005) predisse em suas observações.

Mas, “a humanidade sobreviveu. Contudo o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, enquanto suas colunas ruíram. Não há como compreender este século sem ela. Ele foi marcado pela guerra [...]” (ibid, p. 30). As Guerras determinaram o mundo atual, inaugurando as bases para a pós-modernidade pela via das partículas invisíveis fluídas.

Ao referir-se das consequências que as Guerras trouxeram, Bauman escreve “o mundo seguro afundou e se afogou, sem esperança de ressurreição, nos rios de sangue humano despejados despropositada e insensatamente” (BAUMAN, 2009, p. 81).

A catástrofe, porém, parece tender a despertar a consciência humana e o instinto de autopreservação. Carl Gustav Jung (2018, OC. X) descreve contextos que podem favorecer a irrupção de eventos trágicos. Tais como, a concentração de massas nos centros urbanos com ocupação unilateral, promovendo o afastamento do homem de instintos sadios. E, também, um Estado construído e alimentado por indivíduos que o veem como garantidor total, por meio de assistência contínua, retirando a responsabilidade pessoal na construção da sociedade e trajetória individual. E, além disto, outro fator que propicia a degradação é um Estado regido sob a influência da psicose de massa, tal como sucedeu a Alemanha e eclodiu em todo o mundo

por meio da guerra, pois “no momento em que o mal irrompe no mundo, ele já eclodiu por toda parte no âmbito psíquico” (JUNG, 2018, p. 33, OC. X, § 411). O perigo, alerta ele “não é a chama alemã, mas a desintegração nuclear que coloca na mão do homem o instrumento de autodestruição total” (ibid, p. 78, OC. X, § 485).

A dor e a conquista parecem caminhar juntas, ainda que, por vezes, em caminhos paralelos. Pois, além das marcas do sofrimento da Segunda Guerra no fim da década de 1940, exatamente em 1949, Simone Beauvoir publica o livro *O Segundo Sexo*, fundamental para a segunda onda que adviria do feminismo, estabelecendo uma das máximas do feminismo “não se nasce mulher, se torna mulher” (BEAUVOIR, apud PINTO, 2010, p.16).

E, em 1950, no Brasil o otimismo e a esperança, eram sentidos também, mas devido aos avanços no setor industrial do mundo pós guerra que inflaram o desejo de construir um Brasil novo, e, isto, se verificava mais uma vez também na produção artística. A consolidação da sociedade de massa no país possibilitou graças as propagandas publicitárias, a expansão dos meios de comunicação por meio dos rádios, televisão, jornais e revistas (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 417- 419).

Sufrimento, progresso, o corpo da mulher, a comunicação e a arte perpassaram todo este tópico apontando a transformações ocorridas a nível ocidental, nacional, estadual e municipal.

1.4 Anos Pós Guerras (1950-1975)

De acordo com Hobsbwan (1994, 90 - 95) após o fim das guerras, os Estados Unidos, potência emergente, expandiu sua influência do nível econômico ao político e ideológico o que resultou na penetração da cultura norte-americana nos países latino-americanos. Difundiu-se, portanto, em todo o mundo ocidental, a esperança de que havia surgido um novo modo de viver proporcionado pela produção em massa. A sociedade urbano-industrial estava sendo formada tendo como base uma política desenvolvimentista que estimulava o consumo e o desejo do novo.

A busca pelo novo, neste período esteve presente também no desenvolvimento de tratamentos psiquiátricos no Brasil trazendo articulação entre arte, ciência, psicologia e a mulher. Neste sentido, destaca-se a psiquiatra Nise da Silveira (1987) que desde a o fim da década de 1940 vinha desenvolvendo oficinas no setor psiquiátrico do Hospital Pedro II e que em 1952 funda o Museu de Imagens do Inconsciente e um grupo de estudos sobre a obra de Carl

Gustav Jung articulando a prática no hospital psiquiátrico que se utilizava de recursos expressivos como oficinas de pintura, modelagem, colagem entre outras com a psicologia complexa. Este grupo perdura até a atualidade na Casa das Palmeiras no Rio de Janeiro.

Ainda percorrendo a temática da arte enquanto expressão nas décadas de 1950 e 1960 nota-se no filme que ilustra parte da vida de Margareth Keane, *Grandes Olhos* (2015); que o lugar da mulher na sociedade ocidental precisava ser tomado com esforço, isto é, tal como o acesso ao Reino dos Céus⁷; este lugar exigia e exige sacrifícios.

O filme se inicia com Margareth, sua filha e a arte rumo a possibilidade de assumir-se como mulher independente. A mulher recém separada, neste período, tal como a protagonista estava, beirava a invisibilidade sem o sobrenome do marido e “desquitada”⁸. Neste contexto, Margareth casa-se com Walter Keane, que de início mostrava-se como a salvação para que a guarda de sua filha não fosse tomada pelo ex-marido e para que o seu lugar no mundo social fosse assegurado por meio da pintura.

Mas, Walter, sob a persona de gentil, não demonstra sua real intenção, com o passar do tempo o conteúdo sombrio, vai sendo revelado. Walter manifestava a parte sombria de Hermes que de acordo com Barcellos (2019, p. 82-97), demonstra trapaça e diálogo persuasivo especialmente no comércio. Walter mediava às relações da esposa e suas produções com o mundo, tomando para si a fama. Como argumento para manter a Margareth em silêncio, utilizava-se do desprestígio da mulher aos olhos sociedade da época.

Os grandes olhos das crianças pintadas nas telas, por Margareth, simbolizavam o canal de expressão mais próprio da artista. A qual, na infância, ao passar um tempo muda; expressava e identificava as emoções através deste canal; que para ela são as janelas da alma. Curiosa coincidência, apenas os olhos poderem falar e a voz não ser ouvida, justamente, o campo de luta do movimento feminista (PINTO, 2010). Mas, ao casar-se e passar a assinar as pinturas como Keane; entregou o que lhe era mais próprio a Walter.

Conforme o filme (2015) demonstra, Margareth e Walter estavam polarizados. Fato que se pode notar na cena em que o casal está na galeria, expondo as artes que supostamente eram de Walter. E, enquanto ele recebe, conversa, sorri e se posiciona como o artista, Margareth está a servir bebidas e circular pela galeria como quem procura seu espaço. O casal refletia a polarização do próprio mundo no pós-guerra.

⁷Conforme as palavras de Jesus, descritas no evangelho de Mateus.

⁸ Palavra advinda do vocabulário jurídico, mas que no âmbito corriqueiro era assimilada como um vocabulário chulo e depreciativo.

No início da década de 1960, a pílula anticoncepcional começa a ser comercializada, tornando-se o símbolo concreto da emancipação da mulher com relação ao homem e ao sexo (ALVES e ALVES, 2013, p. 116).

Em meio a estes acontecimentos, Betty Friedan publica o que ficou conhecido como a “bíblia” do novo feminismo, o livro *A Mística Feminina* (PINTO, 2010). Deste modo,

Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p. 16).

Enquanto na Europa, os ideais de libertários ganhavam espaço e conquistas. No Brasil, a situação era de repressão total da luta política. A década de 1960 foi marcada pelo regime militar com ideal de expandir o potencial industrial e econômico do Brasil, à custa da liberdade de imprensa e da expressão artística (SCHWARCZ E STARLING, 2019, p. 449), notando-se mais uma vez na história do Ocidente, o poder sobressaltando sob outros instintos humanos.

Neste período de regime militar, Maricá também fora marcada e algumas de suas famílias tiveram seus direitos restringidos (BRUM, 2016, p. 95-110). Apesar disto, percorrendo caminhos paralelos ao do poder tirano; a expressão e o pertencimento, marcas da emoção, foram alçados dando forma a bandeira, brasão e hino do município, este último enaltecendo as belezas naturais de Maricá e a quietude vivida neste local. Conforme Brum (2016, p. 171), a bandeira de Maricá (Figura 1), foi elaborada pelo historiador Alberto Rosa Fioravante e aprovada pela Câmara Municipal de Maricá em 1964, quando José Carlos de Castro Varela era prefeito. Levando as cores: vermelho, simbolizando o valor e intrepidez dos conterrâneos; o branco, referindo-se a paz, a honra e a ordem; e o azul referindo-se ao espírito de tranquilidade e confiança do povo que permaneceu e permanece vivo, acreditando no progresso de sua terra.



Figura 1 - Bandeira de Maricá.

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Maricá, 2020.

O brasão da cidade (Figura 2) também foi elaborado, retratando aspectos de ordem econômica, social e geográfica. A coroa faz referência a marca e importância do Barão de Inoã, figura que cooperou com o avanço do município através da estrada de ferro construída. Inoã é o nome de um dos principais bairros de Maricá. A cruz refere-se à passagem do Padre José de Anchieta pelo local e a fé. O peixe, a laranjeira e as folhas de bananeiras indicam a riqueza do município (ibid).



Figura 2 - Brasão de Maricá

Fonte: Maricá Já, 2018.

Retomando o contexto macrossocial em 1968 na Europa acontece o *Maio de 68* um movimento originado pelos estudantes universitários que se aliaram também aos operários posteriormente, colocando em xeque tanto a ordem acadêmica quanto a insatisfação com os partidos burocratizados da esquerda, compondo mais uma frente de batalha com relação aos paradigmas instituídos (PINTO, 2010, p. 16).

Citando a revolução de paradigmas, vale destacar que a partir da segunda metade do século XX, o feminismo contemporâneo passou a tecer diálogos com História, Ciências Sociais, Crítica Literária e a Psicanálise. Fato que propiciou um reordenamento na história dos movimentos sociais e nas Ciências Humanas em geral. Isto se somou a diversos aspectos na

época e ocasionaram a formatação das últimas décadas do século XX, como também as primeiras do século XXI (PINTO, 2010, p. 15).

De modo que, sobre o tempo que se descreveu até aqui, Bauman (2001), escreve que na modernidade podem-se notar duas fases a pesada e a líquida, a esta que se descreveu até aqui, o sociólogo denominou, modernidade pesada para a qual a metáfora encontrada na física para descrever, foi os sólidos. Pois, neste período da modernidade, a conquista de espaço territorial era o objetivo maior, as riquezas e o poder eram medidos por ele, conforme o período das Grandes Guerras demonstrou.

A rotinização do tempo no espaço mantinha o mesmo interligado, coeso e homogêneo. A fábrica fordista é um grande exemplo, da modernidade pesada. A produção em massa efetuada neste local celebrava o voto entre o capital e o trabalho, aliado a rotinização do tempo. Assim, “o tempo rotinizado prendia o trabalho ao solo, enquanto a massa dos prédios da fábrica, o peso do maquinário e o trabalho permanentemente atado acorrentavam o capital” (BAUMAN, 2001, p. 147). O autor (ibid) chegou a associar esta era da modernidade ao *hardware* pela tendência a lentidão, resistência e certa imobilidade. Mas, estas características também forneciam a vida social regulamentação e notável proteção, uma vez que as situações tendiam a permanecer e garantir identidade e pertencimento (ibid, p. 145- 147).

A sociedade da modernidade pesada dava aos seus contemporâneos o lugar de produtores ou soldados, a norma era ditada por estes papéis sociais, já o local dado pela modernidade líquida aos seus filhos é o de consumidores (BAUMAN, 1999, p. 88). A mudança de ênfase trazida da passagem fase pesada para a leve produziu uma enorme diferença em muitos aspectos da vida em sociedade (ibid).

Em 1969, o movimento hippie, oriundo da Califórnia, Estados Unidos fez contraponto a Guerra do Vietnã e as Grandes Guerras com o slogan “paz e amor”, vinte anos após Hiroshima e Nagasaki, propondo uma sociedade mais voltada para a mutualidade amorosa e para a humanidade (BYINGTON, 2015, p. 286).

Contudo, conforme Byington (2015, p. 285-287), a eclosão dos conteúdos anteriormente reprimidos da sensualidade, ocasionaram uma série de disfunções matriarcais como, por exemplo: drogadição, gravidez precoce, aumento no número de divórcios, anorexia, bulimia, também alimentada pela sociedade de consumo e pelo processo de globalização. O autor parece pontuar a importância dos eventos psicologicamente, propondo a dialética entre os opostos para uma sociedade mais saudável, argumento que será retomado posteriormente.

Em 1969, trazendo a polarização do mundo à tona, novamente, aconteceu algo que intensificou e possibilitou a passagem da fase pesada a líquida, a primeira mensagem via

internet foi enviada. O cenário facilitador foi o desdobramento de pesquisas durante a Guerra Fria, os Estados Unidos, potência mundial desde o fim da Segunda Guerra, necessitavam um meio de comunicação que garantisse o sigilo das trocas de mensagens entre cientistas e militares (SILVA, 2001).

1.5 Advento da Linguagem Tecnológica da Internet (1975-2000)

Este espaço, inaugurado na década de 1970 e mantido em sigilo até 1982, quando foi aberto ao meio acadêmico, rompeu a barreira do tempo e trazia a instantaneidade para o contexto das relações, ganhando o mundo nas décadas seguintes, facilitando a comunicação e divulgação de informações, e trazendo questões peculiares à tona, conforme se notará a seguir (BAUMAN, LEONCINI, 2018).

Como símbolo da segunda fase da modernidade, Bauman (2001, p. 149) traz a metáfora do *software*, enquanto marca a velocidade e da fluidez em contraposição a modernidade pesada, e o *hardware*.

A década de setenta ficou marcada no Brasil, contrastando com a de sessenta, pela presença da mulher na sociedade brasileira e no mundo ocidental. Pois, a Organização das Nações Unidas (ONU, 20--) declarou em 1975 que os dez anos seguintes, seriam dedicados à mulher. Realizando, inclusive, debates no Brasil sobre a relevância da mulher na sociedade.

A presença da mulher na arte também era notada. E, em 1977 ocorre a morte de Maysa, cantora, compositora, atriz e amante da cidade de Maricá. A artista vinha para sua casa situada na avenida que hoje leva seu nome no município, mas no trajeto, exatamente na ponte Rio-Niterói, um grave acidente a impede de concluir a viagem, a ponte aparece como símbolo do entre mundos, a cidade grande e o pequeno município de Maricá. E, paradoxalmente ela segue sua viagem na jornada da vida e sua presença permanece sentida no município de Maricá. Em julho de 2021, a prefeitura de Maricá comprou a propriedade da família de Maysa e fez da casa dela no município um museu que vai compor parte do projeto Caminho das Artes que conta ainda com a Casa Darcy Ribeiro e a Casa Beth Carvalho (DIÁRIO DO RIO, 2021).

E para continuar tratando do tema do feminino e deste aprofundamento do externo ao interno, é preciso destacar que,

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde

materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais (PINTO, 2010, p. 17).

Na década de 1980, outro fato histórico é posicionado como início da modernidade fluídana perspectiva de Bauman (2012). O fato ocorrido refere-se a uma mulher chamada Vivienne em programa televisionado confessa ao mundo nunca ter tido um orgasmo, pois seu marido sofria de ejaculação precoce. Bauman em concordância com Ehrenberg (ibid) situa este acontecimento como marco, pois a vida privada passou, deste então, a ser confessada em sociedade principalmente pelas vias midiáticas e não somente na intimidade dos confessionários, evidenciando a extroversão do mundo ocidental.

Outros fatos relevantes a serem destacados positivamente na história do movimento feminista brasileiro foram a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher e do Centro Feminista de Estudos e Assessoria, o primeiro de 1983 e o último de 1985 (ALVES e ALVES, 2013, p. 118). A união destes pelos direitos das mulheres, fez com que a Constituição de 1988 fosse uma das que mais garante o lugar e direitos femininos, comparada a todo o mundo (PINTO, 2010, p. 17).

Em 1985, conforme Brum (2016, p. 119) acontece outro fato que marca a luta pelo direito e acesso a lugares mais altos na sociedade. Mas, desta vez envolvendo a educação. O governo de Leonel Brizola trouxe ao município de Maricá e aos demais do estado do Rio de Janeiro, a construção dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs).

A partir da Constituição de 1988, “o Brasil deu início a um período consistente e duradouro de vigência das liberdades públicas e de solidez democráticas” (SCHWARCZ E STARLING, 2019, p. 502). Após, 21 anos ditatoriais a agenda de direitos tornou-se pauta, apesar de no país democracia e injustiça social conviverem perversamente (ibid).

Em 1989, a internet chega ao Brasil através das universidades federais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, somente voltada para fins acadêmicos. Mas, a partir de 1995 ela expandiu-se a nível comercial, conforme informa Silva (2001) em reportagem da *Folha de São Paulo*.

A partir da década de 1990, a proliferação da internet expandiu mercados, possibilidades de relacionar-se e a alimentou a globalização. E foi assim, de acordo com Bauman (1999, p. 89) que a tecnologia se tornou compressora do tempo. Mas, é curioso notar o quanto as tantas informações e possibilidades trazidas pela tecnologia marcam o início do século XX e, ainda assim ou quiçá, justamente pela rapidez e intrepidez com que este desenvolvimento se deu uma das grandes feridas deixadas pelas guerras tornou-se ainda mais evidente.

Segundo o historiador Hobsbawm (1994) esta ferida pode ser observada no curioso caso de em 28 de junho de 1992, quando o presidente da França apareceu em Sarajevo buscando lembrar a opinião pública sobre a gravidade da crise pela qual a Bósnia passava. Mas, poucos foram os que estabeleceram relações entre a visita e o ocorrido há setenta e oito anos atrás. Somente alguns poucos historiadores e cidadãos idosos. A memória histórica havia sido afetada pelas Grandes Guerras (ibid), no caso de Hiroshima e Nagasaki, conforme ilustra Vinícius de Moraes (1954), as marcas da guerra formaram elos hereditários, mas em termos ocidentais ocorreu

[...] a destruição do passado- ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX (HOBSBAWM, 1994, p.13)

E, continua afirmando que

Para os historiadores de minha geração e origem o passado é indestrutível, não apenas porque pertencemos à geração em que ruas e logradouros públicos ainda tinham nome de homens e acontecimentos públicos [...] em que os tratados de paz ainda eram assinados e tinham de ser identificados (Tratado de Versalhes) e os memoriais de guerra lembravam acontecimentos passados, como também porque os acontecimentos públicos são parte da textura de nossas vidas. Eles não são apenas marcos em nossas vidas, mas aquilo que formou nossas vidas, tanto privadas como públicas (HOBSBAWM, 1994, p.13-14)

De modo que, a ideia de continuidade do tempo, de alianças e quebras de elos entre gerações humanas e tecnologia aparece entrelaçada nesta reflexão. E, de acordo com Rocha Filho (2015, p. 103- 112), o tempo é um fenômeno inexplicável e imensurável introduzido, enquanto objeto de pesquisa ou facilitador de pesquisas, no meio científico pela física, a qual o compreendia: tempo, espaço e matéria de forma separada. Neste sentido, o tempo é definido como uma grandeza física, que aponta para a percepção das transformações que ocorrem em determinado objeto, situação e/ou ser. Nem as equações, nem mesmo a definição de tempo explicam em si mesmos, o que seria o tempo. E, para este autor, o fenômeno do tempo está impregnado na consciência do ser humano.

A Cronopolítica, a colonização do tempo possibilitada especificamente pela velocidade proporcionada pela tecnologia deu ao tempo uma história, de acordo com Bauman (2001, p. 140) e aos seus filhos, o dever de tal qual o pai: fluir, flexibilizar, liquefazer-se. De maneira que na modernidade líquida,

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantém sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem

prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p. 8).

O filósofo Paul Virílio, estudou a compressão do tempo via tecnologia por meio da aceleração percebida através dos artefatos e arquiteturas produzidos pelo homem contemporâneo, observando a aceleração do próprio tempo e chamou este campo de estudo de *dromologia* palavra advinda do grego, *dromos* significa corrida e “logia” vem de *logos*, estudo (EICHENBERG, 2016, p. 1).

Sendo um filho da Segunda Guerra, tendo testemunhado os acontecimentos que se desenrolaram neste período histórico, Paul Virílio destaca a velocidade dos ataques promovidos e sofridos por ambos os combatentes, e ainda a insegurança vivenciada neste contexto. Esta vivência fez com que o filósofo compreendesse que velocidade, tornou-se sinônimo de poder. Jung chama atenção para o perigo de uma sociedade alicerçar-se na velocidade, quando afirma que “o progresso também pode [...] levar a derrocada. Diante de um tempo perigosamente determinado pela rapidez” (JUNG, 2018, p. 90, OC.X, § 922).

Deste modo, a revolução política, industrial, e o uso das tecnologias quânticas demonstram que a palavra revolução não deve ser aplicada somente ao contexto fabril ou social, mas também, e principalmente, é necessário compreender que estas reformulações e quebras de paradigmas, possivelmente, só são possíveis, porque a essência da revolução, na atualidade, é a velocidade (EICHENBERG, 2016, p. 3).

O argumento de Paul Virílio (ibid) utilizando-se da física quântica para afirmação do nível da revolução que sucede via velocidade, pode ser esclarecido mediante o que afirma o físico Rocha Filho, “a Física Quântica sugere que não existe uma separação entre o objeto e o observador, e a existência do universo está condicionada aos limites do nosso relacionamento com o todo” (ROCHA FILHO, 2015, p. 88).

Atingindo a velocidade da luz, tendo alcançado a instantaneidade, Paul Virílio afirma que a ubiquidade se tornou o espaço-tempo da história. E assim, parece complementar a ênfase dada por Bauman, quando situa a modernidade o como início da história do tempo (BAUMAN, 2001), descrevendo o tempo atual como global, astronômico, único, instantâneo e fugaz (EICHENBERG, 2016).

1.6 Espaço-Tempo no Primeiro Quarto do Século XXI

Na primeira década dos anos 2000, um acontecimento em especial pareceu relembrar ao mundo ocidental a ferida da guerra, o 11 de setembro de 2001 fez as torres gêmeas, símbolo estadunidense vir ao chão por meio de um ataque aéreo que lançou a aeronave contra as edificações, promovendo milhares de mortes e lamentações por todo o território do país e manifestações pelo mundo. E, ocasionando a invasão do Iraque de acordo com o *Correio Braziliense* (2009), como um acidente não previsto trazido pela vontade de poder e alimentando-a ainda mais.

Em 2004, o mundo conhece um novo meio de se relacionar para além do email. O lançamento do Orkut em 2004 revolucionou o modo como se utiliza a internet (ALCANTARA, 2016). Na época, ter um perfil no Orkut entre os jovens era quase que uma necessidade, por meio das comunidades que o indivíduo participava, podia-se notar um pouco de sua personalidade. Também no mesmo ano, a rede Facebook é lançada, sendo inicialmente voltada para o uso acadêmico (G1, 2014a).

No ano de 2006 (ibid), a rede anteriormente voltada para os estudantes foi expandida para qualquer pessoa com mais de 13 anos de idade. Daí em diante, o Facebook iniciou sua jornada de expansão e revolucionando o contato virtual, atualmente conta com cerca de 2,3 bilhões de usuários (G1, 2019), assunto que será retomado a seguir por Bauman e Leoncini (2018).

Em 2008, uma forte crise econômica atinge o ocidente, porém alguns países demonstraram crescimento econômico neste período, dentre eles, o Brasil. Algo que influenciou positivamente a economia neste contexto foi a entrada no mercado de trabalho da chamada geração Y. Estes são os jovens nascidos a partir da década de 1980, que cresceram em famílias mais liberais e tendiam a buscar sua autonomia financeira. Dentre os setores com maior expansão o ramo de cosméticos destacava-se, e os cuidados da juventude masculina com a aparência trouxeram inovações ao setor e provocaram a reflexão do tema da masculinidade (ESTADÃO, 2017).

Em 2014, conforme se pode notar através da reportagem do G1 (2014b), Maricá e sua beleza foram homenageadas pela Escola de Samba, Grande Rio com o enredo *Verdes Olhos Sobre O Mar, No Caminho: Maricá*, numa referência a cantora e compositora, brasileira, Maysa que tinha uma casa de praia na cidade e escreveu sobre somente ter sido feliz vivendo em Maricá.

Em face das discrepâncias no desenvolvimento econômico, social e tratando de reduzir a desigualdade entre os gêneros e proteger os direitos humanos, em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2016) comprometeu-se com estes temas publicamente por meio da Agenda-30, enfatizando 17 objetivos a serem trabalhados até 2030. Dentre os mesmos, se escolhe ressaltar por ênfase da pesquisa, a promoção de igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas (ibid).

O Brasil tem uma população de mais de duzentos milhões de habitantes, sendo 51,7 % composto por mulheres, conforme informação publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018). E, conforme estes dados, o quantitativo de mulheres que desempenham o papel de cuidar dos afazeres domésticos e de outros é superior, quando comparado aos resultados no gênero masculino, enquanto a porcentagem de mulheres em papéis de representação social e política, e o rendimento habitual mensal das brasileiras é inferior ao dos homens.

Os dados (ibid) revelam que embora os direitos das mulheres tenham conquistado mais espaço na sociedade, e embora a atividade da ama de casa tenha sido abolida com a escravidão, ainda se tem uma forte representação social desta figura sendo ocupada por uma mulher negra ou parda, sendo enfatizado principalmente a relação entre o gênero feminino e a esta ocupação de cuidado para com a casa e a família.

A mulher também aparece como aquela que educa aos filhos como um dos desdobramentos do cuidado, Corrêa (2011, p. 229) analisa propagandas publicitárias que enfatizam a divergência dos papéis sociais que a mulher enquanto mãe ocupa em oposição ao modo como se apresenta o lugar do pai na sociedade. A autora conclui que as propagandas analisadas revelam ignorar o conflito vivido pela mulher entre ocupar o papel de mãe e simultaneamente ser uma profissional, habitar o mundo interno simbolizado pela casa e o mundo externo. E, destaca a importância da reformulação do lugar de pai, que vem acontecendo na atualidade, como aquele que ocupa o lugar de cuidador juntamente com a mãe.

Mas, se é a mulher quem ocupa majoritariamente o papel de educadora, estaria esta mãe/mulher cooperando para que a sociedade reveja as questões entre os gêneros e as relações entre o poder e o amor? Ou embebida pelo tecido temporal a mulher tem negligenciado ao diálogo e a habilidade de relacionar-se advinda de Eros (o amor), que Jung (2018, p.134, OC. X, § 255) pontua como sendo sua particularidade? Para Carl Gustav Jung, se a mulher assume como sendo prioridade um aspecto masculino em detrimento ao feminino, então, pode ser que sua feminilidade seja sufocada, provocando uma “profunda desarmonia psíquica” (JUNG, 2018, p.130, OC. X, § 245) e social.

Porém, para isto a mulher precisará continuar a posicionar-se pela garantia de seus direitos em ser quem é, e assim, libertar-se das amarras sociais do patriarcal sombrio, possibilitando que meninos e meninas vivenciem e priorizem a relação com Eros desde a tenra idade, pois, a educação transmitida às próximas gerações pode reajustar toda uma sociedade.

Continuando a análise dos dados da pesquisa, nota-se que recebendo $\frac{3}{4}$ do que os homens nas jornadas de 30h semanais, as mulheres para além da ocupação com o lar, também tem seus ofícios sociais ocupando 31,3% de seu tempo, quando se trata das mulheres negras ou pardas; e 25% do tempo quando se mencionam as mulheres brancas (ibid). Se fosse somada a porcentagem de horas investidas em cuidado do lar e com a ocupação social, as taxas para mulheres brancas seriam aproximadamente de 35% de seu tempo semanal, e para as mulheres pardas ou negras de aproximadamente 42% do tempo.

Quando se trata de frequência escolar e nível de escolaridade, os dados revelam que as mulheres são maior porcentagem, principalmente as brancas que no caso do ensino superior completo, por exemplo, representam mais do que o dobro das mulheres negras ou pardas, chegando a serem três vezes superiores ao número encontrado de homens negros e pardos com ensino superior, estes são a porcentagem menor neste índice (IBGE, 2018).

Quanto à ocupação em cargos gerenciais, as mulheres representam 39,1% em discrepância com relação à porcentagem de 60,9% representada pela população masculina. Estes dados disponibilizados pelo IBGE (2018) contribuem para reforçar a necessidade de investir em políticas para redução das desigualdades de gênero, acerca disto a Agenda-30 (ONU, 2016) ressalta

Mulheres e meninas devem gozar de igualdade de acesso à educação de qualidade, recursos econômicos e participação política, bem como a igualdade de oportunidades com os homens e meninos em termos de emprego, liderança e tomada de decisões em todos os níveis. Vamos trabalhar para um aumento significativo dos investimentos para superar o hiato de gênero e fortalecer o apoio a instituições em relação à igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres nos âmbitos global, regional e nacional. Todas as formas de discriminação e violência contra as mulheres e meninas serão eliminadas, incluindo por meio do engajamento de homens e meninos (ONU, 2016, p.6).

Complementando a informação acima, Raquel Quintiliano, representando o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), afirma que segundo a ONU (2020a) a violência contra mulheres e meninas, atualmente, é a mais difundida quando se trata de violação aos direitos humanos.

Outro dado que vale a pena ressaltar, enquanto característica da contemporaneidade no Brasil é a porcentagem da população brasileira que faz uso da internet, que na atualidade chegou a setenta por cento, sendo o celular o principal meio de acesso. Conforme, Lavado (2019) isto coloca o país entre os que mais se utilizam desta ferramenta, uma vez que em países desenvolvidos esta porcentagem chega a oitenta por cento.

O progresso do país também mostra dados alarmantes quanto ao índice de transtornos de ansiedade e depressão. De acordo com pesquisas recentes realizadas pela Organização Mundial da Saúde (2017), o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de ansiedade, e o quinto quando se trata da depressão, o sexo feminino tem a maior taxa de incidência destas patologias no país, cerca de 7% da população brasileira feminina sofre de ansiedade (MORAES, 2018).

No ano de 2019, na China algo da ordem do invisível irrompeu e lembrou ao mundo o caráter frágil da vida e como todos estão entrelaçados, nesta teia que se tece ao viver. Demonstrando através de uma grande crise, que uma nova era está para iniciar, conforme Stuenkel (2020) descreve no periódico El País. O covid-19, o novo corona vírus exaltou-se sobre os homens, provocando um número de mortes alarmantes de forma eminente no mundo inteiro proporcionando também reflexões sobre como a natureza da vida é frágil e provocando atritos quanto ao que proteger a economia ou as vidas. Colocando em xeque ainda mais do que em 2008, a liderança dos Estados Unidos sob o mundo ocidental (ibid). Provocando reflexões quanto ao modo como a humanidade vem se relacionando com o planeta e seu ecossistema, e aproximando a vida animal das cidades, como se pode observar na circulação de animais silvestres em centros urbanos descritas por Siqueira (2020) no periódico R7 Notícias.

No enfrentamento do covid-19, o município de Maricá contou com a inauguração do hospital Che Guevara, o Programa de Auxílio ao Trabalhador (PAT) e o Programa de Auxílio ao Emprego (PAE), além de distribuição de cestas básicas e de limpeza às famílias dos estudantes da rede municipal e a população inscrita no cadastro único. Os programas de auxílio financeiro, PAT e PAE distribuíram o valor de um salário mínimo em *mumbucas*⁹, moeda social para a população necessitada (PREFEITURA DE MARICÁ, 2020c).

O novo covid-19 recorda ao mundo acelerado e tecnológico que a casa pode ser um local seguro, por conta do isolamento proposto em caráter de prevenção, e que as vivências relativas a este espaço, talvez, precisem ser reavaliadas e nutridas por investimento. Parecendo colocar como uma das questões para o mundo “qual o ritmo da vida?”. Além de retomar a

⁹Curiosidade sobre a palavra significa uma grande família originada da miscigenação de negros e índios. Também é o nome de um dos bairros do município.

temática da vida exterior e interior, que aqui figuradas pela cidade e a casa, sendo este tema retomado posteriormente pela perspectiva junguiana, com base na entrevista de Murray Stein, analista junguiano a Robert Henderson (2020), poeta e analista, pela *Chiron Publication*.

No tocante ao investimento em tecnologia, Maricá vem destacando-se. Recentemente, a prefeitura anunciou acordo com multinacional italiana para promoção e distribuição a todo o país da tecnologia 5G, conforme matéria do jornal *Lei Seca Maricá* no dia 12 de fevereiro de 2020 (LEI SECA MARICÁ, 2020).

Conforme informa a Corporação Britânica de Radiodifusão (BBC, 2018) esta tecnologia é a quinta geração de internet móvel e pode oferecer velocidade dez a vinte vezes mais rápidas que a internet 4G, permitindo, inclusive a comunicação entre veículos autônomos na leitura de mapas e na divulgação de seus dados em tempo real.

E, retomando as ideias de Paul Vírilio (EICHENBERG, 2016) para se fazer uma inteligência da velocidade, se necessita adentrar uma inteligência política do tempo cronológico que claramente foi repensado quando o covid-19 surgiu, por exemplo. Paul Vírilio afirma que

Se continuarmos assim, o mundo se tornará um mundo de emergência, um mundo desqualificado em prol de domínios virtuais, domínios de alta velocidade. Teremos perdido o mundo, teremos perdido a nós mesmos. Precisamos do trajeto, do percurso. (EICHENBERG, 2016, p. 9).

Assim, a cronopolítica citada por Bauman (2001) precisa vir junto à inteligência da velocidade, sobre a qual Paul Vírilio discorre. De modo que, este tempo parece necessitar de um olhar mais atento. Carl Gustav Jung (2018, OC X, p.93, § 167) ressalta que a consciência moderna parece estar voltando sua atenção para os acontecimentos da realidade interna e subjetiva, fator que se pode notar pelo crescente interesse pela psicologia no mundo.

Acerca do tempo, Rocha Filho escreve que o tempo abriga em si, o segredo da natureza mais profunda do ser humano, que paradoxalmente foi escondido neste por “*sombras de uma floresta de pequenos tempos*” (2015, p.107). Para a Psicologia Complexa e a Física Moderna,

O tempo pode ser assim, um conteúdo inconsciente que possuiu a consciência, enganando-a, mas sua tirania também é relativa, pois a libertação é uma possibilidade, por meio da conscientização ou pelo estabelecimento de um diálogo criativo entre as diferentes instâncias do eu (ROCHA FILHO, 2015, p.110).

Isto significa, que o tempo pode ser visto como arquétipo e na possibilidade de libertação está implícito o que Bauman (2009, p. 83- 89) destaca, que a velocidade com que se vivencia novos fenômenos na esfera social e relacional, como um todo, e a descontinuidade das espaçadas mudanças que poderiam destacar-se para trazer a luz o espírito desta época, não se

tornam visíveis devido ao número crescente de informações e situações novas. Pois, estas acabam por impedir que estas experiências capazes de rever ou encontrar pilares da atualidade, alcancem níveis mais profundos no âmbito coletivo e privado, prejudicando o potencial de sublevação, de reavaliação dos construtos sobre os quais o Espírito da Época foi constituído.

Carl Gustav Jung nomeia como Espírito da Época “*o princípio e o motivo de certas concepções, julgamentos e ações de natureza coletiva*” (JUNG, 2019, p.209, OC. IX, § 386) que perpassa a alma, e alerta para o perigo da não conscientização dos fatores inconscientes que irrompem abruptamente no mundo externo trazendo graves consequências (JUNG, 2018, p.79, OC. X, § 487). Afirmando ainda, que os conteúdos inconscientes influenciam o progresso da civilização e que se homem quiser desenvolver positivamente a sociedade e a si mesmo, precisa dialogar com os conteúdos da alma humana (ibid)

Segundo o mesmo, o mundo jamais poderá alcançar a ordem sem retornar as verdades fundamentais da alma, retomar a dimensão da profundidade e reconhecer que “uma renovação no espírito das nações só poderá ser alcançada por meio da transformação na compreensão do indivíduo” (JUNG, 2018, p.62, OC. X, §459).

Para Carl Gustav Jung, a “[...] *alma é ao mesmo tempo mãe de toda a ciência e vaso matricial da criação artística*” (JUNG, 2018, p. 87, OC. XV, §133). Dela procede a vida e emerge a própria consciência, não sendo possível integrá-la completamente (ibid, 2019, p.36, OC. IX, § 57). Também chamada de *anima*, termo latim para alma (ibid), passível de compreensão, mas não de explicação que enquanto objeto de pesquisa, se revelou como possibilidade a partir da noção de inconsciente trazida por Freud (JUNG, 2018, p.44, OC. XV, §56) no fim do século XIX, e se ampliou com a noção de inconsciente coletivo que Jung trouxe à tona (ibid). Neste sentido, na tecitura deste trabalho que segue a perspectiva junguiana, a palavra *alma* é compreendida como o fenômeno que propicia a comunicação entre o inconsciente e o consciente, entre o corpo e o espírito.

A compreensão de alma, sob a lente da psicologia elaborada pelo psiquiatra suíço, tem a ver com uma busca por profundidade e sentido, que ao mesmo tempo se contrapõe e complementa o mundo material. Em uma perspectiva filosófica se poderia afirmar conforme Anaxágoras (499-428 a.C apud FREIRE, 2014, p. 28) que a alma abarca tudo que existe animando a vida como um todo. Para este filósofo, a mesma seria como um fluído universal que nutre a todas as formas de vida e que viria de uma fonte de vida superior que ordena a vida como um todo (ibid). De forma que Jung (2019, OC X, § 148- 196), em concordância com esta antiga filosofia, afirma que os acontecimentos externos são expressões simbólicas do drama

interno e inconsciente pelo qual a alma passa, assim, a História ocidental pode retratar tanto o espírito de uma época quanto desvelar a busca da alma em dado tempo.

De modo que, os eventos propiciados pela alma, advindos do inconsciente tem uma concepção simbolista na perspectiva da Psicologia Complexa. Então, no meio do caminho das causalidades pode haver a esperança da finalidade, pois, a alma transforma “*causas em meios para atingir um fim, ou seja, em expressões simbólicas para um caminho a ser percorrido*” (JUNG, 2017, p. 35, OC. VIII, § 46). O trajeto pode ser contemplado e reelaborado como até aqui se tem pretendido elaborar o tema da contemporaneidade por meio das palavras tecnologia, celeridade, mulher, Mitologia para trazer Hermes e Héstia para narrar cronologicamente a história deste tempo que atravessa o corpo feminino. Doravante, o tempo em sua liquidez será observado mais detalhadamente no próximo capítulo. Pois, se até aqui Hermes e Héstia apresentam Cronos, no próximo capítulo Cronos narra seu entrelaçamento a estes deuses.

2 TEMPOS LÍQUIDOS: ALMA, CORPO E TEMPO

“O tempo está fora de lugar”
William Shakespeare

O cronossistema atual é descrito por Bauman (2007, p. 15-18) como uma rede de conexões e desconexões aleatórias, ao invés de uma estrutura (modo como anteriormente era vista). Esta rede, na qual, as conexões e desconexões acontecem varia constantemente a possibilidade de links possíveis entre suas partes. O mundo a partir disto, passa a ser visto como um conjunto de fatos isolados, sem conexões entre si. Evidenciando o caráter infinito de permutações, deste modo

Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, nos concentramos nas coisas que podemos, acreditamos poder ou somos assegurados de que podemos influenciar: tentamos calcular e reduzir o risco de que nós, pessoalmente, ou aqueles que nos são mais próximos e queridos no momento, possamos nos tornar vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto supostamente tem guardado para nós (BAUMAN, 2007, p.17).

Em concordância com isto, Jung adverte escrevendo “difícilmente poderemos esboçar o problema psíquico do homem moderno sem mencionar sua aspiração por sossego num estado de inquietação, seu desejo de segurança num estado de insegurança constante” (JUNG, 2018, p.103, OC X, §190). E, complementa afirmando que a necessidade e a carência podem fazer nascer novas formas de vida (ibid).

Para Carl Gustav Jung (2018, p. 86, OC. X, § 149- 153), somente aqueles que habitam o presente, através da profunda consciência do hoje, podem ser considerados modernos. Ele compara a consciência moderna com a de um homem que sofre um forte abalo e cai num estado de profunda insegurança que o ser humano tenta compensar em possíveis seguranças materiais. Porém, estas são questionadas como a própria teoria da relatividade descrita por Einstein mostra, o mundo material está sendo volatilizado (ibid). “Por isso, acho que não é de estranhar que o homem moderno recue, sempre de novo, para sua realidade psíquica, procurando nela a segurança que o mundo já não pode lhe dar” (JUNG, 2018, p.99, OC. X, §183).

Sobre esta temática, Kast (2019, p. 70- 71) cita Walter Benjamin, quando este discorre que devido às sequências de eventos ininterruptos, o processamento de vivências como experiências se torna dificultoso, visto que requer investimento em um modo de pensar simbólico, do qual o mundo atual parece ter se afastado.

Pois, para a modernidade líquida o que conta é o tempo e a matemática financeira de sua economia (KAST, 2019, p. 15- 16), sua leveza e inconstância está associada à sua capacidade de mobilidade que lembra o fluido. A fluidez é também um dos adjetivos que Jung utiliza para referir-se ao inconsciente (2018, p. 132, OC VIII, § 382).

A expressão “fluído” foi uma das primeiras a ser utilizada para falar sobre a alma. Anaxágoras 499-428 a.C, postulou a ideia de um fluído universal, coordenado por uma inteligência universal, que agia em todos os reinos: animal, vegetal e etc. E, para este filósofo o que diferenciava a animação do fluído sobre as formas de vida era apenas sua intensidade de atuação (FREIRE, 2014, p. 28).

Sobre a temática da água, Carl Gustav Jung (2019, p. 27, OC. IX, § 40) faz menção da mesma, como símbolo mais comum para referir-se ao inconsciente. A água seria o “espírito do vale”, o fator que inclui tanto o aspecto masculino quanto o aspecto feminino, numa tentativa de reconciliá-los. Ao associar a ideia de alma com a do vale, relembra-se a frase do romântico John Keats : “*Chame o mundo se quiser, o 'vale de fazer alma'*” (apud HILLMAN, 2010, p. 26).

A água como símbolo do inconsciente também compõe os corpos biológicos e aparece na liquidez do tempo atual. Esta fluidez trazida pela aceleração do próprio tempo pela via da tecnologia (BAUMAN, 1999) acaba por gerar a superficialidade. E, o nível superficial contrapõe-se a profundidade que foi associada à alma pelo filósofo grego Heráclito (500 a.C- 450 a. C) ao formular a frase “limites da alma (*psyché*) não os encontrarías, todo o caminho percorrendo; tão profundo (*bathun*) é seu logos” (HILLMAN, 2010, p.30).

De modo que, conforme Barcellos (2019, p. 66) profundidade aparece como sendo a dimensão da alma. O autor (íbid) salienta que todas as vezes que o alinhamento: alma- *logos*-profundidade aparece, isto é, sempre que há um aprofundamento de alguém em algo, e que o sentido da imagem comunica algo, o que sucede é o processo de “fazer alma” também denominado por Hillman (2010) de cultivo da alma.

A água, também traz consigo outro elemento simbólico, ao recuperar o tema do processo alquímico, a *solutio*, operação que pode ser considerada a raiz da alquimia, donde se inicia toda possibilidade de transformação. Este processo alquímico se refere ao elemento da água. Na *solutio*, um sólido se transforma num líquido. Edinger escreve: “para o alquimista, a *solutio* significava com frequência o retorno da matéria diferenciada ao seu estado indiferenciado original- isto é, a *prima matéria*. Considerava-se a água como útero e a *solutio* como um retorno ao útero para fins de renascimento” (EDINGER, 1985, p. 67).

A prima matéria faz referência à água como elemento a partir do qual o mundo fora criado, tal como, o filósofo grego, Tales de Mitelo referiu-se a ela no período pré-socrático (ibid) e como outros mitos de criação citam, por exemplo no Gênesis, no qual, o Espírito de Deus pairava sobre as águas do abismo e delas fez nascer o mundo (BRANDÃO, 1994, p. 184).

A *solutio* traz a compreensão de que elementos fixos e sólidos somente podem ser transformados quando dissolvidos. O processo alquímico para que a prata e o ouro fossem extraídos do material bruto os envolviam de mercúrio, principal agente nesta operação. A prata era frequentemente simbolizada pela Lua nos textos alquímicos e o Sol simbolizava o ouro. Edinger (1985, p. 68) ressalta que o sol representa a consciência e a atitude dominante do ego, e a Lua os fatores inconscientes relativos a anima. Sol e Lua, respectivamente são símbolos dos princípios masculinos e femininos que podem ser unidos através da possibilidade de acontecimento da *coniunctio*, de um casamento, na *solutio*. Assim, a *solutio* pode provocar o desaparecimento de uma forma conhecida e trazer à tona uma nova forma regenerada por ordem do casamento entre as partes. Quiçá, neste ponto resida uma das maiores contribuições do alinhamento do pensar de Carl Gustav Jung com o de Zygmunt Bauman.

Dessa forma, é necessário compreender que a *solutio* pode evocar também a *mortificatio*, um processo de mortificação, no qual se desenrola uma aniquilação de si. Sobre este assunto, Heráclito (BK 22B) escreveu “*para almas é morte tornar-se água, e para água é morte tornar-se terra, e de terra nasce água, e de água alma.*” Vê-se a ligação entre água, alma, inconsciente e vida.

O agente da dissolução é algo importantíssimo a se analisar, Edinger (1985) escreve citando Jung, que quando este é a inflação do ego, pode gerar a *solutio* por um processo compensatório, advindo do excesso e levando ao ego a uma descida ao inconsciente.

Afrodite, a deusa grega, nascida das águas também pode provocar a *solutio* levando os homens ao afogamento por meio de suas ninfas/sereias. Bauman (2009), ao referir-se a busca pela felicidade em tempos líquidos, parece fazer uma alusão às sereias quando se refere ao encanto ilusório das coisas perecíveis, que na atualidade ocupam lugar central pela via do consumismo.

Ainda sobre a *solutio*, Edinger (1985, p. 92) traz a imagem do batismo como metáfora para o processo de morte e renascimento advindos por meio da água. No batismo cristão, por exemplo, o ego liga-se ao Si-mesmo, neste campo representado por Cristo, tornando-se uma nova criatura.

Edinger (ibid, p. 87), destaca ainda os mitos do dilúvio, um dos quais é descrito nas Sagradas Escrituras do capítulo 6 ao 9 do livro do Gênesis. Tais, mitos evocam a necessidade

da humanidade ser dissolvida de sobre a terra para tornar-se algo melhor. Trazendo à tona o tema da prova por meio da água, eliminando aos que vivem de modo inautêntico e enaltecendo aos que ouviram a voz do Espírito e reconheceram a necessidade de relacionar-se com o transpessoal que por meio da natureza e dos corpos se faz imanente.

Mas, a superficialidade e a perda da vitalidade dos símbolos, neste tempo, de acordo com Jung (2019, p. 31, OC IX, § 48) fazem com que o nível das águas suba e se precipite sobre a humanidade. Ou seja, negar a vida inconsciente e o mundo das emoções ou enfatizar majoritariamente a vida da consciência, do controle e previsibilidade, pode, de acordo com Jung (ibid) fazer aumentar o nível de inconsciência, fazendo com que se retome a ideia de uma inflação da consciência provocando a *solutio* (EDINGER, 1985) atual, ou na linguagem de Bauman (1999) os tempos líquidos.

Neste sentido, o cronossistema atual parece revelar uma intoxicação de Hermes, o deus grego da comunicação, da troca, da velocidade, da mobilidade, da transformação, da versatilidade. Estas características de Hermes também são observadas por Barcellos (2019, p. 82-149), a presença destas ao longo do texto evocam a notável prevalência de Hermes na sociedade atual, inclusive quando a fronteira entre público e privado torna-se fluída ou quase que imperceptível, sendo destacado este fato, por Bauman (2012) como marco do início da pós-modernidade¹⁰.

Quanto a comunicação, Barcellos (2019) destaca que, embora, Hermes seja um deus mensageiro, que possibilita o diálogo, o seu interesse está apenas em transmitir a mensagem, informar. Hermes não dá ênfase às nuances do diálogo ou aos possíveis outros sentidos que algo pode ter se estiver excedendo-se, como a mídia tem trabalhado na atualidade por meio de uma “chuva” de informações.

O autor destaca (ibid) que o modo como a comunicação se dá na contemporaneidade tem revelado um acesso a Hermes doentio, fazendo com que a tradução da linguagem e a possibilidade de dialogar seja afetada, uma vez que diálogo também envolve percurso entre fronteiras e dentro e fora, público e privado parecem não estar bem definidos.

Conforme Barcellos (2019, p. 107), Mercúrio é o nome de Hermes na mitologia romana, promove também as trocas, abre o caminho para as oportunidades, sua presença anuncia também riscos e ganhos; estando relacionado ao mundo externo, a extroversão. E, conforme o

¹⁰ Harvey (2008, p. 293) descreve a pós-modernidade como uma condição histórica decorrente da circulação e superacumulação do capital que culminou em surtos desconcertantes e de destruição do eixo tempo-espço. Gerando a crises avassaladoras e constantes de compressão do tempo-espço e de busca por soluções temporais e espaciais.

autor mencionado, Hermes faz a alma movimentar-se, porém, isto se dá por meio do engano, promovendo ilusões ao longo do caminho. Como se ao perder-se houvesse a possibilidade de reencontrar-se ou reelaborar-se.

O mercúrio em alquimia é a substância que dissolve aquilo que é sólido para possibilitar a opus. Jung (2019, p. 304, OC. XIV, §360) destaca que o mercúrio, também pode ser o elemento que revela o espírito na matéria e que retém a alma no corpo, ou seja, convoca e provoca a união dos elementos, estando, ele mesmo, presente em todo o processo alquímico e atraindo a alma para o mundo espiritual integrando a personalidade. Isto é, Hermes aparece como propiciador do *religare*¹¹. Ocasionalmente a reconexão dos mundos externo e interno, e paradoxalmente ao aprisionar a alma, pode ocasionar seu desvelar. Devido a estes fatores, Jung (ibid) dá ênfase a presença de Hermes na psicoterapia.

No entanto, a intoxicação por excesso de Hermes recobra a importância das fronteiras e do oposto que faz o líquido coagular, o sal. Acerca deste excesso sofrido, o próprio Jung escreveu numa carta *“no momento ainda estou mergulhado em Mercúrio que, como sempre tenta fazer, quase me dissolveu e me arrancou membro por membro”* (JUNG, 2018, p. 125).

Isto é, o Mercúrio e o Sal necessitam ajustar-se para a integração da personalidade. Jung (1987, p. 196- 211) atribuiu aos seus momentos na torre que construiu em Bollingen, a importância de solidificar os conteúdos inconscientes e experimentar o sentimento de repouso, renascimento e contemplação. Sem a torre, de acordo com os relatos de Jung (ibid) sua obra não viria a luz.

O sal é o elemento que coagula e em harmonia com o mercúrio equilibra a opus, permite dar forma, contorno, estabelecer a diferenciação do externo e do interno. Recordar a fronteira que se abre ao mundo interno, a identidade, a permanência, o foco. Palavras que conforme a leitura do que apresenta Barcellos (2019, p. 82-149), evocam a deusa Héstitia que será apresentada enquanto filha de Cronos mais adiante neste trabalho.

Ainda sobre o excesso de Hermes, se pode ressaltar como

[...] doença e não cultura. A cultura é essencialmente continuidade e conservação do passado, ao passo que a mania da novidade produz anticultura e termina em puro barbarismo. [...] Infelizmente nosso mundo e, respectivamente, a estrutura moral da humanidade são constituídos de tal forma que nenhum progresso e nenhuma melhoria são suficientemente bons para não permitirem que mais cedo ou mais tarde sobrevenha o abuso que transforma a bênção em maldição (JUNG, 2017, p.168, OC XVIII, § 1344).

¹¹ Jung utiliza duas palavras latinas para descrever a religião na elaboração de sua psicologia: *religare*, religião, reunião, integração; e *religio* como consideração e observação cuidadosa (BRANDÃO, 1994, p. 39 ; JUNG, 2019, OC. XI, § 8).

Kast (2019, p. 9), escreve que a pressão que o tempo impõe, na atualidade, pode ser observada nas múltiplas tarefas a serem desenvolvidas simultaneamente, na frequência com que eventos externos demandam investimentos, na dificuldade de concentração, na perda do vínculo entre a natureza exterior e interior e na raridade em assumir compromissos duradouros, estas questões se colocam como desafios na construção da identidade e compreensão da vida psíquica.

E, neste tempo, em que o instantâneo parece tentar ser o novo Kairós¹², por meio da possibilidade de controle e inventividade humana, Bauman (2001) chama atenção para o fato de que a instantaneidade traz também exaustão e desaparecimento do interesse, investimentos em longo prazo estão fora de cogitação, a cultura do descarte e da mobilidade extrema, agora domina. A incerteza produzida por este modo de viver torna a instantaneidade crucial neste tempo.

A instantaneidade (anulação da resistência do espaço e liquefação da materialidade dos objetos) faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita; e a capacidade infinita significa que não há limites ao que se pode ser extraído de qualquer momento por mais breve e fugaz que seja (BAUMAN, 2001, p. 158).

Assim, é preciso a presença do sal e mercúrio para temperar a vida. E, é importante ressaltar que Heráclito, conforme Barcellos (2017) escreve sobre uma contínua transformação e a constante luta entre os opostos, garantindo a harmonia. Pode-se compreender que *“o advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido”* (BAUMAN, 2001, p. 163). Assim, a instantaneidade do tempo transforma o modo como se dá o convívio humano e como estes se relacionam com seus afazeres e entre si, a incerteza parece referir-se justamente ao nível das águas que Jung (2019, p. 31, OC IX, § 48) descreve. Assim, os nômades deste tempo vivem na constante aceleração do mesmo, se adequando aos ritmos dos eventos e adventos. Manifestando uma oposição entre o mundo exterior e interior, entre a realidade objetiva e a subjetividade (JUNG, 2018, p.105-106, OC. X, § 196).

É possível observar que a palavra progresso que na modernidade pesada associava-se a promessa de felicidade compartilhada de modo universal e permanentemente, agora *“[...] impede que haja um momento de descanso. O progresso se transformou numa espécie de dança*

¹² Tempo oportuno, relacionado a figura mitológica de Kairós, neto de Cronos que ao revelar-se transforma significativamente às vidas (KAST, 2019).

das cadeiras interminável e ininterrupta [...]” (BAUMAN, 2007, p. 16-17). Ter consciência do progresso faz com que a cautela e a vigilância sejam valorosas companheiras, mas a inflação destas gera o medo (ibid).

De forma, que este sentimento passou a ser o companheiro mais desagradável e insistente na contemporaneidade, nascendo da incerteza existencial e tornando a vida ainda mais solitária, com isto, um novo individualismo é gerado, no qual, o enfraquecimento dos vínculos humanos e esvaecimento da solidariedade são marcas trazidas, pelo que Bauman (2007) nomeou “globalização negativa”.

Citando o professor Ricardo Petrela, Bauman escreve que a globalização faz com que as economias produzam o efêmero e o “volátil (por meio de uma redução em massa e universal da durabilidade dos produtos e serviços) e do precário (empregos temporários, flexíveis, de meio expediente)” (BAUMAN, 1999, p. 86).

De modo que, além de adaptar-se a mutabilidade efêmera da sociedade, como Bauman (1999) descreve, as pessoas precisam funcionar bem e serem rapidamente reestabelecidas as suas funções. Mas, o que sucede, conforme Kast citando Ernest Ferh, é que “*a eficiência do mercado racional rouba a sociedade de sua alma*” (KAST, 2019, p. 16). Gerando a insegurança e o medo que

[...] é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época [...], a insegurança do presente e a incerteza do futuro [...] produzem e alimentam o medo [...], por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: parecemos não estar mais no controle seja individual, separada ou coletivamente [...] (BAUMAN, 2007, p. 32).

As cidades impactadas pelo medo passam a ser espaços em que estranhos transitam lado a lado. Isto se torna uma fonte de intensa ansiedade e agressão reprimida que frequentemente emerge explosivamente (BAUMAN, 2007). A proximidade entre estranhos é característica da vida urbana e precisa estar a todo instante sob monitoração “a concentração maciça de estranhos é, simultaneamente, um repelente e um poderosíssimo ímã, atraindo para a cidade, novas cortes de homens e mulheres cansados da monotonia da vida no campo ou nas pequenas cidades [...]” (BAUMAN, 2007, p. 95).

Neste contexto, torna-se um sonho fazer a incerteza menos assustadora e a felicidade mais durável, e o meio de alcançar este êxito é transformando a si mesmo. Ao invés de ser a caça, é preciso se tornar o caçador. Mas, ao fazer isto, caçar se torna uma compulsão, visto que o ponto final se torna a meta e o caminho não é percebido, perseguindo um ideal de felicidade utópico que está sempre a frente (ibid) e que a internet parece alimentar (BAUMAN,

LEONCINI, 2018). De modo, que “*não há linha de chegada óbvia para essa corrida atrás de novos desejos, muito menos de sua satisfação. A própria noção de “limite” precisa de dimensões espaço-temporais*” (BAUMAN, 1999, p. 87).

A tecnologia que surgiu como ferramenta compressora do tempo (BAUMAN, 1999) evoluiu ao nível *smart*, do inglês, inteligente ou esperto, conectando todo o mundo e aos indivíduos. Aqui cabe uma ressalva, a palavra esperto é um dos vocábulos apontados por Barcelos (2019, p. 93), como sendo um dos nomes pelos quais Hermes é conhecido.

Leoncini (BAUMAN, LEONCINI, 2018) comenta que o lugar mais moderno e líquido é a internet. “*Whatsapp, Telegram, Snapchat, Messenger tem esta grande função: reduzem nossos prazos, [...] são processos instantâneos que confirmam como nunca antes as distâncias espaciais*” (ibid, p. 62).

Jung, claramente disserta sobre a perda da alma por meio desta constante aceleração e progresso que ocasiona um abandono do mundo interno, da atitude de introversão (JUNG, 2018, OC. X, §158- 196). No entanto, não é a tecnologia a responsável por toda esta querela, mas sim seu inventor que agora se faz amo. Pois, “considerada em si mesma, como atividade humana legítima, a tecnologia não é boa nem má [...] usá-la para o bem ou para o mal depende exclusivamente da atitude humana” (JUNG, 2017, OC. XVIII, p. 204, §1406) e das possibilidades que podem estar implícitas na tecnologia, conforme se pode perceber na formulação da equação de Einstein e sua aplicação a bomba atômica.

Bauman e Leoncini (2018, p. 67-68) argumentam que a internet trouxe a possibilidade de habitar dois mundos simultaneamente, o *online* e o *off-line*, mas não necessariamente se fazer presente neles. No primeiro, o indivíduo está o tempo todo fazendo contato com novas possibilidades e diferentemente do que acontece no mundo *off*, no *online*, o controle parecer ser seu, ocasionando quase que uma sensação divina, se pode monitorar o comportamento de outros, excluir e incluir novos amigos com um simples *click* e alcançar a fama via *youtube* (ibid).

A exposição e busca pela notoriedade no mundo *online* *contrapõe-se* a invisibilidade que é tida como a pior condição na vida moderna, “se não estiver na rede, você terá poucas chances de escalar a pirâmide social mas, sobretudo não terá nenhuma chance no e-commerce sentimental” (ibid, p. 74-75). Isto é,

[...] *em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade — ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas*

continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade (BAUMAN, 1999, p. 25).

Acerca disto, Jung (2017, p. 167, OC. XVIII, § 1343) comenta que aparentemente todos os meios criados para economizar o tempo, incluindo nestes a facilidade de comunicação possibilitada pela tecnologia, paradoxalmente ao invés de economizá-lo, o preenchem. De modo que “disso resulta uma pressa febril, superficialidade e fadiga nervosa com todos os sintomas concomitantes como ânsia por estímulos, impaciência, irritabilidade [...]” (ibid, p. 167, § 1343).

Na atualidade, o ser humano está em constante movimento ainda que fisicamente esteja parado em frente à televisão, ao computador, ao smartphone e de canal em canal, site a site, aplicativo em aplicativo, vagando sem tempo para se sentir em casa (BAUMAN, 1999, p. 85).

Em termos práticos e metaforicamente falando, “*espiritualmente, somos todos viajantes*” (ibid). O grau de mobilidade de um grupo ou indivíduo determina seu lugar na sociedade,

Essas pessoas estão constantemente ocupadas e sempre “sem tempo”, pois cada momento não é extensivo — experiência idêntica à de ter o tempo “todo tomado”. As pessoas ilhadas no mundo oposto são esmagadas pela carga de uma abundância de tempo redundante e inútil, que não têm com que preencher. No tempo delas, “nada acontece”. Elas não “controlam” o tempo — mas também não são controladas por ele, ao contrário dos seus ancestrais governados pelo relógio, submetidos ao ritmo impessoal do tempo fabril. Elas só podem matar o tempo, enquanto o tempo vai aos poucos matando-as (BAUMAN, 1999, p. 96-97).

Viajantes atraídos por um futuro melhor, tal atração é vivida com tamanha intensidade que estes afastam-se do presente e da possibilidade de integrar-se nele e por meio dele (JUNG, 2017, p. 168, OC XVIII, § 1345). Complementando esta ideia, Barcellos (2017, p. 74) retoma o que Heráclito descreveu, que o mundo está em constante mudança, num fluxo perpétuo onde nada permanece igual. Um espaço onde a luta entre os opostos garante a harmonia dos mesmos e a ordem do universo.

Hillman escreve ancorado no pensamento elaborado por Jung, que a prática clínica informa que não é possível fazer distinção clara entre a neurose do indivíduo e a do mundo, entre uma psicopatologia do “eu” e do mundo. De maneira que “*não apenas a minha patologia se projeta sobre um mundo; o mundo está me inundando com seu sofrimento que não se alivia*” (HILLMAN, 1993, 13). Assim,

Onde quer que a linguagem da psicopatologia ocorra (crise, esgotamento, colapso), a psique está falando de si mesma em termos patologizados, testando a si mesma como sujeito do *pathos*.[...] O mundo, por causa de sua crise, está ingressando num novo momento de consciência: por chamar atenção para si por meio de seus sintomas, está se tornando consciente de si mesmo enquanto realidade psíquica (HILLMAN, 1993, p. 12).

Continuando, a análise de Bauman sobre o mundo atual, o mesmo pontua que nem o matriarcado nem o patriarcado são marcas dos tempos atuais, mas sim, a constante negociação entre os papéis de gênero, agora líquidos, isto é, não fixados, de forma que a incerteza prevalece, conservando-se as múltiplas possibilidades “a experiência do estado de incerteza tende a ter como repercussão uma tentativa da fuga da debilidade, da fragilidade e da esquizogênese¹³” (BAUMAN e LEONCINI, p.80).

Quanto ao uso dos termos matriarcado e patriarcado, Byington (2015, p. 285- 288) pontua que é preciso compreender que ao utilizá-los como referência, a tendência a comprometer a vivência arquetípica de cada um estritamente aos gêneros, respectivamente, feminino e masculino, sempre reduzem os arquétipos.

Então, o autor (ibid) propõe que se denomine matriarcal e patriarcal, caracterizando-os pela não redução aos gêneros, mas tendo como características fundamentais para sinalizar a vivência dos mesmos, a sensualidade, no que diz respeito ao matriarcal e a organização, quando se refere ao patriarcal. Propondo a dialética entre os opostos, o que o autor descreve como a capacidade redentora da humanidade pelo viés do arquétipo da alteridade¹⁴ que não só possibilita a integração, o casamento, do matriarcal com o patriarcal como o faz por meio do confronto da sombra do mundo ocidental.

Porém, a modernidade parece ser marcada por uma peleja entre o patriarcal e o matriarcal, entre consciência e inconsciente, entre fora e dentro. Jung (2019, OC IX, §40- 48) refere-se ao fato de que, a consciência europeia, ou seja, ocidental, tende a reprimir o inconsciente, que sendo deixado de lado e sendo “fonte das águas da vida” retorna contra a consciência em forma de neurose.

Woodman comenta o tema da tensão entre o patriarcal e o matriarcal propondo um equilíbrio, pois o patriarcado foi um passo necessário para evolução da humanidade, mas “se prosseguirmos empregando nossas táticas de poder, iremos destruir a Terra” (WOODMAN, 2003, p. 154). O caminho de volta seria “chegar a um acordo com o princípio feminino [...]

¹³O período de reinado de Cronos na mitologia grega denomina-se *esquizogenia*. Assunto que será retomado posteriormente.

¹⁴O autor situa Cristo e Buda como exemplos de imagens do arquétipo da alteridade (BYINGTON, 2015).

captar a desaceleração, aquietar a alma, e entregar-se, porque, com o tempo, você tem que encarar o fato de que não é Deus e não pode controlar sua vida” (ibid, p. 39).

[...] usamos muita energia tentando controlar nossa vida, tentando nos manter disciplinados, atados a relógios e calendários. É preciso uma energia imensa para manter funcionando os mundos que estamos tentando controlar. Enfiamo-nos em caixinhas controladas onde somos reis e rainhas, onde somos onipotentes enquanto conseguirmos manter as tais caixas pequenas o bastante. Mas, uma trombada contra essas frágeis estruturas e o caos do inconsciente pronto para nos bombardear com as cataratas do Niágara. Se tivermos um mínimo de consciência, saberemos disso. (WOODMAN, 2003, p. 132).

Sobre este momento de crise, no qual se encontra o mundo. O novo corona vírus insurgiu como um dos acidentes não previstos, trazendo à consciência o modo como a relação com o mundo está, até então, desenhada. De maneira que, Stein em entrevista concedida a Henderson (2020), analisa o cenário atual como a sombra do mundo, reivindicando aquilo que lhe fora negado pelo mundo constituído nas bases objetivas e superficiais da consciência.

A sombra, conceito formulado por Carl Gustav Jung, é justamente aquilo que a consciência renuncia e que abriga em si o potencial criativo, mas também destrutivo para quebrar e fazer algo novo, que exige a expansão da personalidade e da consciência coletiva (HENDERSON, 2020), como se a alma do mundo exigisse transformação e olhar um olhar para o mundo que passe primeiramente pela via da relação psíquica. Para tal, introverter foi o que o corona vírus exigiu do mundo e de cada um em particular, Stein (ibid) associa a dificuldade dos países em adotar medidas preventivas com o nível de ansiedade que em que a sociedade ocidental se baseou até então. O analista faz um convite a reflexão sobre o modo como o ocidente se relaciona com o tempo e a desaceleração que o vírus possibilitou, quem sabe pontuando mais investimento na vida psíquica (HERDERSON, 2020). Analisado sob outra perspectiva complementar, parece que o amor tenta ganhar espaço numa sociedade marcada pelo poder. Arquetipicamente, o amor está ligado ao arquétipo matriarcal e o poder ao patriarcal (BYINGTON, 2015).

De acordo com Jung, o local onde melhor se pode observar o processo cultural de uma época é nas cidades, pois, delas as conquistas culturais se difundem aos grupos menores. É como se o presente só fosse encontrado nos grandes centros, nos quais se pode observar a mulher contemporânea, aquela que expressa socialmente e espiritualmente, a época presente. Pois, para o fundador da Psicologia Complexa, “presente não passa de uma fina camada superficial que se cria nos grandes centros da humanidade [...] quando atinge certa espessura e

força, já podemos falar de cultura e progresso, surgindo então problemas característicos de uma época” (JUNG, 2018, p. 127, OC. X, §239).

Jung (ibid) ressalta o quanto a figura feminina após a revolução industrial e as grandes guerras, começou a assumir profissões e papéis sociais, que anteriormente eram compreendidos como masculinos, como por exemplo sucedeu no movimento pelo direito ao voto, na postura de liderança e independência que a mulher adquiriu e vem desenvolvendo com sua entrada no mercado de trabalho. Ele chama atenção a esta questão, pois observa que ao investir e assumir como realidade uma atitude do gênero oposto, o investimento nas coisas, isto é, uma atitude extrovertida perante o mundo; a mulher pode provocar prejuízos ao que lhe é própria, a questão relacional. Pois, para o autor, geralmente, o homem ama as coisas e a mulher às pessoas.

Jung (ibid) discorre então, sobre a anima e o animus, no homem e na mulher, respectivamente. A anima refere-se a parte emocional, ao inconsciente, a vivência do feminino no homem, podendo ocasionar constantes oscilações de humor por não receber investimento necessário. E o animus, representa o masculino na mulher, que normalmente, de acordo com Jung, se apresenta de modo inconsciente por meio de opiniões intensas e rígidas, como verdades universais, podendo causar uma rigidez intelectual e emocional. O conflito reside no fato de que se a mulher assume como sendo prioridade um aspecto masculino em detrimento ao feminino, então, pode ser que sua feminilidade seja sufocada, provocando uma “profunda desarmonia psíquica” (JUNG, 2018, p.130, OC. X, § 245).

A psicologia da mulher se baseia no princípio do Eros, que une e separa, ao passo que o homem, desde sempre, encontra no Logos seu princípio supremo. O conceito do Eros, em linguagem moderna, poderia ser expresso como relação psíquica, e do Logos como interesse objetivo (JUNG, 2018, p.134, OC.X, § 255).

Segundo Bauman (2004), a sociedade moderna tem como característica ser órfã de Eros, o autor escreve que não é que Eros, deus do amor, tenha morrido que se pode ter acesso a ele, porém este não permanecerá por muito tempo em lugar nenhum, decolando a cada vez que um feixe de luz ilumina a sua face e desvele-o como amor. Pois, na sociedade consumista, até mesmo o amor é fonte de consumo e as pessoas tornam-se objetos fontes de experiências prazerosas temporárias (ibid). O “ficar” aparece como exemplificação deste modo de relacionamento.

Assim, a modernidade líquida simultaneamente propicia a ideia de que a felicidade está no futuro, porém em uma relação é a destituição de futuro, que aparece como marca, assim como a falta de compromisso e expectativas advindas deste encontro. O mundo de hoje não

oferece muitas certezas para aqueles que desejam formar uma família a assumirem um compromisso, significa arriscar-se (BAUMAN, 2004, p. 60).

Na atualidade, compreende-se que anima e animus compõem mulheres e homens, Eros e Logos. No entanto, a exacerbação de um dos pólos ocasiona tensões, verificadas na atualmente. Assim, Woodman (2003) contrapondo o que propôs Bauman (BAUMAN, LEONCINI, 2018), percebe o contemporâneo como marcado pela desarmonia entre o patriarcado como a regência do poder, e o matriarcado como a predominância do amor. Neste sentido, em nome de um ideal de perfeição e de dar conta de todas as coisas, imposições feitas pela cultura patriarcal às pessoas, que passam a viver para alcançar a meta, ignorando o trajeto fato que Bauman e Jung também pontuam, conforme se pôde observar na construção deste capítulo. Woodman (2003, p. 67-79) continua afirmando que deixando de lado o ritmo natural de suas vidas, as pessoas tornaram-se viciadas em perseguir a perfeição, pensando alimentar a alma, quando na realidade estão a entupindo de vícios, literalizando as metáforas que ela os fornece.

Sobre a tecnologia, Woodman (2003) percebe que esta conduz a humanidade a um ritmo cada vez mais rápido, suprimindo também a alma individual; fato este, reforçado por séculos de vivência patriarcal, nos quais atingir metas, competir e produzir eram o foco e coroado por meio da tecnologia, na qual a dinâmica do poder, controle e competição atingiu tamanha intensidade que promoveu o distanciamento das vivências emocionais e da alma.

Acercado motivo desta corrida, Bauman (2009) escreve que mantendo a velocidade se evita olhar para si mesmo. E, Woodman parece complementar esta ideia afirmando que “[...] preferimos fingir que nada disso está realmente acontecendo, ou que inventaram alguma coisa tecnológica ou alguma nova droga que conseguirá nos salvar no momento final” (WOODMAN, 2003, p. 145). Vivendo num constante estado de negação do mundo subjetivo.

Este materialismo e exploração da Mãe Terra e da alma expõem quão grande violência a humanidade pratica contra seu próprio corpo e contra seu planeta. De maneira que a humanidade preenche “a vida com coisas materiais, com fazer e realizar, sem dar a menor atenção à necessidade que a alma tem de metáforas, para experimentar momentos estéticos, poéticos, para estar na natureza, em silêncio, escrevendo e assim por diante” (WOODMAN, 2003, p. 123).

Para a autora pós junguiana (ibid), o verdadeiro alimento da alma é a metáfora, palavra que vem do grego e significa algo transformador. Expressando a contradição entre o alimento advindo da cultura atual e a metáfora, a autora escreve que o frenesi é o que alimenta o vício e quanto mais depressa se vai, maior ele fica e não há expansão da consciência.

Para que isto ocorra é preciso entregar-se algo que amedronta as pessoas na cultura atual em que planejar e seguir um trajeto linear. De modo que, a espontaneidade também não tem espaço (WOODMAN, 2003). A entrega é fundamental para compreensão e vivência do processo de aprender a confiar na energia de vida, pois, se não existe segurança interna, é evidente que não se poderá encontrá-la nos objetos externos (ibid).

Ao fazer tudo o mais depressa que se pode, o vício por este ritmo de vida se instala na alma e no corpo, enquanto unidade indissociável. A autora nota que há um movimento de reflexão surgindo “porque estamos percebendo que a vida não vale a pena ser vivida se sempre estivermos correndo o mais depressa que pudermos” (WOODMAN, 2003, p. 112). E, este movimento se revela também por meio do corpo na vivência do TAG.

Jung escreve que é preciso reconciliar o mistério entre o espírito e a matéria, formando uma unidade e não uma dualidade. Tarefa que cabe a alma que anima o corpo e é animada pelo espírito, fazendo dos três, um. De maneira que “o espírito é a vida do corpo, vista de dentro, e o corpo é a revelação exterior da vida do espírito” (JUNG, 2018, p. 105, OC. X, §195).

Jung (2018, OC. VIII, §602- 628) afirma ainda que é o espírito que confere sentido à vida humana, mas, isto se dá pela relação com o corpo. Na tensão entre os sentidos do corpo e o potencial de realização do sentido da vida, está a alma. Esta tensão pode ser evidenciada justamente pela relação entre as polaridades, e a unilateralidade da consciência e do mundo ocidental que privilegia a razão. Opostos e complementares, em questão aqui são formadores da unidade: corpo e espírito. Situando-se a alma, neste espaço do “e”.

2.1 Integração entre Alma e Corpo Feminino

Marion Woodman compreende a matéria, o corpo, como feminino de natureza sagrada e a referida analista entendem que o trabalho corporal também é trabalhar a alma. Já que “a vida é uma questão de encarnação” (WOODMAN, 2003, p. 24).

Woodman (2003) define a alma como a parte em que se experimenta tanto da natureza animal, quanto da natureza divina, escreve “*‘alma’ quer dizer ‘essência corporificada’, ‘essência’ vem do latim esse, ser ou estar. A alma é parte espírito, parte matéria*” (WOODMAN, 2003, p. 111). Quando se está desconectado dela, o corpo grita, pois a alma quer revelar-se, e desenvolve sintomas para que pela via do feminino representado pelo corpo, a vida possa ser encarada e a agonia e a felicidade de ser humano seja conscientizada e vivida (ibid), assim, nesta perspectiva, a autora afirma que dar atenção ao corpo é equivalente a estar atento a alma.

Analisando a contemporaneidade, Woodman (2003) escreve que os indivíduos “nunca estão onde estão; estão sempre correndo, sonhando com o maravilhoso passado ou o maravilhoso futuro de modo que nunca estão no corpo. O corpo vive no presente” (WOODMAN, 2003, p. 38). E, citando Blake, é “o corpo é aquela porção de alma percebida pelos cinco sentidos” (apud WOODMAN, 2003, p.111).

O tempo presente é o que Kast (2019) observa quando propõem que o ser humano experiencie o mundo por meio dos sentidos, pois, estes abrem a possibilidade de dar sentido ao mundo. Porém, somente quando o humano está presente está onde a vida acontece. Assim, as experiências físicas também podem ser experiências da alma e com alma, ligando o mundo externo ao interno. Sobre isto é importante mencionar que

Quando desapropriamos os sentidos, eles continuam a nos orientar no mundo, mas são incapazes de nos dar prazer: Eles nos permitem funcionar, mas a ligação com a experiência interna, com uma vivência aprofundada do mundo se torna indesejada. A vida pode até se tornar mais fácil e mais rápida, mas deixamos de fazer experiências profundas, não criamos mais vínculos com o mundo. [...] O quanto desprezamos nossos sentidos, também sob a tirania do tempo, se evidencia quando passamos a transmitir experiências emocionais importantes como meras informações e não mais como narrativas (KAST, 2019, p. 21).

A correria da vida atual sufoca a criatividade e a profundidade do fazer experiência, contrapondo o que se propõe enquanto possibilidade de cura que a autora (ibid) nomeia como ressonância, conscientizar-se de si e do outro através do encontro. Por isto, Kast (2019) escreve que a alma precisa de tempo indo ao encontro do que Woodman (2003) compreende como a feminilidade consciente, que não tem a ver com ser mulher; mas, envolve a “percepção consciente da harmonia de todas as coisas [...] a capacidade de estar aberto e de receber um estado de alerta. Você sente a harmonia do universo inteiro na própria medula de seus ossos” (WOODMAN, 2003, p. 130-131) descrições e afirmações que lembram a expressão *religio* descrita por Jung (nota de rodapé nº5, página 51).

2.2 Corpo e Solutio dos Tempos Líquidos

Segundo Bauman (BAUMAN, LEONCINI, 2018, p. 13- 36), o corpo, enquanto sólido imerso em tempos líquidos vem denunciando o processo alquímico atual por meio de distúrbios,

tatuagens¹⁵ e cirurgias plásticas ou de transição de gênero, como que numa literalização do processo que até aqui se tem descrito.

O corpo até a modernidade pesada, compreendido como um objeto para ocupar certa função social, na fase líquida moderna é entendido como lugar donde se vivencia o consumo (BAUMAN, 1999, p. 58), local onde os fluxos do tempo em sua liquidez transmutam o sólido em sua relação com o novo e as possibilidades.

Então, começa a jornada pela busca da alma nas coisas materiais, no corpo perfeito ou idealizado, nos rendimentos lucrativos (KAST, 2019). E, aí a psique pode começar a se expressar por meio de distúrbios, estes “representam aquilo que não está recebendo sua devida atenção na situação atual [...] mas, faria parte de uma autorregulação” (KAST, 2019, p. 17). O distúrbio pode ser entendido, neste sentido, como símbolo que aponta para uma possível necessidade de desenvolvimento. É, possível observar, isto, na bulimia, anorexia, na insurgência de doenças físicas correlacionadas a vida psicológica e nos índices de transtornos de ansiedade e de humor depressivo, entre outros (WOODMAN, 2003).

No que diz respeito às tatuagens, Bauman e Leoncini (2018, p. 23) concordam que o ato de tatuar-se, na atualidade, parece ter relação com gravar em seu corpo um compromisso consigo mesmo e/ou com a comunidade, como que um memorial de quem se é, dado os influxos sofridos em tempos de liquidez.

Mas, a *solutio* do corpo em termos concretos e visíveis, se inicia com a possibilidade de cirurgias, incluindo-se as de estética e a de transição de gênero. Curiosamente, a primeira cirurgia de transição de gênero, acontece em 1930, no período entre guerras. O filme *A Garota Dinamarquesa* (2016) retrata a história da primeira mulher transsexual, Lili Elbe. A qual em dado momento do filme, confessa ainda como Einar que não importa a roupa que vestisse, pois ao deitar-se para dormir, os sonhos que teria seriam os de Lili. E, diante do doutor que realizaria sua cirurgia, Einar diz estar convencido de que por dentro é uma mulher, sendo atestado por sua esposa Gerda. Determinada noite, já próxima a sua morte, a mulher dos quadros de sua ex-esposa, sonha que é um bebê e está nos braços de sua mãe, a qual lhe chama de Lili, a alma de Einar revela-se em seu corpo e lhe confere outra identidade.

A *solutio* observada nos corpos quanto às cirurgias plásticas voltadas para a estética em seu excesso podem apontar uma relação com Cronos sombria, fazendo recordar a Gothel, a

¹⁵ Reconhece-se que a tatuagem não é um fenômeno restrito a modernidade, uma vez que no livro de Levítico das Escrituras Sagradas já existe menção a estas marcas no corpo.

Bruxa que prende a Rapunzel de *Enrolados*¹⁶ (2011) na torre, e em nome da beleza e juventude eterna sacrifica a doçura e a liberdade de sua “filha”, para que ao sugar de seus cabelos a magia da flor dourada possa fazer seu corpo deteriorado pela ação do tempo transmutar-se em jovem e belo.

O que se apresentou até aqui recordam que Jung (2019, OC. XIV, §320-375) descreve sobre a *coniunctio inferior* na alquimia; um casamento entre os opostos feminino e masculino, corpo e espírito que ainda precisa passar por alguns processos alquímicos. De modo que, o processo alquímico que o mundo parece estar vivenciando, pode ser notado no corpo também por meio do Transtorno de Ansiedade Generalizada. Acerca do qual se tratará a seguir apresentando o mito enquanto expressão do conteúdo arquetípico da cena que até então foi descrita pela história, o tempo e o devoramento do corpo e da alma.

2.3 TAG e a Juventude Feminina Brasileira

O Brasil é o país que ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de ansiedade conforme relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019). Além disto, conforme estudo realizado na Universidade de Cambridge de, mulheres e jovens com até 35 anos, tem duas vezes maior probabilidade de desenvolver o transtorno de ansiedade generalizada (BBC, 2016).

De modo que, o corpo feminino é o mais afetado por esta psicopatologia, cerca de 7% da população brasileira feminina sofre de ansiedade (MORAES, 2018). Convém pensar acerca disto, visto que Bauman escreve que, “*a linha divisória entre o corpo e o resto do mundo tende a se tornar um lugar de ambivalência intensa e também de ansiedade profunda*” (BAUMAN, 2009, p. 146), se o mundo externo continuar sendo fonte predominante de inseguranças. Neste sentido, ressalta-se que o Brasil é um país marcado pelas diferenças culturais e raciais e que apresenta, justamente, como caráter de identidade, a miscigenação objetificada nos corpos dos brasileiros. O próprio corpo do brasileiro parece retomar a frase de Bauman (ibid) ao reunir em si o encontro dos estrangeiros intensificando a ansiedade citada.

E, durante séculos este corpo fora negado e visto como inferior, e, isto, é intensificado se o corpo em questão for o da mulher. Porém a literatura e a arte, fortes auxiliadoras no processo de construção da identidade brasileira propuseram um “abrasileiramento do Brasil”, propondo aos filhos desta pátria a construção de sua nação e apropriação de seus corpos (SCHWARCZ e STARLING, 2019, p. 339).

¹⁶ Aliás, o enredo do filme remete a dinâmica entre Hermes, encarnado por José, Héstia em Rapunzel e uma relação com Cronos em Gothel.

Nesta pesquisa, a faixa etária analisada compreende jovens mulheres de 20 a 35 anos de idade, haja vista que neste período os múltiplos papéis e questões parecem ocasionar forte conflito emocional e solicitação de maior investimento no mundo externo. Já que nesta fase da vida desenvolve-se o que Jung chamou de tarefas da vida nas quais: constituir família, escolher uma profissão, estabelecer-se no mercado de trabalho, diferenciar-se dos pais aparecem enquanto demandas intensas e possibilidades e vão retornar enquanto questão a partir da segunda metade da vida, que teria início volta dos 40 anos (McGUIRE e HULL, 1977, p. 388-392).

Ao realizar a busca pelos índices do TAG no Brasil, Rio de Janeiro e no município de Maricá nesta faixa etária e gênero, não foram encontrados dados que enfatizassem este público. De forma que se optou por acolher a informação nacional (ONU, 2017) e os dados relativos à mulher e a juventude de forma geral na nação e no mundo; verificando a incidência do transtorno nesta população de forma mais específica no município maricaense. Tarefa que se revelará posteriormente.

Conforme o próprio Jung cita em entrevista (McGUIRE e HULL, 1977), nesta faixa etária, a extroversão já existe enquanto característica que possibilita efetuar as tarefas da vida. De acordo com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos (APA, 2014), os índices do transtorno de ansiedade generalizada no gênero feminino tendem a ser a maioria e podem estar associados a outros transtornos de ansiedade e a depressão unipolar, aparecendo com maior evidência aproximadamente aos 30 anos de idade.

As psicopatologias, tais como o nome e a etimologia da palavra sugerem, referem-se ao estudo (*logos*) do sofrimento (*pathos*) da alma (*psique*), James Hollis, pós-junguiano analisou alguns destes em seu livro *Os Pantaneais da Alma* (2003). Jung em *O espírito na arte e na ciência* (2018, OC XV), destaca que a psicopatologia pode ser entendida psiquicamente como fator doentio de um complexo, que se torna evidente por meio de perturbações na psique frequentes, podendo ocasionar sofrimento devido a autonomia dos complexos. Mas, deixa claro que não existe fator doentio em si no complexo o que pode torná-lo fonte de transtornos é o tanto de energia que acumula, desequilibrando a psique. Jung (*ibid*) observa e descreve a existência de complexos criativos, sendo estes elementos que conduzem o artista ou aquele que se debruça em uma obra, na elaboração da mesma.

A ansiedade generalizada, compreendida como sofrimento da alma, manifesta-se através de agitação, sentimento de fadiga frequentemente e facilmente, preocupações excessivas e/ou expectativa apreensiva, tensão muscular, dificuldade para concentrar-se, alterações no sono, irritabilidade, normalmente associados a temática de desempenho na vida,

conforme descreve o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos (APA, 2014). Levando o indivíduo a afastar-se psiquicamente do presente e lançar-se ao futuro, no entanto, sendo convidado simultaneamente, pelo corpo a voltar-se para o agora.

De forma que a literatura e dados apresentados evidenciam que ainda existem corpos no Brasil que estão sendo escravizados, mas desta vez parece ser pelo tempo, por Cronos, repetindo-se a cena mitológica do pai que devora seus filhos e evidenciando o caráter líquido da atualidade como aponta Bauman (1999) retomando um fenômeno histórico, a miscigenação, os estrangeiros que habitam o corpo brasileiro parecem pedir reconciliação.

No entanto, reconciliar estes estrangeiros, parece passar pelo mitologema do *homo novus* brasileiro e pela frase considerada profética escrita por Gilbert Durand, citada e traduzida pelo médico, analista e escritor Walter Boechat:

A ascese indoeuropeia denuncia a dupla tentação da mulher e do ouro. “O *homo novus* brasileiro não tem estes prúidos e aceita com avidez os eldorados e a mulher múltipla.” (DURAND, 1996b, p.185). Se há frases felizes que podiam ser escritas sobre o mitologema do “homem novo” brasileiro, esta é seguramente uma delas, porque, se há coisas que este tipo de novo homem mais deseja é, na verdade, possuir riquezas, acumulá-las, ostentá-las. Por outro lado é consumido pelo desejo feminino, pelo prazer da sensualidade e pelos deleites sexuais (o princípio do prazer, diria Freud), ou seja, é consumido pelo desejo do eterno feminino travestido de índia, negra, mulata ou branca (BOECHAT, et al., 2014, p. 61).

O autor (ibid, p.62) destaca ainda, que a ferida arquetípica e mítica de orfandade e inferioridade no brasileiro, aparece no culto ao ter e ao prazer, procurando sublimar o sentimento de ningüendade do qual fala Darcy Ribeiro, optando pelo caminho do ter ao invés do *ser*, evidenciando um povo que ainda não possui consciência de si, ignorando a natureza de sua alma mestiça, “tigrada”. Sendo necessário tomar consciência das correntes que lhe aferroam e aprisionam a um passado de culpa, escravidão, violência, estupro e deixar de aguardar um salvador que venha de fora. Pois, da terra da ningüendade não se sai com um grito de independência que venha da boca de um europeu ou norteamericano, mas passa pela recuperação e costura da identidade mestiça que está simbolizada e encarnada num corpo específico, o feminino. No entanto, esta temática aponta para outra possível pesquisa.

Retomando a metáfora do devoramento dos corpos feito por Cronos, convém conhecer o mito e descrever a cena que baseia a construção de toda esta dissertação. Para tal, recorre-se ao mitólogo Junito Brandão (1994).

2.4 O Mito De Cronos E Transtorno De Ansiedade Generalizada

De acordo com Brandão (1994), na mitologia grega Cronos é o filho caçula de Urano (Céu) e Gaia (Terra). Chamado de Saturno na mitologia romana e associado ao chumbo na alquimia. No entanto, nesta pesquisa se dá ênfase a cena deste deus mitológico devorando seus filhos, optando-se pela narrativa grega. Cronos compõe a primeira geração de Titãs, seu período de reinado corresponde a Idade do Ouro, assim denominada, pois não havia trabalho nesta época, a terra espontaneamente dava aos homens de comer, homens estes que foram criados em seu reinado. Seu nome semanticamente é associado ao tempo, pois, simultaneamente ao gerar, devora seus filhos e sua fase de reinado é denominada *esquizogenia*.

Sua mãe, Gaia tem como característica a partenogênese, ela gerou de si mesma a Urano, que veio a ser seu marido. Este assim que seus filhos nasciam de sua esposa, lhes devolvia ao seio materno por temer ser destronado por eles (ibid).

Brandão (1994) narra que Gaia pediu aos filhos que a libertassem de seu esposo tirano, mas todos se negaram, exceto Cronos que o odiava. Um dia quando Urano e Gaia estavam se relacionando, Cronos utilizando-se da foice que recebera de sua mãe, rasgou os testículos do pai, mutilando-o. O sangue e esperma do deus fecundaram a Gaia dando origens a outros filhos: as Erínias, aos Gigantes, às Ninfas Mélias, e a Afrodite nascida do encontro do esperma com o mar. Assim,

Crono (Saturno) é o podador, corta e separa. Com um golpe de foice ceifa os órgãos de seu pai, pondo fim a secreções indefinidas. Ele é o tempo da paralisação. É o regulador que bloqueia qualquer criação no universo. É o tempo simétrico, o tempo da identidade (BRANDÃO, 1994,p.192).

Realizada a castração do rei, Cronos possibilitou a separação entre Céu e Terra. E tomou o lugar do pai. Apossado do governo do mundo e casado com Réia, sua irmã, Cronos tornou-se um tirano ainda pior do que Urano, engolindo aos filhos que gerava com Réia para não ser destronado. Pois, seus pais conhecedores da *mântica*, da arte de conhecer o futuro, o alertaram que um dos filhos gerados neste casamento lhe substituiria. Os filhos de Cronos são: Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus (ibid).

De acordo com o mito, é Zeus quem destrona o pai por meio do auxílio de sua mãe que em seu nascimento deu a Cronos uma pedra em lugar do filho para que engolisse (BRANDÃO, 1994). No que diz respeito a natureza desta pedra, Ribeiro Jr. (2015) revela que possivelmente, de acordo com tradições antigas, a pedra tenha sido o ônfalo, conhecido como símbolo de conexão entre o divino e os mortais, além de ser identificado como umbigo do mundo.

Assim, Réia preserva a vida de Zeus em uma Ilha, local que sua avó Gaia proporcionou para que ficasse. E, quando adulto Zeus recebe de sua esposa Métis, a Prudência ou Sabedoria, uma droga maravilhosa que fez Cronos vomitar seus filhos passando ao ato final do destronamento (ibid).

Após, este feito uma grande batalha se iniciou. Cronos e os seus irmãos versus Zeus e os seus, uma guerra entre gerações que durou dez anos. Mas, que terminou com a vitória de Zeus e seus aliados, restando a Cronos e os irmãos titãs serem trancafiados no Tártaro ao menos até que a ordem fosse restaurada e Cronos pudesse habitar a cosmogonia de uma outra forma (BRANDÃO, 1994).

Quando percebeu que seu poder estava consolidado, Zeus libertou seu pai e o fez reinar na Ilha dos Bem-aventurados, onde aqueles que não conheciam a morte passavam a viver como em um paraíso que de certa maneira retomou a *idade de ouro* e deu a Cronos um lugar que o retirou da posição de tirano e lhe conferiu poder de garantir aos homens os frutos necessários para nutrirem-se, tornando-se um deus da agricultura (VITALE, p.33, 1979).

A figura de Cronos é representada na Mitologia Romana como o deus Saturno, Jung (2019, OC. XIV, § 362- 364) escreve sobre o sal da sabedoria como sendo idêntico ao *sal saturni*, o sal de chumbo que alude ao tempo que o deus Cronos passa no Tártaro e que na medida adequada remete a matéria prima. Sendo a sabedoria descrita como o verdadeiro remédio que pode corrigir e transformar aquilo que já não é; ou mesmo aquilo que ainda não é no que deve ser (ibid, § 337-338). Neste contexto, há na relação entre Cronos e a psique uma analogia ao processo de enfrentamento e elaboração da sombra. Por sua mitologia e relação com a alquimia, Cronos/Saturno era chamado de governador da prisão pelos alquimistas, de modo que possui o poder de aprisionar ou libertar na tradição hermética relativa à alquimia (VITALE, p. 24-28, 1979).

Assim, Patrícia Pinna Bernardo (p. 44, 2013), psicóloga, junguiana e arteterapeuta, destaca que Cronos ao encarnar o lugar daquele que separa, fazendo uso de sua foice, cristaliza, enrijecem a vida psíquica. Porém, ao retornar do Tártaro ocupando o lugar daquele que proporciona a colheita e um renascimento, traz consigo a discriminação dos conteúdos que anteriormente haviam sido dissociados, possibilitando recolocá-los no mundo em relação. Céu e Terra, Gaia e Urano, Consciência e Inconsciente, Masculino e Feminino podem assim dialogar.

Apesar do feminino já mostrar seu potencial na luta contra a tirania de Cronos, desde o início do mito, convém observar mais atentamente às filhas dele, a fim de buscar no mito correlações com a pesquisa até aqui desenvolvida. Ao observar o que descreve Brandão (1994)

acerca das deusas, encontra-se que Héstia é a deusa do lar, simbolizada pela lareira; Deméter a deusa da terra cultivada intimamente associada às estações do ano e a relação materna; e Hera a deusa do casamento, sendo guardiã deste.

As autoras Diniz e Iaromila (DINIZ et al, 2015) escrevem que ao voltar o olhar para a lareira, símbolo de Héstia, conhecida como Vesta na Mitologia Romana, é possível recuperar o significado etimológico desta palavra que vem do latim *focos*. Ela é a primeira filha de Cronos e última a ser vomitada, sendo a deusa do lar, cultuada no Olimpo e nas casas revelando o caráter de introversão e de iluminação interior que nutre o mundo psíquico e o religa ao mundo externo. Sendo evocada como centro nas praças e na própria estrutura do planeta Terra através do magma. Proporciona a personalidade da mulher uma presença espiritual, adornada pela “inteireza e totalidade, alicerçadas em uma profunda experiência subjetiva” (BRANDÃO, 1994, p. 348).

Brandão (1994) associa Héstia ao Espírito Santo, na mitologia cristã. A terceira pessoa da trindade traz a simbologia do fogo enquanto presença voltada para a purificação. Além de ter sido anunciado pelo Cristo como aquele que instruiria e selaria aos cristãos como filhos de Deus e completaria a obra que Cristo iniciou religando tudo e todos¹⁷. Além disto, ele está associado à alma, já que a palavra em grego para espírito é vento ou sopro que por sua vez também pode ser traduzido como alma (BRANDÃO, 1994).

Quanto à palavra vento relacionada ao divino, Jung (OC. VII, p. 23, § 218) escreve que pode ser traduzida como alento ou espírito. No entanto, alento parece ter uma conotação feminina e matriarcal, e espírito evoca o aspecto masculino. Neste sentido, se aponta o papel de Héstia como essencial no processo psicoterapêutico tendo em vista seu convite a contemplar o fogo sagrado. Pois, contemplação é uma palavra que retoma a expressão *religio*, enquanto consideração e observação feitas de modo cuidadoso (JUNG, 2019, p. 8, OC XI, §8). Acerca disto, Barcellos (2019, p.142) chega a atribuir ao psicoterapeuta o papel de sacerdote de Héstia tendo em vista o fogo da reflexão, o guardar e o fluir de memórias no processo terapêutico.

Retomando a primogênita de Cronos, como figura principal para conduzir a relação entre o tempo, o feminino, e a subjetividade, observa-se de acordo com Diniz (et al, 2015) a deusa invulnerável, isto é, independente e experimentada na solicitude, evocando a intimidade meditativa. Tendo esta relação com a concentração, trazendo à tona também, o fluir das memórias, retomando a etimologia da palavra lareira. Outra imagem associada a essa, é o

¹⁷ Conforme as cartas de Paulo presentes na Sagrada Escritura às Igrejas de Roma e Colossos.

círculo, símbolo do feminino, o fogo convida aos presentes na casa a sentar-se ao redor da lareira que está no centro do lar, proporcionando acolhimento e calor humano.

Diniz e Iaromila (ibid) destacam que para aqueles que conectam-se a Héstia, existe a tendência em transformar as tarefas rotineiras em oportunidades para concentrar-se no que é essencial, associando a introversão proporcionada pela deusa ao tempo kairós, possibilitando participar da tecitura do tempo, ao invés de ser devorado por ele. Assim, Héstia possibilitaria a mulher, a humanidade e a capacidade de acessar em si ao fogo sagrado da vida, desvelando e proporcionando a feitura dos verdadeiros alimentos da alma.

A libertação do tempo cronológico acontece no mito por meio da atitude de Réia e Gaia, ao garantir que Zeus estivesse a salvo. Este, ao receber de sua esposa Métis algo que permite a libertação de seus irmãos, o faz e toma o poder compartilhando-o com eles e sua filha Átena, filha da Sabedoria, que nasceu de suas meninges. Pois, Zeus devorara a Métis antes desta dar à luz a menina, buscando evitar uma perda em sua soberania e passando a ter a filha como aliada. Os casamentos de Zeus fizeram dele “*a síntese das qualidades divinas e humanas de um governante todo-poderoso, mas justo e civilizado*” (BRANDÃO, 1994, p. 162). Brandão (ibid) escreve que Hesíodo vê a passagem do governo de Cronos a Zeus como fim de um ciclo de trevas e caos para a Justiça, luz e paz, pois o poeta almejava profundamente por um mundo novo nestas bases.

Nota-se, no mito conforme narrativa de Brandão (1994), que por meio do ato de Cronos de constante devoramento de seus filhos, aparece a tendência de tentar criar o tempo favorável a si mesmo, movendo-se em direção ao futuro e deixando de observar o presente, no qual uma pedra substituiu um filho e ele não notou, assim como recebeu a dose de uma droga sem perceber. Fatores que parecem ser repetidos pelos que vivenciam o transtorno de ansiedade, numa constante busca por estar no controle, tentando fabricar o kairós por meio da velocidade de execução das atividades ou mantendo-se nela para manter o controle do que entendem que seja a vida.

Cronos é ainda descrito por Vitale (1979), como aquele que por meio de sua foice limita e poda, mas também colhe os frutos que alimentam a humanidade quando reestabelecido, podendo ser o deus da colheita ou o pai devorador que evoca a morte e a incerteza acerca do futuro.

Quanto à possibilidade de libertação da tirania de Cronos, Lavelle (2014) escreve que só é refém do tempo, só se encontra envolto nas entranhas de Cronos, aquele que faz um mau uso do mesmo, que não o observa enquanto continuidade que revela aquilo que precisa ser visto

para que a noção de tempo cartesiano seja superada e a vida do homem se conecte ao tempo da eternidade.

O autor (ibid) propõe que o ser humano necessita vislumbrar e viver o presente como um vaso translúcido que transparece a realidade que o preenche. E, em concordância Barcellos (2017) afirma que somos viajantes do tempo, e paradoxalmente carregamos o passado e o futuro para alcançar o presente, tarefa árdua, principalmente para aqueles que vivenciam o quadro de TAG.

Faz-se imperativo destacar que para Barcellos (2019) atualmente o mundo sofre de ansiedade espacial¹⁸, já que localizar-se é uma necessidade da alma, possibilitada pela relação entre dentro e fora (Héstia e Hermes) e por suas relações com o tempo. Trazendo à tona questões sobre o estar, que revelam o caminho e o tempo presente continuamente. E, evidenciando que o corpo está envolto em uma *solutio*, nesta tensão que vem à tona provocando reflexões por meio da alma e resgatando-a do mundo material para o espiritual; e que o espírito, por sua vez, parece estar se coagulando na matéria (JUNG, 2019, p. 304, OC. XIV, §360).

Nesta coagulação volta-se o olhar para Héstita, aquela que por ter passado mais tempo dentro do tempo, conhece o tempo ao avesso, já que foi a última a ser vomitada. E, em sua relação com Cronos ela produz: “paciência, permanência, imobilidade, tolerância, foco, interesse, atenção, continuidade das relações, aprofundamento dos laços afetivos” (BARCELLOS, 2019, p. 139). Ao ponto de Barcellos (ibid) chegar a atribuir a deusa, fator primordial no cultivo da alma¹⁹, destacando-a como antídoto para a ansiedade.

Mas de modo sombrio, a presença de Héstita revela dificuldade ou evitação extrema em lidar com o novo e com o diferente, como se pode perceber no TAG. Notando-se a presença excessiva da deusa também no racismo, na homofobia, xenofobia, transfobia e etc... Justamente questões que aparecem no mundo atual conforme Bauman (1999).

Outra possível ramificação, que tende a aparecer no TAG é a busca incessante do novo, faz com que o sujeito vivencie um excesso de Hermes (BARCELLOS, 2019). Questões que são também pontuadas por Bauman (1999) na sociedade atual. De maneira que parece haver um intenso desequilíbrio nesta parceria tanto na contemporaneidade, quanto na vivência do TAG.

Héstita, a deusa do lar, figura que possibilita a organização do mundo interno e confere identidade e interioridade a vida, parece ter sido dessacralizada nos tempos atuais. Uma vez que

¹⁸ A ansiedade espacial vivenciada pela contemporaneidade ocidental poderia ainda ser pensada e situada em futuras pesquisas por um retorno ao Jardim do Éden, local no qual, miticamente, a relação entre ego e Self se dava e de onde parece ressoar a indagação proferida por Deus: “Onde estás?”.

¹⁹ Héstita teria papel primordial no cultivo da alma, visto que sua presença pressupõe voltar o olhar para dentro, refletir, buscar alma.

conforme Bauman (2007) o mundo carece de segurança e pertencimento, justamente pela presença em excesso de Hermes: o novo e a velocidade com que este vem. Causando medo e o sentimento de estar perdido.

Quanto a esta ideia de sentir-se perdido, Barcellos (2019) escreve sobre um perder-se para encontrar-se, o percurso como caminho e como lugar para achar-se. Mas, isto também só é possível, se for possível aprender com o erro. E aprendizado, é uma tarefa que exige foco. Palavra que em sua etimologia liga-se a imagem da lareira e convida mais uma vez a Héstia.

A segurança e a proteção trazidas pela lareira estão associadas ao alimento que o fogo ao concentrar-se num determinado lugar aquece e possibilita. Assim, Héstia revela seu caráter materno, ainda que seja uma deusa que não se casou ou teve filhos, providenciando e servindo o alimento que é comido ao redor da mesa. Em caráter sagrado, o alimento é provido, nutrindo a vida. Barcellos (2019) destaca o quanto a dessacralização do espaço interno, da casa como templo, da vida interna como sagrada agride a vida psíquica. O autor exemplifica esta questão fazendo alusão ao *fast-food*, mais uma vez retomando a ideia da velocidade e de mover-se para certo fim objetivo, tal como uma flecha, imagem associada a Hermes.

A flecha também traz consigo a ideia de movimento, de percurso, viagem. Que parece ter sido uma necessidade literalizada da alma, trazendo o aspecto uma vivência doentia de Hermes. Assim, a humanidade é observada na contemporaneidade como viajante do tempo e espaço, como Bauman (1999) destaca e Barcellos (2017) recobra, vive em constante movimento promovendo o que Heidegger (1955) descreve como um desenraizamento tanto quando se refere a ser estrangeiro, quanto se traz a noção de afastamento de um sentido de vida. E, ambos parecem relacionar-se a uma carência da presença de Héstia que sendo o centro do lar, o umbigo da casa demonstra um enraizamento tanto com a terra, trazendo uma perspectiva de conexão com a ancestralidade; quanto com o céu, revelando a espiritualidade e conexão com o processo de individuação (BARCELLOS, 2019, p. 114).

Aliás, a flecha e o círculo apresentados juntos, talvez, sejam as melhores imagens para apresentar Hermes e Héstia em relação. Curiosamente, Heidegger (2001) as apresenta junto para descrever o Ser-aí²⁰, que reúne em uma expressão o âmbito essencial e a abertura para o mundo em busca do sentido da existência do ser que se dá na temporalidade e é temporalização.

²⁰O Ser-aí, Dasein, é apresentado por Heidegger com um semi-círculo e uma flecha, quiçá, tal imagem conjuga Hermes e Héstia. Visto que Hermes está dentro lançando-se para fora e Héstia não está fechada em si mesma, o que se nota na semiabertura do círculo. Heidegger não menciona os deuses ao apresentar esta imagem. Esta é uma observação da autora na tentativa de articular diálogos futuros entre a Psicologia Complexa e o pensamento desenvolvido por este filósofo.

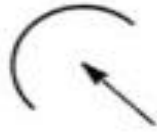


Figura 3 - Imagem apresentada por Heidegger.

Fonte: <https://esbocosfilosoficos.com/tag/heidegger/>

Deste modo, ecoam as perguntas “o que Métis teria dado a Zeus para que Cronos vomitasse seus filhos”? E, a questão que parece complementar a esta seria “como evocar a Héstia enquanto auxiliadora para integração do que o transtorno de ansiedade generalizada vem pontuar?”. A estas questões, o próximo capítulo buscará aprofundar ilustrando este processo compreendendo a cidade de Maricá e a clínica junguiana como espaços para cuidado da alma.

3. MARICÁ E A TERAPIA JUNGUIANA COMO ESPAÇOS PARA O CUIDADO DA ALMA

No presente capítulo, se realiza um breve mergulho no significado do nome de Maricá e a descrição de suas principais características geográficas e econômicas descrevendo a cidade-alma Maricá em uma perspectiva imagética trazida por Hillman (1993). Além disto, se apresenta a análise dos sintomas do TAG em relação com Cronos, Héstia e Hermes e se observará as respostas do questionário eletrônico elaborado para levantar o índice do TAG em mulheres de 20 a 35 anos do município e assim se propõe um projeto transdisciplinar para o cuidado destas. Fechando o capítulo, um estudo de caso clínico acompanhado pela autora e psicóloga, finaliza a trajetória centrípeta desta pesquisa.

De acordo com Brum (2004, p. 14) historiador maricaense, Maricá pode significar: mata espinhosa (mari- espinheiro e Caá- mata), advir da expressão *Maraka* ou ainda referir-se a *mori-lago*, se a expressão vier do indo-europeu, fazendo menção a uma deusa dos pântanos. Há ainda outra referência possível deste nome, apontada por Brum (ibid) citando o mitólogo Junito de Souza Brandão. Em cuja qual, Maricá é apontada como uma ninfa de Minturnas na Mitologia e Religião Romana, esta possuía um bosque sagrado, o bosque de Maricá. Existe a referência de que Maricá seria a mãe de Latino.

Quanto à segunda possibilidade da origem do nome da cidade, a expressão *Maraka* vem da linguagem tupi pode significar chocalho (CARVALHO, 1987) e estar associada a fazer música e a música propriamente dita com seus sons diversos (BASTOS e PIEDADE, 1999).

A cidade possui muitas lendas indígenas e histórias do período de escravidão, além de um evento que marcou a chegada dos portugueses e do cristianismo no local, que foi o milagre da pesca na lagoa de Araçatiba, na chegada do padre José de Anchieta em 1584 (LEI SECA MARICÁ, 2014).

Maricá (IBGE, 2020), município que tem 207 anos de emancipação, mede 361572km² de extensão, com uma população atual de mais de 161. 207 munícipes, sendo a quinta maior economia do estado do Rio de Janeiro que tem um total de noventa e dois municípios e ocupa a 115ª economia no ranking nacional, é importante destacar que o país tem 5570 municípios.

Na atualidade, sua economia é bastante nutrida pela arrecadação dos royalties, ocupando a primeira posição neste ranking no estado do Rio de Janeiro, conforme informa o site *Lei Seca Maricá* (2019). Fato que corrobora e acentua o quanto a trajetória do Brasil em termos históricos e econômicos se alia ao município e pode ser verificada também, por meio do desenvolvimento deste território.

A prefeitura de Maricá investe parte dos recursos do município em programas como o programa de distribuição de renda básica que distribui mumbucas (nome da moeda maricaense) restritas a uso dentro do município, o que tanto coopera para o fortalecimento da economia maricaense, quanto auxilia aos beneficiários e microempresários filhos desta terra. Maricá foi apontado pelo instituto americano *Jain Famile* como o maior exemplo de distribuição de renda básica para a América Latina, de acordo informações trazidas a público pelo site da prefeitura (2020a).

No que diz respeito ao cuidado com as mulheres, a Secretaria Municipal de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulheres é a responsável pela proteção dos direitos deste público. A secretaria desenvolve: rodas de conversa, conferências, caminhadas e outras atividades; além do atendimento psicológico, jurídico e social (PREFEITURA DE MARICÁ, 2020d).

Apresentadas algumas das características do município e programas voltados a população, convém enfatizar a cidade- alma- Maricá por meio das ideias que Hillman (1993) traz. De acordo com Hillman (1993, p. 9) a alma está em todas as coisas, inclusive na vida urbana e este tece críticas a relacionar a alma apenas às questões da natureza. O autor se concentra, então em descrever como e onde a alma se revela nas cidades. Enfatizando que a própria palavra *soul*, alma em inglês retornou ao vocabulário cotidiano justamente por meio das ruas dos grandes centros urbanos e destaca como exemplo disto o *soul music*.

Assim, Hillman (ibid) aborda cinco formas pelas quais se nota a presença da alma nas cidades: a ideia de reflexão, a profundidade, a memória emotiva, animar por meio de imagens e relações humanas. Não se pretende aqui fazer uma longa abordagem acerca do tema, pois ele mesmo parece apontar para uma pesquisa em si. Mas, se almeja fazer uma breve descrição de cada ponto revelando estas características em Maricá, sem perder de vista que, apesar de vir se tornando um grande centro e referência nacional e internacional de desenvolvimento político e econômico (LEI SECA, 2020), a cidade conserva também suas belezas naturais: rios, lagos, mares, cachoeiras, serras e animais silvestres.

A primeira a ideia trazida por Hillman (1993) é a de reflexão, que o autor associa a lagos, piscinas e até mesmo vidros e espelhos. Enfatizando que o reflexo seja o da alma, no sentido de produzir uma reflexão mais profunda e não simplesmente um deslumbramento. Neste sentido, como exemplificação deste processo em Maricá, vê-se a lagoa de Araçatiba (Figura 4). Local histórico, onde José de Anchieta em 1584 teria realizado o milagre da pesca (LEI SECA MARICÁ, 2014) e onde atualmente a prefeitura de Maricá tem promovido eventos e a nova orla construída possibilitou que a lagoa se tornasse um ponto de caminhada e reflexão, além de ser palco da celebração da virada dos anos.



Figura 4 - Lagoa de Araçatiba.

Fonte: Arquivo Pessoal e Profissional do Fotógrafo Evandro Maquei.

O segundo ponto ressaltado por Hillman (1993) é a profundidade. Assim, distintos nivelamentos, iluminação e sombra, texturas diversificadas e materiais trariam esta concepção à tona, também ruelas da cidade e destaca a importância dos diferentes níveis de altura e profundidade para a alma, pois possibilitam interiorização das vivências e aprofundamento, parecendo associar esta ideia a capacidade de concentrar-se na experiência para que a profundidade seja evocada. Como exemplo disto, tem-se o beco que se localiza no centro de Maricá, nomeado em 2006 de Shopping a Céu Aberto (Figura 5) (LEI SECA MARICÁ, 2006). Local onde pela manhã e tarde alguns comerciantes, mantêm suas lojas funcionando e a noite, a baixa iluminação revela a profundidade da ruela que conecta uma rua do centro a outra, interessante que estas ruas têm níveis distintos também como se o transeunte fosse de uma parte mais baixa a uma mais alta da cidade ou vice e versa, por meio dessa passagem.



Figura 5 - Shopping a Céu Aberto.

Fonte: Lei Seca Maricá.

A terceira ideia, a memória emotiva retrata locais que contam histórias para a comunidade, que contam a própria história da cidade. A Lagoa de Araçatiba pode ser entendida como um destes lugares, e também a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, tombada como patrimônio histórico cultural, conforme o Instituto Nacional do Patrimônio Cultural (s/l). A Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Inoã que foi recentemente nomeada Unidade de Pronto Atendimento Denise Gomes, em homenagem a enfermeira que atuava no local e faleceu em combate ao novo corona vírus (Prefeitura de Maricá, 2020c).

Assim, dado o momento em que este trabalho é redigido e a valorização da vida e não naturalização das mortes no covid-19, destaca-se aqui o monumento em frente ao Hospital Municipal Dr. Ernesto Che Guevara que a prefeitura ergueu em homenagem às vítimas do covid-19. Na imagem (Figura 6), vê-se acima das estátuas que estão ao redor da grande árvore cortada, porém que ainda floresce, a figura da pomba que na mitologia cristã refere-se a figura do Espírito Santo estritamente ligado a Héstia como já mencionado anteriormente.



Figura 6 – Memorial às vítimas do Covid-19. Fonte: Prefeitura de Maricá.

A quarta pontuação que Hillman (ibid) faz, diz respeito a qualidade da alma em proporcionar a imaginação por meio de imagens e símbolos que fazem parte da cultura do local e servem como meio de localização e orientação e na ausência destes a mão humana produz marcas próprias, como por exemplo grafites (Figura 7). Aqui se destaca o grafite e o incentivo da prefeitura, por meio de parcerias com os artistas, que é significativo perceber a presença da imagem indígena a repetir-se tanto no Centro de Maricá e outros locais da cidade.



Figura 7 - Grafite Centro de Maricá

Fonte: Arquivo pessoal.

E, o último ponto que Hillman destaca, se refere as relações humanas, ao olhar nos olhos, ao notar a presença do outro, aos locais de pausa para observação e conversação. Aqui a Praça Orlando de Barros Pimentel (Figura 8) tem ênfase, antes de ser palco de atrações e eventos e além de ainda sê-lo, a Praça é, ou costumava ser o *point* de encontro de pais que se sentam a conversar e filhos a brincar no parquinho; de adolescentes e jovens que marcam suas *resenhas*²¹. O lugar promovia em meio ao centro urbano uma pausa para a intimidade. No instante em que esta dissertação está sendo produzida, a praça está em obras, algo muito significativo simbolicamente, e toma proporções de um local aos moldes das grandes praças da Europa. Internautas questionaram as mudanças, enfatizando a relevância deste espaço não se tornar somente local para grandes shows e eventos (MARICÁ INFO, 2021). Demonstrando preocupações quanto a ainda não verem neste local os bancos, mesas e o parquinho que anteriormente lhes proporcionava uma significativa pausa.

²¹ Nome dado pela juventude aos encontros para conversar e entreter-se.

Além deste local, a prefeitura tem investido na revitalização das Orlas e Praças dos bairros dos municípios como locais donde o cuidado, as relações humanas, lazeres e encontros têm sucedido e encantado a moradores e visitantes. As pausas proporcionadas por estes momentos de lazer conduzem a consciência ao vazio criativo, espaço onde Cronos não as alcança.

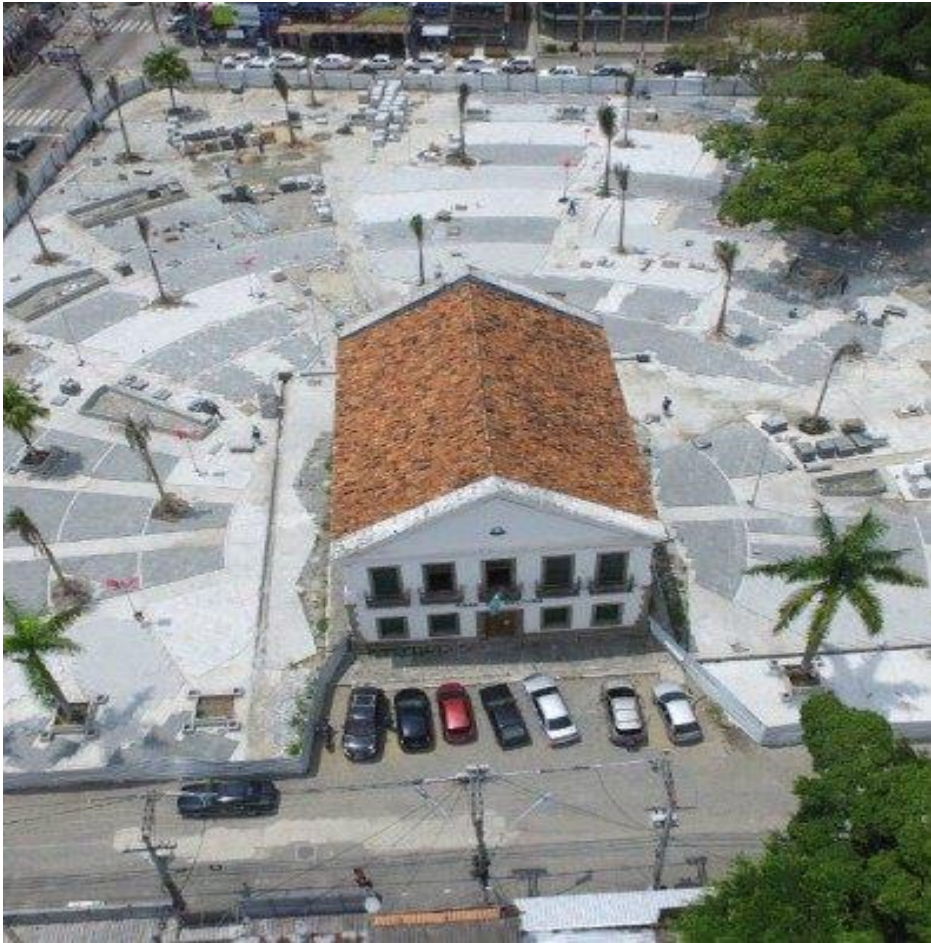


Figura 8 - Praça Orlando de Barros Pimentel

Fonte: Lei Seca Maricá.

Assim, nota-se o protagonismo de Maricá em qualidade de vida também. Mas, isto não exclui a possibilidade de adoecimento psíquico, ainda mais num contexto de constante expansão e ascensão do município. Por isto, faz-se essencial ressaltar o que o município tem realizado como promoção e prevenção da saúde psíquica da juventude, compreendendo também a cidade como uma jovem a lançar-se na tarefa de estabelecer-se como referência. Levando em consideração que saúde é definida pela Organização Mundial da Saúde como o bem estar biopsicossocial (ONU, 2016). Para através da descrição dos programas já realizados,

pensar; e quiçá, possibilitar, alternativas para o cuidado da juventude feminina em Transtorno de Ansiedade Generalizada.

3.1 Fenomenologia do TAG na Juventude Feminina Maricaense

Neste tópico, se pretende descrever o TAG na juventude feminina maricaense, os dados sobre a pesquisa de modo geral estão anexados no Apêndice A. No total, 135 mulheres responderam ao questionário eletrônico, destas 70 são maricaenses. Quarenta e sete por cento delas corresponde a faixa etária de 25 a 30 anos, 32% das mulheres tem de 20 a 25 anos e 21% está entre 30 a 35 anos.

Quanto à cor 48% se intitula branca, 36% parda, 13% negra e 3% amarela (Figura 9). Pode-se observar no gráfico abaixo o modo como estas mulheres sofrem com a presença dos sintomas do Transtorno de Ansiedade Generalizada. Destacando-se nos níveis frequência e incômodos, os sintomas: preocupações constantes e excessivas, agitação, dificuldade de concentrar-se e irritabilidade.

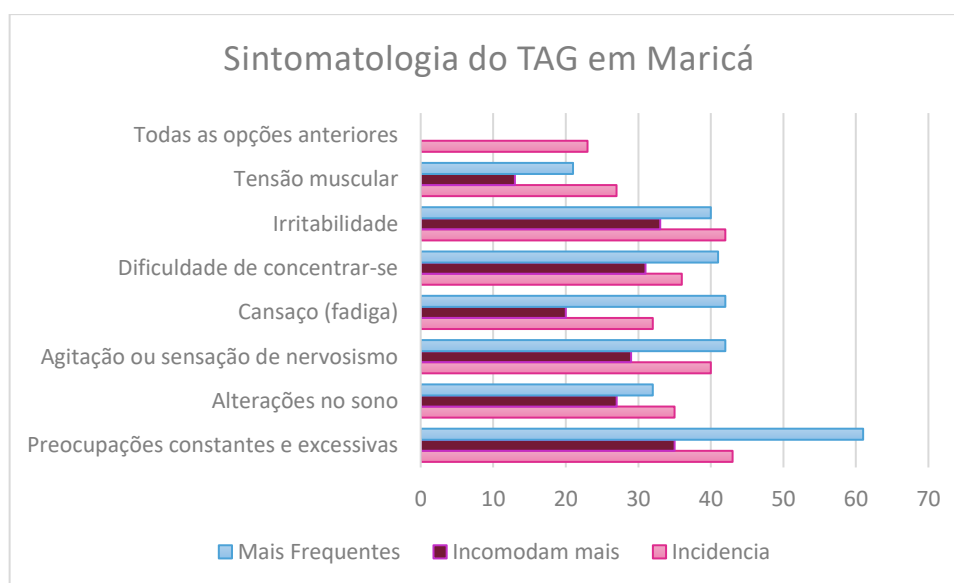


Figura 9 – Sintomatologia do TAG em Maricá
Fonte: Própria (2021)

Quanto à relação pessoal com o emergir dos sintomas, 42,8% sentem que surgem de repente e 57% identificam a razão de surgirem ou percebem quando vão iniciar. Sobre o lidar com os sintomas, 11,4% das mulheres afirma conseguir lidar com os mesmos e 65,7% alterna entre saber lidar e não, e 22,8% dizem não ter controle sobre os mesmos.

Como se nota, a preocupação se destaca na sintomatologia maricaense. E dentre os temas que mais preocupam as maricaenses estão: trabalho (68%), relacionamento familiar

(57%), Estudos (48%), múltiplas tarefas (47%) como se pode notar na imagem abaixo e conferir as demais categorias escolhidas para compor as opções de resposta, conservando-se um espaço para anexar respostas próprias, no qual apareceu o medo da morte e do futuro como outras questões. Reconhece-se a possibilidade de anexar ainda outras categorias neste gráfico (Figura 10), tais como o uso de tecnologias, que 49% da juventude feminina maricaense afirma observar relação entre isto e a ansiedade e 37% dizem que talvez haja uma ligação. E, 86% delas veem os imprevistos cotidianos como uma fonte de ansiedade. Outro tema que poderia ter sido anexado é o das redes sociais e aplicativos de comunicação.

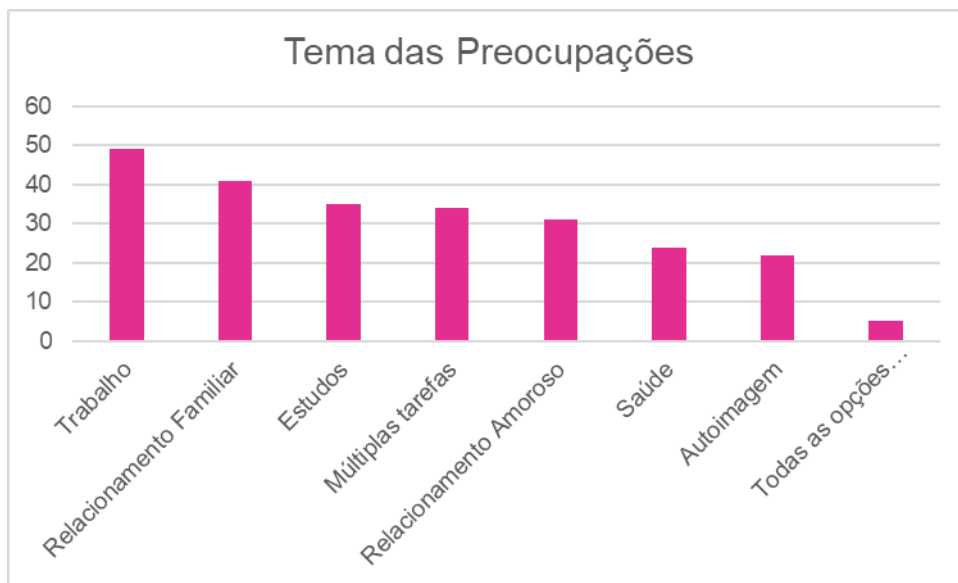


Figura 10 - Tema das Preocupações
Fonte: Própria (2021)

Outro dado relevante pode ser observado no gráfico da Figura 11, no qual, a maioria das mulheres afirma que com frequência dedica mais tempo e energia às tarefas externas e aos outros do que a si mesmas, notando-se a extroversão predominando na vida das mesmas. Deste mesmo público 54% não praticam nenhuma atividade que possa auxiliar a lidar com o TAG.

RELAÇÃO TEMPO E INVESTIMENTO ENERGÉTICO

- Não apresenta questões 20%.
- Embora haja dificuldades, nota que consegue ter tempo para tarefas pessoais e também cuidar do relacionamento com os outros e tarefas externas 30%.
- Percebe que com frequência se dedica à tarefas externas ou que envolvem mais a outros que a si mesma 50%.



Figura 11 – Relação tempo e investimento

Fonte: Própria (2021)

Quanto aos recursos para lidar com o TAG observa-se o gráfico da Figura 12, tendo como destaque a psicoterapia, a atividade física e o auxílio psiquiátrico como principais recursos apontados pelas participantes. Apontando para a importância do desenvolvimento de um projeto transdisciplinar que abarque os recursos citados abaixo e o apoio de outras áreas do conhecimento.

Recursos para lidar com o TAG

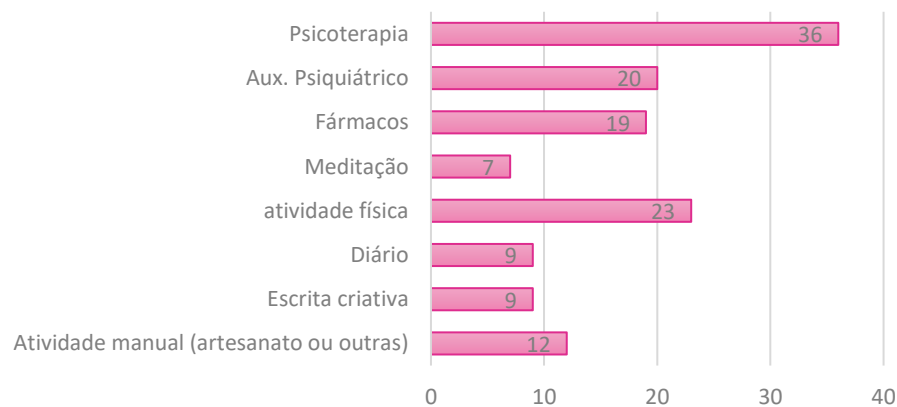


Figura 12 – Recursos para lidar com o TAG

Fonte: Própria (2021)

Foram apresentadas metáforas ligadas às figuras de Cronos, Hermes e Héstia, às participantes, como modo de expressar sua relação com o TAG, na escolha das mais representativas vemos um excesso de Hermes (Figura 13).

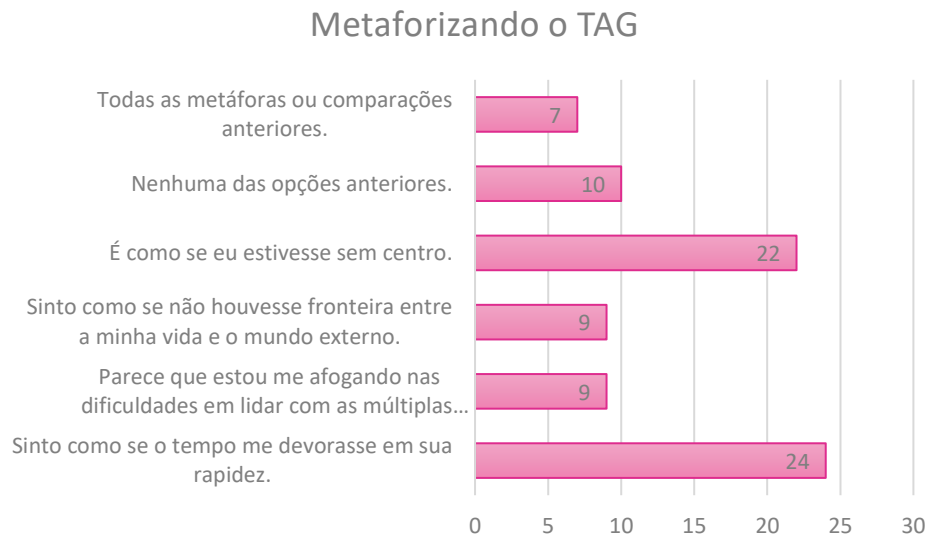


Figura 13 – Metaforizando o TAG

Fonte: Própria (2021)

Quanto ao uso de recursos como agendas e *planners* para ter Cronos como auxiliar na vivência do TAG, se observa o gráfico abaixo, no qual se nota que a maior parte das participantes nunca fez uso destas ferramentas e que as que fazem ou já fizeram uso, reconhecem-nas como ajudadoras (Figura 14).

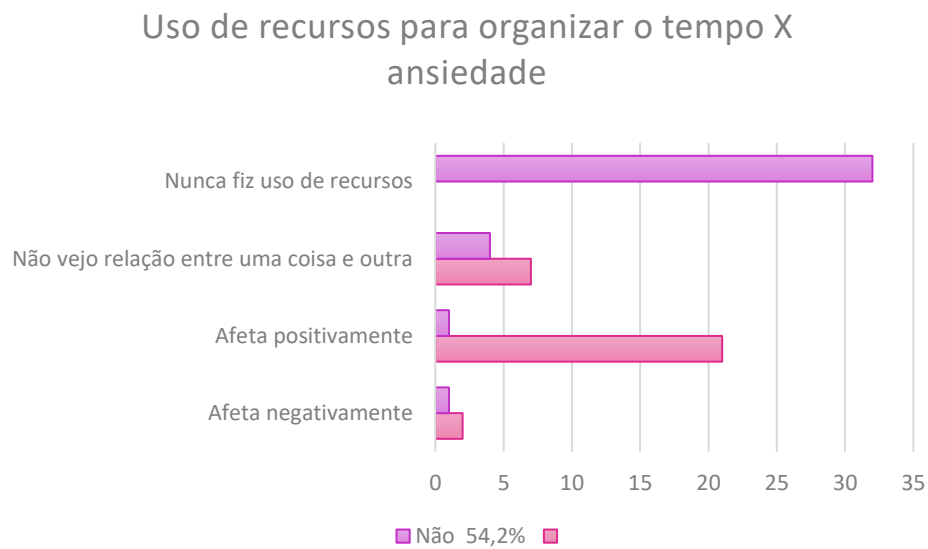


Figura 14 – Uso de recursos para organizar o tempo X ansiedade

Fonte: Própria (2021)

E, por fim, mas não menos importante temos a relação da porcentagem de mulheres que observam sentido em sua vivência do TAG 51,4% contra 48,5%. Destaca-se que, das jovens maricaenses que observam sentido na vivência do TAG, 64% estiveram ou estão em acompanhamento psicoterápico, e 72% destas conseguem identificar quando os sintomas vão iniciar ou a razão de virem à tona. E, outro dado relevante sobre este público, é que 47% delas

afirmam que com frequência dedicam mais tempo e energia às tarefas externas e aos outros do que investem em si, quando este público chega à terapia suas preocupações giram em torno principalmente de: trabalho, relacionamento familiar e múltiplas tarefas. Das mulheres que não veem sentido na vivência do TAG, aproximadamente 62% delas não pratica nenhuma atividade que corrobore para o aprendizado de como lidar com o transtorno.

Assim, observa-se por meio dos gráficos uma dinâmica claramente regida por Hermes e Héstia, quando na Figura 10, os temas das preocupações relacionam-se à esfera da atuação no mundo, por meio do trabalho e as questões relativas à relação familiar apontando para uma relação com Héstia que também necessita ser elaborada.

Além disto, a dedicação às tarefas externas aparece como questão revelando um excesso de Hermes e carência da deusa do mundo subjetivo. Porém, Cronos pode auxiliar não apenas por meio dos recursos de organização do tempo, mas, também, porque, por meio dele Héstia poderá ser acessada e Hermes vivenciado, já que o modo de ser do homem é temporal, e miticamente, Cronos é pai e avô das figuras citadas. Jacob Needleman (1999, p. 116), filósofo, escreve que se o tempo corre, é porque não se está suficientemente comprometido com a vida, pois para ele compromissar-se com o viver tem relação com uma atenção consciente, profunda e comovedoramente íntima. Ou seja, total relação com uma presença adequada de Héstia.

3.2 Tecendo Considerações entre a Sintomatologia e a Mitologia

Assim, se seguirá apontando primariamente cinco dos sete sintomas psicológicos e físicos do TAG verificando possíveis inferências de Cronos, Héstia e Hermes tomando como base a mitologia descrita por Brandão (1994) e Barcellos (2019). Os sintomas analisados serão: agitação, preocupações excessivas e/ou expectativa apreensiva, tensão muscular, dificuldade para concentrar-se, alterações no sono. O sentimento de fadiga e a irritabilidade não serão analisados como centrais em sua relação com os mitos, por poderem ser ocasionados por meio da incidência dos demais sintomas acima descritos. Apesar de se reconhecer que a fadiga e a irritabilidade tendem a indicar um desequilíbrio nos investimentos entre o mundo externo e o mundo interno, estabelecendo relações com Hermes e Héstia, e, neste sentido, e com os demais sintomas.

A agitação presente no Transtorno de Ansiedade Generalizada pode manifestar-se corporalmente, sendo visível a terceiros ou ainda revelar-se como uma sensação ou sentimento de inquietação (DALGALLARONDO, 2008, p. 306). A própria palavra utilizada para descrever o sintoma, “agitação” indica movimento, e pode ser tomada como indício da presença

excessiva de Hermes na psique em TAG. Tal como Jung descreve sua intoxicação pelo Mercúrio, em uma de suas cartas (JUNG, 2018, p. 125). Revelando uma necessidade de investimento no recentramento da energia psíquica, uma carência de Héstita.

As preocupações excessivas e expectativas apreensivas podem manifestar-se por meio de qualquer dos três deuses. Por uma rigidez de conduta que denota a presença de Cronos, repetindo o comportamento de engolir seus filhos enrijecendo-se numa conduta e provocando o mesmo externamente às mulheres que vivenciam o TAG, enquanto internamente Cronos opera para manter-se no governo afastando-se, porém do presente. As preocupações excessivas podem devorar aquilo que tem vida na psique, tal como Cronos fazia a seus filhos.

Por meio da presença de Héstita, se poderia pensar nas preocupações excessivas como sendo a atuação da deusa de modo sombrio, caso esse sintoma tenha como base o medo/ receio do novo tal como Barcellos (2019) sugere que ocorra em um excesso de Héstita. E, quanto a Hermes, pode revelar-se por meio do sintoma em questão, na velocidade e multiplicidade com que as preocupações e expectativas se passam na psique.

A tensão muscular parece evocar novamente a rigidez de Cronos, porém, agora sendo observada corporalmente, a ponto de criar nós de tensão e fazendo dos músculos pequenas pedras que necessitam da flexibilidade de Hermes ou do recentramento trazido por Héstita.

Quanto à dificuldade de concentrar-se, pode ser observada como necessidade de cultivar uma relação com Héstita mais ajustada. Para que a Lareira ilumine a vastidão dos pensamentos, dissipando o excesso e revelando o essencial para conduzir a elaboração simbólica.

No que diz respeito às alterações no sono, temos na figura de Hermes a representação do deus desperto, aquele que não dorme, sendo um deus noturno e providenciando aos outros ou não, o sono (BARCELLOS, 2019, p. 91-95). Deste modo, se evidencia sua relação com a hipersonia ou a insônia. Neste caso, se evidencia o quanto a presença de Cronos pode auxiliar por meio do uso de ferramentas para organização da rotina diária e como se pode ter como essencial a presença de Héstita que ao longo do dia ou durante os momentos de vigília da noite, pode proporcionar iluminação por meio de atividades que promovam a introversão tais como: meditação, escrita, orações e atividades manuais. Apesar de Hermes, por ser o deus dos caminhos (ibid) poder providenciar em meio ao perder o sono e perder-se nos pensamentos, grandes achados. Já que o perder e o ganhar pertencem a este deus das passagens.

E, por citar as passagens, é chegado o momento de dar lugar ao estudo de caso, no qual, a trajetória centrípeta culmina e celebra todo o caminho traçado.

3.3 Estudo de Caso Clínico- M. de Mulher

Segue um recorte dos encontros com M., letra escolhida para retratar a jovem mulher justamente pelo encontro consigo mesma enquanto Mulher. A paciente, jovem, mulher, negra 28 anos de idade, maricaense, iniciou o processo terapêutico em abril de 2019. Período no qual apresentava: fadiga, tensões musculares, preocupações intensas e constantes quanto a vida e o ritmo acelerado em que vivia.

Professora do ensino fundamental, atuante em dois municípios relativamente vizinhos, sua rotina incluía a viagem dirigindo de segunda a sexta entre estes dois locais que se encontram a aproximadamente 40 km de distância. Sempre envolvida com as responsabilidades escolares, inclusive nos horários de folga, com os planejamentos das aulas adiantados, criativa e sensível as necessidades das crianças.

Segundo a jovem, os sintomas de TAG, haviam se potencializado no período de 2018 a 2019 após sua recente admissão como professora em outro município, o que a levou tirar a carteira de motorista e começar a dirigir. Aqui, já se nota a presença de Hermes, enquanto viajante e guia das viagens no espaço-tempo.

Irmã gêmea de um rapaz, nasceu de pais ainda muito jovens, que assumiram os negócios da família para garantir o sustento dos mesmos, enquanto M. e seu irmão foram morar com a avó. Cabendo as tias o lugar de madrinhas, que atuaram como mães para os mesmos, além da avó ocupar este lugar central.

M. destaca que a escolha de sua profissão está associada à sua infância e o lugar afetivo que os professores ocupavam em sua vida ao acreditarem na menina que observavam na escola. M. fala desta instituição sempre com intenso afeto, como se fosse uma outra casa, na qual o afeto parecia ser mais evidente.

Pois, nas primeiras sessões de terapia, M. queixava-se de não ver em sua família reuniões a mesa, trocas de afeto e cultivava o sonho de formar uma família que lhe curasse esta ferida oriunda da separação entre ela e seus pais. Mas, os namorados e o noivo que tivera, não demonstraram serem aqueles que fundariam junto dela este lar.

Frequentemente, M. escolhia como parceiros amorosos, rapazes que a traíam ou que não a assumiam. Os temas amorosos e familiares eram centrais nos encontros terapêuticos, junto a sua ocupação profissional e o sonho de ter sua própria casa, saindo da residência de sua avó.

Na maioria das vezes que comparecia ao consultório, parecia andar como quem carrega um fardo pesado, de modo que em seu corpo notava-se uma curvatura e ela queixava-se de tensões musculares nos períodos em que se sentia mais ansiosa. O corpo e o modo de relacionar-

se com os conteúdos emocionais, frequentemente revelavam a rigidez com que lidava consigo mesma e com o mundo, tensa e intensamente. No início dos encontros terapêuticos, a terapeuta notava que parecia haver outra pessoa por trás de toda aquela força e sucesso que estampava no mundo e lhe custavam vivacidade.

Em certa sessão, a rigidez de si mesma foi abordada, incluindo os planos que fizera para sua vida desde pequena. Mas, que sentia que estava em uma roda gigante e que nunca chegava a hora de descer dela, ficava ali entre os temas que se repetiam. Foi sugerido que produzisse algum trabalho com os principais sentimentos/temas que compunham esta roda e ao fazê-lo, foi notado na expressão criativa que a roda gigante que produziu não possuía eixo central. O desenho estava vazio no centro, as marcas amareladas da imagem são rascunhos da roda que estava por ser desenhada, no desenho que prevaleceu, sua representação egóica, estava em uma das cabines da roda gigante (Figura 15).



Figura 15 - Roda Gigante

Fonte: acervo profissional da autora.

M. delongou-se nesta observação durante algumas sessões. Certa feita, durante um encontro via *imaginação ativa*, com a menina que um dia fora, aquela para quem o afeto era caro, M. emocionou-se profundamente e a abraçou. Espontaneamente, a menina pareceu ensinar-lhe durante sessões sobre como era estar consigo mesma e algumas produções criativas surgiram.

A vida de M. começou a passar por uma transformação ainda mais profunda quando sua avó adoeceu, ficando por aproximadamente um mês internada e M. falando em terapia de sua vida agitada, do amor não recíproco, da correria em que se sentia e por último, como quem evita falar, da angústia que vivenciava com medo de sua avó falecer. O que de fato chegou a ocorrer. E, agora M. mantinha a porta do quarto de sua avó fechada. M. não conseguia mais sentir-se tranquila naquela casa e dor aumentava ao olhar para a porta do quarto. A simbólica da porta, enquanto fronteira entre o dentro e o fora, pareceu neste ponto da terapia e fez recordar as

considerações de Barcellos (2019), nas quais observa a mesma como um espaço compartilhado por Héstia e Hermes.

Após a morte de sua avó, reaproximou-se mais de seus pais e buscou um novo lugar para viver, de uma semana a outra providenciou a mudança e tudo que precisava. Saiu de casa. E, em um “belo dia” como ela mesma contou, as redes sociais lhe lembrava uma pessoa que conhecera na adolescência e o diálogo e projetos afins o conectaram. Alguém com perfil diferente, atencioso e que oferecia a ela o sentimento de ser cuidada e respeitada. Iniciaram uma relação, apesar de haver certa insegurança por parte de M.

Tal relação, ainda demonstrava pontos conflitantes, principalmente com relação a como demonstrar afeto e como dirigir a vida, pois o controle era algo que M. ainda preconizava na vida e entregar-se a esta relação, era como assumir outro ritmo de vida, não previsível e voltado a vida interior para a possível construção de uma vida a dois e diálogo interno. Para isto, precisaria deixar florescer o afeto que tanto fora reprimido ao longo de sua história, e do qual fugira ao precisar sair de casa de modo tão repentino, afeto este que nunca havia encontrado numa relação amorosa solo fértil para o cultivo. Mas, que quiçá por meio de uma relação externa pudesse abrir M. para cultivar a si mesma, sendo ela própria seu jardim e Lar.

Em janeiro de 2020, M. traz para o *setting* uma pintura que fizera, e que de acordo com ela simbolizava a sua vida, nela havia um rio. O rio que ela havia imaginado simbolizar esta vida que planejara e que agora vivia. Interessante, que Barcellos (2017) recorda que Heráclito trouxe a ideia do rio como metáfora para o tempo, na célebre frase que afirma que não se pode entrar duas vezes num mesmo rio.

Foi pedido que falasse sobre a pintura e para onde fluía o rio, respondeu que a correnteza subia, mas claramente seu rio, fazia como que um “v” e havia bastante água no vão central, como um represamento. Na ocasião, apenas foi perguntado como o rio conseguiria seguir para cima se vinha de uma descida e havia acúmulo de água no vão. Ela respondeu que não sabia como seria, mas que sentia que estava assim. O desenho pareceu anunciar um represamento de energia ou uma parada neste processo mais intenso da terapia, o que logo se confirmou quando M. pediu que a terapia fosse interrompida devido ao novo plano de saúde que faria e disse voltaria, caso fosse possível/ necessário retomar o processo (Figura 16).



Figura 16 - O Rio

Fonte: acervo profissional da autora.

Em abril do mesmo ano, M. retomou o processo terapêutico queixando-se da volta dos mesmos sintomas que relatara no início da terapia. E trouxe também, a angústia que sentia com relação ao tempo, devido à quebra de sua rotina acelerada e a não ver o que poderia fazer com o tempo que tinha, além da incerteza e insegurança que o isolamento social devido ao covid-19 trouxe, colocando em xeque a validade do ano letivo e trazendo o imperativo de ficar em casa. Fatores que a lembraram mais uma vez da dicotomia entre a rigidez apresentada ao mundo como força e a menina dentro de si para quem o afeto e a expressão deste, era o que mais importava. E, além disto, seus pais agora apresentavam problemas na saúde e ela se viu no lugar de cuidadora dos mesmos compartilhando-o com seus irmãos.

O diálogo com as emoções pela via da criatividade e da fala foi então retomado. M. contou que em casa o único espaço que lhe proporcionava um bom uso do tempo, era a cozinha e que na semana havia tido uma experiência que lhe chamou atenção ao vislumbrar as cores dos legumes, frutas e verduras que comprara. Destacou as cores que mais lhe chamaram atenção. E, daí um diálogo colorido se iniciou, enfatizando-se a situação atual. Ela foi atribuindo cores a situação, ao sentimento de angústia trazido pela pandemia, a questão dos pais adoecidos e ao seu afeto pela escola. E, foi sugerido que realizasse um trabalho com as cores que destacou.

Na semana seguinte, M. iniciou a sessão trazendo suas criações. A primeira nasceu pela via da pintura, M. colocou as cores destacadas no centro do papel, dobrou-o e logo o abriu. E, disse ter se assustado com o resultado, era o rosto de um homem do lado direito da folha, que a olhava profundamente (conforme relato). Foi pontuado que dedicasse atenção a imagem e identificasse os sentimentos que viam à tona. Foram citados o medo, angústia e sentimento de que a estava vigiando. E, a imagem comunicou a mensagem: sinta tudo o que quer sentir, um

animus que oferece as mãos para caminhar junto d'alma desvelara-se. A partir da tintura, a liquidez que tomou forma informa, Hermes aparece positivamente.

Assim, M. voltou a elaborar um trabalho manual, desenho, pintura, feitura de quadros com mensagens. Algumas delas foram: “Um dia de cada vez”; “não se perca no tempo”; “Cuidado, fé, Paciência”; “Em meio a tempestade é possível aprender”, “Aprenda a ver o lado bom da vida”; “Floresça”. E, dedicar-se a criação, tem se mostrado uma ferramenta extremamente adequada neste processo. Fato comprovado por algumas de suas frases durante o isolamento apontando para a importância do estar, diante do ser e do ter. Ela afirma que “estar no lugar de criar” permite que se comece a perceber os pequenos detalhes que vão dando sentido à vida e que estes detalhes, diante do ser e do ter, tem também seu lugar de extrema importância. E, que talvez estar, seja o que possibilite ser alguém e alcançar bens materiais (Figura 17).



Figura 17 - Sinta o poder da vida

Fonte: acervo profissional da autora.

Quando questionada se estes pequenos detalhes lhe traziam alguma mensagem, ela poeticamente respondeu que comunicam: “sinta o poder da vida”. Dias antes desta consulta acontecer, na leitura do texto *O mito do significado* (JAFFÉ, 1983), o tema da simplicidade havia aparecido para a terapeuta, e articulado a estes pequenos detalhes que parecem conciliar e integrar a personalidade e trazê-la para o presente, Jaffé (ibid) escreve que Jung definiu a simplicidade na vida diária como o envolvimento em tarefas de modo imediato e necessário, sem que haja agitação ou convicções, proporcionando o encontro com o significado. E, destacando que a simplicidade é algo, sendo redundante, simples. E que são justamente, essas, as coisas que mais difíceis. Assim, a simplicidade deve ser entendida como uma grande arte, pois está constantemente em jogo e em choque na relação com o mundo.

Então, o dia dos namorados chega e ela é surpreendida pelo seu namorado com um belo buquê de rosas. Ele já havia trazido uma flor na semana anterior, a qual foi tratada com todo o zelo por M. mantida num recipiente. Ao contar para a terapeuta o evento, seus olhos e boca refletiam sua satisfação. A flor que estava desenhando começava a vir à tona.

Passados alguns encontros, M. mostra para a psicóloga a foto das flores que estava produzindo por meio de dobraduras, corte e colagem. Flores feitas de material de reuso, filtros de café que ela delicadamente lavava e punha para secar trazendo a cor que desejava um marrom clarinho que lhe transmitia serenidade. Curiosamente, reúnem-se elementos já presentes neste trabalho: a flor, a mulher negra, o café como produto de exportação brasileira que se utilizou da mão de obra escrava (BRUM, 2016), a emoção e a possibilidade de liberdade (Figura 18).



Figura 18 - A Flor

Fonte: acervo profissional da autora.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2019) a flor simboliza o retorno ao centro, a imagem das virtudes anímicas, o feminino, traz a ideia de um ciclo que se encerra e pode retratar a passagem do tempo. O autor escreve “[...] a flor apresenta-se como figura-arquétipo da alma, como centro espiritual” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2019, p. 437- 439).

A flor agora começa a nascer a partir das mãos de M. e logo se tornou também uma flor de crochê, tarefa à qual passou a dedicar-se com o auxílio de sua mãe. Assim, o tema do feminino desdobrou-se sobre a temática dos elos familiares. E, o lugar de cuidado a mãe que M. passou a ocupar por ocasião da doença da mesma, promoveu proximidade e conversas mais profundas. Auxiliando mãe e filha a restaurarem um vínculo estremecido pelo tempo, uma vez

que a jovem fora criada por sua avó, já que a mãe de M. pelas tarefas da vida abria mão da maternidade para trabalhar enquanto a avó paterna cuidava da menina. O cuidado tornou-se ponte para a construção de um vínculo mais profundo entre as gerações da família.

Apesar da crescente, certa sessão M. inicia o diálogo contando que sua porta da entrada da casa deu cupim e que estava naquele momento a trocá-la e então começa a narrar as preocupações alusivas ao cuidado com sua família de origem, a possibilidade de constituir a sua própria família, as preocupações com “seus pequenos” (como chama aos alunos), e a carga de trabalho aumentada. A porta novamente aparece. M. estava sendo tragada pelas tarefas da vida, Hermes entrava na casa psíquica por meio do *whatsapp* trazendo todas as solicitações como urgentes, M. diz que preferia deslocar-se fisicamente a viver esta invasão do mundo externo ao seu espaço.

Um diálogo sobre a porta como fronteira se inicia, as emoções vêm à tona em forma de choro e reconhecimento e M. traz novamente o Reino de Héstia como possibilidade para reequilibrar-se, dizendo que pretendia colocar lembretes coloridos por seu quarto do que não pode ser esquecido ou renegado: seu tempo para estar consigo ao redor do fogo sagrado. A organização da casa também se revela uma possibilidade para auxiliar nisto. Pois, M. narrara que deixava os cadernos relativos as múltiplas atividades, disciplinas e escolas sobre a mesa de trabalho de segunda a sexta-feira. Os cadernos sobre a mesa, excessivamente a vista, pareciam fazer uma analogia aos próprios pensamentos acelerados e múltiplos que lhe invadiam. Enquanto, sentar-se ao redor da lareira e permitir que a mesma iluminasse a casa, o lugar para cada um na estante se revelava e um momento para cada um sobre a mesa.

Pode-se observar que, tal qual, Cronos em sua rigidez de conduta ao devorar seus filhos e não se permitir abrir-se ao novo por medo de perder o poder (controle); envolta em uma desarmonia entre Héstia e Hermes, M. adotava uma rigidez de conduta que reprimia suas emoções pela dificuldade de focar no presente devido ao investimento nas tarefas da vida, mais especificamente ao seu papel enquanto professora. Assim, o transtorno de ansiedade generalizada em M. comporta-se trazendo à tona as preocupações quanto a vida no tempo, afastando a jovem mulher da percepção de um tempo de vida sagrado que Héstia parece estar auxiliando-a a retomar, destacando-se que o caminho para o bem-estar biopsicossocial não é linear e que cada irrupção dos sintomas psíquicos e físicos do TAG pode ser compreendida como um chamamento da alma para reequilibrar a vida.

De modo que a necessidade de expressão e vivência do amor que aparecem na fala de M. recorda também uma das versões de uma antiga lenda oral maricaense publicada nas redes sociais sobre a Índia Inoã (SALES, 2020) que fora impedida por sua família, principalmente

por seu pai chefe da tribo, de viver seu grande amor com Imbassáí. Este era um índio membro de outra tribo. Inoã suicidou-se e fora transformada em pedra, juntamente com Imbassáí (outra pedra) que fica à frente da chamada Pedra de Inoã (um dos distritos de Maricá) formando como que um memorial da importância da expressão das emoções e do direito à liberdade da mulher, que afastada dos conteúdos emocionais parece mesmo enrijecer-se recobrando o aspecto sombrio de Cronos.

Assim, na perspectiva apresentada o TAG pode ser comparado a tragédia grega e não a um vilão ou problema que a consciência precisa vencer por méritos próprios. Tragédias gregas dizem respeito ao destino (BARCELLOS, 2019), ao aprofundamento e expansão da personalidade. Nessa perspectiva, o Transtorno de Ansiedade Generalizada pode cooperar no processo de fazer alma e emerge como um sinal de que algo precisa ser revisto na personalidade.

E, retomando as questões que fundamentaram este capítulo, sobre a droga maravilhosa dada a Cronos e ao lugar de Héstitia no processo de elaboração e reconciliação com o mesmo. Precisa ser destacada, antes de qualquer coisa, a pedra que Cronos engoliu no lugar de Zeus, o ônfalo, que parece indicar na trama a necessidade de centramento e reconexão, processo pelo qual, M. passa no decorrer da terapia. Chamando a existência, posteriormente, a droga maravilhosa dada pela Sabedoria que sabe a medida adequada a ser administrada para que a tirania seja rompida. A Sabedoria é citada por Jung (2019, OC. XIV, §337-338) como o verdadeiro remédio, que provoca a correção, o equilíbrio e a transformação, saber com sabor é o que se revela a cada passo na jornada de reelaborar-se. E, assim, a vida das filhas de Cronos, pode ser reavida e ele poderá reinar num local adequado.

Quanto a Droga Maravilhosa, poder-se-ia chamá-la presente, pois, de fato fora. Um presente a Cronos e seus filhos; dando ênfase a Héstitia evocada no processo terapêutico através do aprofundamento nas questões e dos recursos criativos. A deusa re-situada no eixo central tem revelado e devolvido a M. a potência de vida que a presença exacerbada de Hermes sem a medida adequada administrada pela Sabedoria vinha lhe roubando. A etimologia da palavra Sabedoria também está ligada a sentir o sabor conforme o dicionário etimológico (2020), sabor este que parece ser percebido na frase de M. “*Sinta o poder da vida*” que está diretamente associada a questão do sentido da vida, da sincronicidade e da individuação. Neste ponto, se percebe a importância do que Jung descreveu quando situa a individuação como equilíbrio das demandas internas e externas, ou seja, parece um diálogo saudável entre Héstitia e Hermes. Que possivelmente, aponta para a união dos pares de opostos e transformação, rumo à totalidade da personalidade.

Sobre a mesma temática e associando claramente tempo e alma, Needleman (1999), afirma que a questão da humanidade com o tempo é uma crise de significado, que muitas vezes é vista superficialmente como um problema sobre a administração do tempo.

O tempo nos atormenta e paralisa porque vivemos exclusivamente em um único mundo, o mundo da matéria visível e da causalidade mecânica enfatizada ao acaso. O mundo da matéria visível é um mundo da causalidade cada vez mais acelerada e da proliferação de coisas e eventos (NEEDLEMAN, 1999, p. 46).

A crítica de Needleman (ibid) ao mundo moderno não é feita em tom de saudosismo. E, sim, tal como Jung (JUNG, 2017, OC XVIII) aponta em sua obra, ao modo como a humanidade vem se relacionando com ela, voltada em demasia para o mundo exterior, material. Needleman (1999) escreve que existir é habitar o mundo interno e o externo, e aqui, cabe a lembrança de que o corpo vive no aqui e agora e conta a história do cronossistema de uma vida ou da sociedade (WOODMAN, 2003).

Conforme o autor (ibid), desta outra realidade, na qual, os opostos se reconciliam flui a fonte da vida que resgata as pessoas da sensação de que não estão vivendo suas vidas, tal como M. chegou ao consultório. E, o autor destaca que, talvez, a humanidade esteja correndo justamente por não ter acesso a verdade sobre si mesmas. Pois, conforme uma sabedoria antiga, citada por Needleman (ibid) a verdade liberta a alma²², e é descrita pelo mesmo, como uma atenção profunda que cuida, observa e religa a humanidade ao todo, reconciliando alma, corpo e tempo trazendo à tona o significado profundo de cada existência.

Afinal, Jung (apud JAFFÉ, 1983) já no fim do século XX apontava para a incidência de uma neurose contemporânea originada pela falta e busca do sentido da vida. A ausência de sentido acaba por inibir a plenitude da vida, gerando doenças. Parafraseando o mesmo (ibid, p. 15 e 147) quando trata da questão da neurose, o Transtorno de Ansiedade Generalizada na moderna e célere contemporaneidade poderia ser visto como o sofrimento da alma e do corpo em busca da verdade do espírito.

Assim Héstia, Cronos e Hermes apontam para a possibilidade de o TAG contribuir para a individuação da juventude feminina, desde que a mulher se perceba enquanto parte da tecitura do contemporâneo e note que os fios que dão forma ao TAG estão presentes no seu corpo, alma e espírito. O trabalho, o relacionamento familiar e o relacionamento amoroso se mostram como questões que exacerbam a ansiedade no estudo de caso e no levantamento da pesquisa. E, ambos demonstram a importância de engendrar recursos para lidar com o TAG e simultaneamente

²² Jesus, o Cristo, afirmou: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32).

reavivar a relação entre Héstia e estas mulheres, resgatando uma feminilidade consciente conforme Woodman (2003) propõe.

3.4 Sobre o Projeto Feminê- Retomando a Arte de Ser Si Mesma

O projeto Feminê²³ foi pensado, inicialmente, visando aliançar diversas áreas do conhecimento para o cuidado das mulheres de 20 a 35 anos de idade que vivenciam o TAG, tais como: psicologia, arteterapia, hotelaria, educação física, estética, fisioterapia, música, direito entre outras possíveis alianças com a rede municipal da prefeitura ou parcerias entre profissionais autônomos. Convém salientar que se espera dar ênfase ao uso de técnicas expressivas neste projeto, tarefa que será desempenhada pela aliança entre a Psicologia Complexa e a Arteterapia, possibilitando às mulheres a construção de uma rede de cuidado consigo e umas com as outras por meio de encontros diversos em locais variados do município de Maricá. A fim de ressaltar a importância dos aspectos citados por Hillman (1993) e a aliança entre Cronos que definirá o tempo, Hermes apresentado na flexibilidade e multiplicidade do projeto e Héstia em seu aspecto contemplativo e iluminador. Assim, por meio de oficinas multidisciplinares e que atuariam de forma transdisciplinar também, espera-se alcançar o cuidado de si, a sororidade entre as participantes e o aprofundamento das relações das muncípices com Maricá.

3.5 Dialogando com a Ansiedade

Diante do que foi apresentado, nota-se que o Transtorno de Ansiedade Generalizada precisa ser visto numa perspectiva multi, tal como seu processo terapêutico. O uso de técnicas expressivas e recursos manuais, conforme o estudo de caso parece apontar um caminho para cuidar desta vivência. Uma vez que, por meio do acompanhamento psicoterapêutico o diálogo entre a consciência e o inconsciente poderá se der em condições favoráveis para a promoção da integração dos conteúdos advindos do inconsciente.

Trabalhos corporais, tais como: meditação, pilates, caminhadas, corridas, entre outros, também apresentam a possibilidade de dialogar com o mundo subjetivo, visto que como afirmou Blake, *“o corpo é aquela porção de alma percebida pelos cinco sentidos”* (apud

²³ Neologismo embasado no significado de Namastê: o divino que há em mim, saúda o que há em você. Feminê se refere a saudação do Feminino Sagrado em cada ser humano, no caso do projeto, em cada mulher.

WOODMAN, 2003, p.111). E, Woodman (ibid) dissertou sobre a importância de estabelecermos um relacionamento com o mesmo que integre alma, corpo e espírito como indissociáveis.

No entanto, é preciso compreender que a vivência pessoal conduzirá como cada pessoa que sofre o TAG elaborará sua questão, já que na perspectiva que foi adotada neste trabalho, a incidência deste transtorno aponta para a busca de sentido nesta correria que se torna a vida do ansioso.

A leitura de trabalhos como este, poderia contribuir para desvelar o espírito desta época e auxiliar no processo de elaboração simbólica no TAG, tendo em vista, a mitologia como eixo central do mesmo. Já que esta, em sua qualidade poética de revelar a Palavra por trás das palavras, parafraseando Gerhart Hauptman citado por Campbell (2010, p. 92-93) pode favorecer que a pesquisa se aproxime do fazer artístico que desperta a humanidade convocando-a para a tomada de consciência. Pois, também para Jung (2018, p. 83-84, OC. XV, §128- §130) a função da obra de arte seria trazer à tona a atmosfera espiritual de uma época, posicionando o artista, e aqui, o pesquisador enquanto educador.

Ainda, de modo mais coletivo, se for possível apontar meios para cuidar e prevenir o TAG, talvez, citar a resposta de Jung as vésperas de seu 85º aniversário, quando lhe perguntaram sobre que fatores básicos poderiam ser necessários ao ser humano para ser feliz, seja um bom caminho. Jung recomendou desenvolver cinco pontos:

1. Boa saúde física e mental.
2. Boas relações íntimas e pessoais, como as do casamento, da família, das amizades.
3. A faculdade de perceber beleza na arte e na natureza.
4. Razoáveis padrões de vida e trabalho satisfatório.
5. Um ponto de vista filosófico ou religioso capaz de enfrentar com êxito as vicissitudes da vida (McGUIRE e HULL, 1977, p. 392).

Tais colocações apontam para o cuidado com o corpo e alma. E, também para a relevância da juventude na vida, pois, nesta fase as escolhas do casamento, profissão e etc podem propiciar saúde ou não. O ponto três e cinco, talvez, sejam os fatores principais a serem desenvolvidos para a construção de um modo de relação com a ansiedade que permita tanto a elaboração, quanto a conquista dos demais tópicos citados por Jung. Em suma, não há receita para lidar com o Transtorno de Ansiedade Generalizada. Mas, existe a clara evidência após toda a temática que Cronos, Héstia e Hermes tecem no TAG, de que é preciso reacender ou localizar, a *lareira* da casa psíquica. Quiçá, a intoxicação de Hermes na atualidade, esteja apontando para

isto. Visto que “*as coisas externas indicam e denunciam aquilo de que o homem sofre, [...]*” (JUNG, 2018, p. 25, OC. XV, §26).

De modo que, o que está fora contribui para olhar para dentro, se Hermes e Héstia estiverem trabalhando em parceria. Assim, a ansiedade pode ser vista como uma semente que revela potencial para o desenvolvimento espiritual, tal como Paracelso via a doença (JUNG, 2018, p. 16, OC. XV, §15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta obra, o campo do fazer pesquisa e da arte foram aproximados por meio da voz poética, pelo uso dos nomes de Cronos, Hermes e Héstia evocados, desvelando uma perspectiva do TAG e da contemporaneidade, justamente, pelo mito ser atemporal e nisto residir seu poder de tecer e destecer enredos.

Sendo interessante notar como o corpo feminino representa e revela uma dimensão simbólica da modernidade. Inclusive, marcando a primeira fase da modernidade quando as jovens camponesas saíram do campo para cidade, e a segunda fase, já no mundo pós-moderno, quando a mulher é novamente mencionada como protagonista no caso Vivienne (conforme descrito no capítulo 1) ao revelar a sua vida íntima em rede televisiva.

Mas, paradoxalmente, como se pôde perceber, as protagonistas da modernidade parecem ser posicionadas à sombra pela visão patriarcal majoritária, e por isto vêm lutando por um espaço mais digno na sociedade. Aqui se enfatiza a importância de evidenciar visões diferentes sobre a tecitura da modernidade, dando ênfase a figura da mulher. A pesquisa também lançou luz sobre a educação recebida nos lares como uma alternativa para um reajuste social, problematizando a relevância de dialogar com o feminino, independente do gênero ou corpo biológico.

As articulações estabelecidas entre os pensamentos de Zygmunt Bauman e Carl Gustav Jung ao longo do trabalho possibilitam notar a concordância destes ao descrever a liquidez do tempo. Observando-se enquanto marca da pós-modernidade em múltiplos aspectos a polarização entre *fluides* e *foco*, tendo como parâmetro para estabelecer tais conclusões o tempo cronológico que aparece enquanto pai devorador ou deus que provê a colheita dependendo da relação estabelecida com Cronos.

De modo que, se percebe que o afetamento da memória histórica por meio das grandes guerras (de acordo com o capítulo 1, p. 38) e palavra revolução como centro do século XX, pode ter promovido a distância entre as gerações devido a um excesso de Hermes e da rigidez de Cronos que desvela no patriarcado que não quer ceder o governo. Apontando para uma carência da presença de Héstia de modo saudável. Pois, uma Héstia sombria trouxe questões como o medo excessivo, a homofobia, e a dificuldade de compartilhar espaços com desconhecidos (conforme o capítulo 2) ao invés, de proporcionar o sentimento de pertencimento entre as gerações e os grupos sociais. Assim, o resgate da história social do ocidente e do Brasil, aparece como intervenção possível para reelaborar, restaurar e recontar a história aos contemporâneos. Desde que seja adotada uma perspectiva multiétnica para esta *casa* que se

chama Terra Adorada e para o mundo ocidental. Tal como a presença iluminadora de Héstia pode auxiliar, numa perspectiva micro, a restaurar os laços familiares e femininos como sucede no caso de M.

Também é possível pensar, a partir da pesquisa, no afetamento da memória individual e de um determinado lugar pela celeridade que Hermes trouxe para a vida atual. Tema que merece atenção devida, pois, como foi explanado, Hermes sozinho já é um panteão. E pela via da tecnologia *Smarth*, Hermes tornou-se Senhor da vida, já que a tecnologia, e, principalmente o *smarthphone* detém muitas, se não todas as informações de seus usuários ainda mais quando se trata da tecnologia 5G. Mas, os temas possíveis a serem elaborados tendo como ponto de partida este trabalho são vastos, como se pode notar e se buscará apresentar nestas breves considerações.

Então, diante de tudo que foi tecido é possível perceber, que o que se diz acerca do tempo é real. De fato, não se tem o tempo, nem que se produzam meios para economizá-lo, multiplicá-lo ou retê-lo. Pois, é ele que tem a humanidade. E, em especial, sua tirania pode se revelar nas pessoas que sofrem o Transtorno de Ansiedade Generalizada; e enfatizando o público da pesquisa, na juventude feminina de 20 a 35 anos de idade. Mas, simultaneamente ao posicionar-se como tirano, o tempo se revela como leme que pode auxiliar neste mesmo processo se experienciado de maneira adequada. Assim, o corpo mostra-se como lugar no qual se cultiva a alma e notam-se os influxos do tempo, revelando-se como símbolo da *solutio* atual.

No entanto, a pesquisa desvelou a Hermes e não Cronos, como agente principal nesta *solutio*, principalmente quando Bauman descreve a Cronopolítica apontando para a tecnologia como sendo a via pela qual se tenta colonizar o tempo. Então, sim, Cronos tem sua parcela no devoramento psíquico, talvez na rigidez que apresenta na tendencia a querer criar seu próprio Kairós evitando o destronamento. Mas, Hermes está atuando junto do avô e, talvez, até pregando uma de suas peças em Cronos e na humanidade por meio da *cronopolítica*. Para quê? Ainda não foi revelado totalmente, apenas se pode notar que este deus está convidando o humano para um passeio, daqueles em que perder-se pode possibilitar reencontrar-se. Claro, trabalhando em complementariedade com Héstia, o fogo criativo do lar que foi o primeiro a ser engolido e o último a obter liberdade.

Seria impossível não destacar que a covid-19 de alguma forma, convidou a todos a repensar e reacender a lareira de suas casas físicas e psíquicas. A parceria destes deuses também pôde ser notada na conexão tecnológica e emocional que a internet possibilitou neste tempo de pandemia em que vivemos o isolamento físico e não necessariamente emocional.

Esta pesquisa permite ainda pensar relações entre o índice do TAG nos corpos brasileiros e o processo de miscigenação, como se fosse um retorno histórico-cultural *a flor da pele* na tentativa de reconciliar os estrangeiros que habitam o corpo do brasileiro para quem sabe assim, chegar a uma *opus* do processo de abasileiramento do Brasil (conforme demonstrado no capítulo 2). Processo que quicá poderia ser pensado por meio do corpo feminino brasileiro, enquanto vaso alquímico que abarca a multiplicidade Brasil.

Outra temática que merece destaque é a da profundidade, dimensão da alma, evocada desde a proposição deste tema. E, experienciada por meio do tempo e pela via de Héstia, filha de Cronos, que parece aliar a criatividade ao processo de elaboração. Proporcionando a possibilidade de encontro da *dracma perdida*²⁴ para um diálogo e interação com o mundo externo de modo mais saudável e atendendo as necessidades da individuação. Assim, Héstia e Hermes podem harmonizar-se no corpo feminino, evidenciando a ambos como essenciais no processo psicoterapêutico e para a contemporaneidade, uma vez que, retomam a importância do conceito de religião na elaboração da psicologia complexa respectivamente *religio* e *religare*, mas cabe a Psicologia Complexa dar o devido lugar a esta deusa como atuante na contemplação.

Quanto a incidência do TAG em Maricá, na faixa etária e gêneros a que esta pesquisa se ateve, é interessante notar que Maricá, embora tenha larga trajetória, história e belas lendas, foi reconhecida como cidade emancipada somente há 207 anos, podendo ser comparada a uma jovem cidade. O desafio tanto da juventude que sofre o TAG quanto de Maricá parece centrar-se na tensão entre crescer e conservar suas origens.

A Praça Orlando de Barros como símbolo do exponencial crescimento parece estar apontando para um progresso que precisa ser pensado no sentido de uma relação adequada com Héstia, preocupação demonstrada pelos maricaenses no que diz respeito a vivência de um tempo que não seja totalmente regido pela rigidez de Cronos ou pela velocidade de Hermes. Conservando-se os locais que possibilitam pausar para contemplar ou simplesmente estar presente, aqui se destacam os bancos da dita praça que foram nomeados conforme o nome de algumas famílias que habitam o município. Estes locais de pouso, podem conferir a cidade, identidade e saúde. Algo necessário ante ao crescimento exponencial no número de farmácias de Maricá.

²⁴ A metáfora refere-se a parábola da dracma (moeda) perdida, contada por Jesus e escrita no evangelho de Lucas 15: 8-10.

Tanto o município maricaense quanto as jovens participantes da pesquisa veem atuando no mundo externo constantemente por meio de suas obras ou, no caso, das mulheres, de seus trabalhos, os quais revelaram-se fontes intensas de ansiedade. Seguido pela relação familiar, o que demonstra a necessidade de equilibrar a dinâmica entre Hermes e Héstia. E, neste ponto, observou-se o quanto atividades como: terapia, escrita criativa, meditação, atividade física entre outras, podem contribuir para o desenvolvimento de um modo de lidar com o TAG mais eficiente como demonstrou a análise descritiva do questionário. Reconhece-se, porém, que o mesmo poderia ter sido elaborado a fim de explorar outros pontos tais como a relação da ansiedade generalizada e as redes sociais, assim como a investigação das horas semanais investidas nas tarefas da vida destas maricaenses. E, ao fim é possível afirmar por meio da análise dos gráficos que, sim, a indagação quanto a uma feminilidade tragada pode ser respondida positivamente, no sentido de que tomadas pelas exigências externas as mulheres em TAG afastam-se de uma feminilidade consciente, conforme apresentada por Woodman ancorada no pensamento junguiano sobre a habilidade da mulher relacionar-se. Assim, até mesmo o cuidado para consigo e com o outro parecem ter sido objetificados e transformados em mais uma das ocupações diárias para dar conta de um ritmo de vida que não foi escolhido conscientemente e não nutre a alma.

E, por citar o relacionamento humano, se retoma o tema família que aparece na pesquisa, a nível coletivo era assim que toda Maricá se via, e ainda conserva parte deste sentimento, notada inclusive na formação dos bairros e nomeação de ruas do município. Pois, as famílias maricaenses costumam morar em um mesmo bairro ou bastante próximas e algumas das ruas carregam o nome ou sobrenome de familiares ou de uma determinada família. Mas, com a expansão da cidade veio a interação com os estrangeiros e pessoas de outros municípios, que aliado ao crescimento econômico trouxe celeridade e estranhezas à vida dos maricaenses. Apesar da cidade ainda conservar certa quietude, acolhimento e, principalmente, pertencimento.

Um modo possível de cuidar de Maricá, talvez, passe pelo estudo dos mitos e lendas do local. Além disto, espera-se que o projeto Feminê, possa contribuir para que o município de Maricá se torne referência no cuidado com o bem-estar biopsicossocial das mulheres que vivenciam o TAG.

Concluindo, a vivência do Transtorno de Ansiedade Generalizada na juventude feminina parece apontar para uma questão de reconciliação criativa entre o mundo externo e o mundo interno com Cronos. Para que deste modo, a alma seja liberta da tirania do tempo e religue-se ao presente contínuo, tempo da espiritualidade que revela a trindade corpo-alma-

espírito e às filhas de Cronos como artistas de suas próprias vidas, religando-as a sua própria feminilidade e restaurando, inclusive elos familiares e de pertencimento, uma vez que Héstia é a deusa da família. Revelando que a querela entre a humanidade e Cronos aponta para o mundo espiritual. Isto é, para a busca da fonte da vida e para o significado/ sentido desta desvelado via uma feminilidade consciente. De maneira que, parece convir pedir licença para encerrar esta pesquisa saudando o feminino sagrado que há em cada um de nós, através de um neologismo. Então, *Feminê*, o Feminino Sagrado que há em mim, saúda o que há em você!

REFERÊNCIAS

A GAROTA DINAMARQUESA. Direção: Tom Hopper. Produção: Tom Hopper, Tim Bevan, et al. Universal Pictures. Estados Unidos, 2016.

ALCANTARA, Tiago. Após Deixar Google, Criador do Orkut lança Hello. **R7 Notícias.** Tecnologia e Ciência. 2016. Disponível em <<https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/apos-deixar-google-criador-do-orkut-lanca-hello-redes-sociais-nao-conectam-as-pessoas-de-verdade-18052019>> Acesso em: 13 de março de 2020.

ALVES, Ana Carla F. e Alves, Ana Karina S. As Trajetórias e Lutas do Movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo Social das Mulheres. **IV Seminário CETROS.** Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 26 de setembro de 2020.

Ambulantes de Maricá começam a receber intimações para sair de camelódromo. **Lei Seica Maricá.** 2006. Disponível em: <https://leisecamarica.com.br/ambulantes-de-marica-comecam-a-receber-intimacoes-para-sair-de-camelodromo/?fbclid=IwAR05d6t4kWIiK7sbK-lm4BzPFE_pxHaTefpEx_rA_Bt4FyzRojpueII97FI> Acesso em: 11 de junho de 2020.

BARCELLOS, Gustavo. **Mitologias Arquetípicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. **Psique e Imagem.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BASTOS, Rafael José de Menezes; PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Sopros da Amazônia: sobre as músicas das sociedades tupi-guarani. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 125-143. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200005> Acesso em: 20 de maio de 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **A Arte da Vida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Globalização: As Consequências Humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Isso não é um diário.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt e LEONCINI, Thomas. **Nascidos em Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BBC. Women 'nearly twice as likely to have anxiety' as men. BBC. Health. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/health-36444404>>. Acesso em: 01 de julho de 2021.

BERNARDO, Patrícia Pinna. A Prática da Arteterapia, vl. 5. 2ª ed. Arterapinna Editorial: São Paulo, 2013.

BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C. G. Jung**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BOECHAT, W. et al. **A Alma Brasileira: luzes e sombra**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BURIGANA, Riccardo. A Grande Guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), Evento e Memória. **História Unicap**, v. 1, n. 1, jan./jun. de 2014. p. 41-55. Disponível em <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/435>> Acesso em: 21 de outubro de 2019.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Psicologia Simbólica Junguiana**. São Paulo: Carlos Amadeu Botelho Byington, 2015.

BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega**. v 1. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

BRUM, Nilton Cezar Marins. **Contando a História de Maricá**. Maricá: GBN Designer's Gráfica, 2016.

CARVALHO, J. A gênese da bomba. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, p. 197-208, 1 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/104959>> Acesso em: 09 de janeiro de 2019.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário Tupi (antigo) –Português**.

Casa da Cantora Maysa vai virar um museu em Maricá, **Diário do Rio**. 2021. Disponível em <<https://diariodorio.com/casa-da-cantora-maysa-vai-virar-museu-em-marica/>> Acesso em: 09 de agosto de 2021.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, SP: Editora Livraria da Física, 2015.

CORRÊA, Laura G. **Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem**. 2011. 254f. Tese (doutorado em Comunicação Social)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAFI-8U4JXZ/1/tese_laura_guimaraes_correa_ppgcom.pdf> Acesso em: 21 de dezembro de 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. Acontecimentos que Marcaram a Primeira Década do Século XXI. **Correio Braziliense**. Mundo. 2009. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2009/12/28/interna_mundo,163256/acontecimentos-que-marcaram-a-primeira-decada-do-seculo-xxi.shtml> Acesso em: 13 de março de 2020.

CHEVALIER, J e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. 33ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 2ª ed. São Paulo: Artmed, 2008.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Dicionário Etimológico**. 2020. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/sabedoria/>>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

DINIZ, et al. **A Arteterapia e as Deusas**. Vivenciando o Olimpo. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.

EDINGER, Eward F. **Anatomia da Psique**. Editora Cultrix, São Paulo, 1985.

EICHENBERG, Fernando. **Entre aspás: volume I**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

ENROLADOS. Direção: Byron Howard e Nathan Greno. Produção: Walt Disney. Estados Unidos, 2011.

ESTADÃO. Anos 200- O Mundo de Olho no Brasil. **Estadão**. Almanaque Boletins. 2017. Disponível em <<http://patrocinados.estadao.com.br/abihpec/2017/03/07/anos-2000-o-mundo-de-olho-no-brasil/>> Acesso em: 13 de março de 2020.

FREIRE, Isabel R. **Raízes da Psicologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FELTRIN, T. et al. **Rela-Cult-Revista Latino- Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. O Século XX para o Feminismo no Brasil. 2018. Disponível em <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/734>> Acesso em 04 de novembro de 2020.

G1. Facebook Completa 10 anos. **G1**. 2014a. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>> Acesso em: 13 de março de 2020.

_____. Facebook completa 15 anos com 2,3 bilhões de usuários. **G1**. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml>> Acesso em: 13 de março de 2020.

_____. Grande Rio se inspira em Maysa para falar de Maricá, RJ, no carnaval. **G1**. 2014b. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2014/noticia/2013/12/grande-rio-se-inspira-em-maysa-para-falar-de-marica-rj-no-carnaval.html>> Acesso em 23 de março de 2020.

GRANDES OLHOS. Direção: Tim Burton. Produção: Tim Burton et al. Estados Unidos, 2015.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 17a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1955.

_____. Seminário de Zollikon. Petrópolis: Vozes, 2001.

HENDERSON, Robert. A World Shadow: covid 19 (An Interview with Murray Stein). **Chiron Publications**. 2020. Disponível em <https://chironpublications.com/a-world-shadow-covid-19/?fbclid=IwAR26bKVK_IhQsPU-b_Q_WUAAmCujamm3JT3ATReYVNG46Ak6FBXCVZmFFd8> Acesso em: 08 de abril de 2020.

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

_____. **Re-vendo a Psicologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HOBBSAWM, Eric. **A Era do Capital**. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 1975.

_____. **A Era dos Extremos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.

HOLLIS, James. **Os Pantanais da Alma**. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

IBGE. Estatísticas de Gênero, Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas- Informação Demográfica e Socioeconômica**. n 38. IBGE. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf> Acesso em: 11 de março de 2020.

INSTITUTO NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL. Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo. Disponível em <<http://www.inepac.rj.gov.br/application/assets/img//site/Marica.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

JAFFÉ, Aniela. **O Mito do Significado na obra de C.G Jung**. São Paulo, SP: Cultrix, 1983.

JUNG, Carl Gustav. **A Energia Psíquica**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **A Natureza da Psique**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII. Petrópolis, RJ: 2019.

_____. **A Vida Simbólica**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. XVIII. Petrópolis, RJ: 2017.

_____. **Aspectos do Drama Contemporâneo**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. X. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. **C. G. Jung Cartas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

_____. **Civilização em Transição**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. X. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. **Mysterium Coniunctionis**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol XIV. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. XV. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. VII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. IX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. **Psicologia do Inconsciente**. In Obras Completas de C. G. Jung, vol. VII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Sincronicidade**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. **Símbolos da Transformação da Libido**. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol V. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KAST, Verena. **A Alma Precisa de Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial a Pós-moderna**. Ed. Zahar, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

LAVADO, Thiago. Uso da Internet cresce no Brasil, e 70% da população está conectada. **Globo Economia**. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>> Acesso em 19 de fevereiro de 2020

LAVELLE, Louis. **A Consciência de Si**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

MARALDI, Everton de Oliveira. Jung e as Experiências Mediúnicas. **Junguiana: Revista Latino Americana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, 29 (1), p. 39-49, 2011.

Maricá é recordista de royalties no estado do Rio de Janeiro, **Lei Seca Maricá**. 2019. Disponível em <<https://leisecamarica.com.br/marica-e-recordista-de-royalties-no-estado-do-rio-de-jankambshbahd/>> Acesso em: 16 de março de 2020.

Maricá: obra da praça orlando de Barros Pimentel entra na fase final, **Maricá Info**. 2021. Disponível em <<https://maricainfo.com/2021/07/24/marica-obra-da-praca-orlando-de-barros-pimentel-entra-em-fase-final.html>> Acesso em: 07 de agosto de 2021.

McGUIRE, W. e HULL, R. F. C. **C. G. Jung: Entrevistas e Encontros**. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

MORAES, Ana Luísa. Brasil é o país mais deprimido e ansioso da América Latina. **Mente Saudável**- revista online. Disponível em:<<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/brasil-e-o-pais-mais-deprimido-e-ansioso-da-america-latina/>> Acesso em: 14 de novembro de 2019.

MORAES, Vinicius. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro, RJ: A Noite, 1954.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Hiroshima e Nagasaki: razões para experimentar a nova arma. **Scientia e Studia**. São Paulo, v.3, n.4, p. 683-710, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662005000400011> Acesso em : 09 de janeiro de 2020.

NEEDLEMAN, Jacob. **O Tempo e a Alma**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

OLIVEIRA, Elisangela Magela. Transformações no mundo do trabalho da revolução industrial aos nossos dias. **Caminhos de Geografia**- revista online. p. 84-96. 2004. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/15327/8626/0>

Acesso em: 30 de dezembro de 2019.

ONU. **Agenda-30**. ONU. 2016. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>> Acesso em: 13 de março de 2020.

_____. **Conferências Mundiais da Mulher**. 20---. Disponível em:<http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

_____. UNFPA: é preciso fortalecer serviços de proteção às mulheres frente a violência de gênero. ONU. 2020a. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unfpa-e-preciso-fortalecer-servicos-de-protecao-as-mulheres-frente-a-violencia-de-genero/>> Acesso em: 16 de março de 2020.

_____. Especialistas Destacam Sociedade Civil como fundamental no enfrentamento às violências contra mulheres. ONU. 2020b. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/especialistas-destacam-sociedade-civil-como-fundamental-no-enfrentamento-as-violencias-contramulheres/>> Acesso em: 16 de março de 2020.

O que o 5G e como ele pode mudar as nossas vidas. BBC, 2018. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44936142>> Acesso em: 02 de março de 2020.

Panorama Maricá. IBGE, 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/marica/panorama>> Acesso em: 02 de março de 2020.

Pesquisa internacional comprova eficiência do programa Renda Básica da Cidadania. Prefeitura de Maricá. 2020a. Disponível em <<https://www.marica.rj.gov.br/2020/02/13/pesquisa-internacional-comprova-eficiencia-do-programa-renda-basica-da-cidadania/>> Acesso em: 16 de março de 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista De Sociologia E Política**. V. 18, Nº 36: 15-23 Jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

Prefeitura de Maricá Oficializa Parceria com estatal italiana para desenvolvimento tecnológico. **Lei Seca Maricá**, 2020. Disponível em:<<https://leisecamarica.com.br/prefeitura-de-marica-oficializa-parceria-com-estatal-italiana-para-desenvolvimento-tecnologico/>> Acesso em: 02 de março de 2020.

Prefeitura de Maricá. **Prefeitura de Maricá**. Corona vírus. 2020c. Disponível em: <<https://www.marica.rj.gov.br/category/coronavirus/>> Acesso em 13 de maio de 2020.

_____. **Prefeitura de Maricá**. Casa da Mulher atua em Maricá para combater casos de assédio. 2020d. Disponível em: <<https://www.marica.rj.gov.br/2020/03/08/casa-da-mulher-atua-em-marica-para-diminuir-casos-de-assedio/>> Acesso em: 13 de maio de 2020.

Protocolos de Segurança são Reforçados na UPA. **Prefeitura de Maricá**. 2020. Disponível em: <<https://www.marica.rj.gov.br/2020/04/30/protocolos-de-seguranca-sao-reforcados-na-upa/>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

Ribeiro Jr., W.A. O ônfalo de Delfos. **Portal Graecia Antiqua**. 2015. São Carlos. Disponível em: <<http://greeciantiga.org/img.asp?num=0136>>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

ROCHA FILHO, João Bernardes. **Física e Psicologia**. Porto Alegre- RS: Edipucrs, 2007.

_____. **Transdisciplinaridade**- a natureza íntima da educação científica. Porto Alegre- RS: Edipucrs, 2015.

SALES, L. M. S. V. **Lendas Sobre a Pedra de Inoã**. 2020. (6m05s). Disponível em:<<https://www.facebook.com/watch/?v=871096356631988>>. Acesso em: 28 de junho de 2020.

SANTOS, R.; SACRAMENTO, S. O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas. **Anagrama**, v. 5, n. 1, p. 1-10, 24 jun. 2011. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35598>>. Acesso em : 19 de fevereiro de 2020.

SCHWARCZ e STARLING. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHUMAHER e BRAZIL. **Dicionário Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a Construção da Psicologia Moderna**. Água Branca- SP: Editora Ideias & Letras, 2015.

_____. Introdução. In: JUNG, C.G. **O Livro Vermelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 1-86.

SILVA, Leonardo Werner. Internet foi criada em 1969 com o nome de Arpanet. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>> Acesso em: 19 de fevereiro de 2020.

SILVEIRA, Nise. **Os Inumeráveis Estados do Ser**. Rio de Janeiro: Museu de Imagens do Inconsciente, 1987.

SIQUEIRA, Filipe. Animais invadem cidades enquanto pessoas estão em quarentena. **R7 Notícias**. 2020. Disponível em <<https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/animais-invadem-cidades-enquanto-pessoas-estao-em-quarentena-23032020#!/foto/1>> Acesso em : 08 de abril de 2020.

STUENKEL, Oliver. Pandemia revela que mundo pós-ocidental já chegou. **El País**, 2020. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-06/pandemia-revela-que-mundo-pos-ocidental-ja-chegou.html?fbclid=IwAR0oZv0JuryFUO5WPiZ9CyW0k21_BizbHHhQyZTlO6cuWtn0MtLVJIT1muE>. Acesso em: 08 de abril de 2020.

TEMPOS MODERNOS. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Charlie Chaplin. Estados Unidos, 1936.

VITALE, A. et al. **Pais e Mães:** Seis Estudos Sobre o Fundamento Arquetípico da Família. São Paulo: Edições Símbolo, 1979.

APÊNDICE A

APÊNDICE A - RELATÓRIO PESQUISA ÍNDICE DO TAG MARICÁ- BRASIL

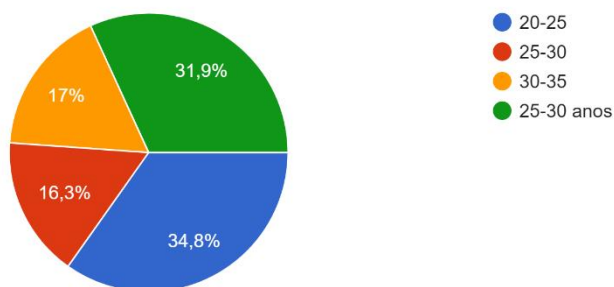
Total de participantes: 135 mulheres de 20 a 35 anos de idade.

Sendo 129 do Estado do Rio de Janeiro destas: 70 residem no município de Maricá, ênfase dada a pesquisa; 9 em Niterói, 2 em Nova Iguaçu, 1 em Porto Real, 4 na cidade do Rio de Janeiro, 27 em São Gonçalo, 2 em Saquarema, 1 em Belford Roxo, 4 em Duque de Caxias e 8 em Itaboraí.

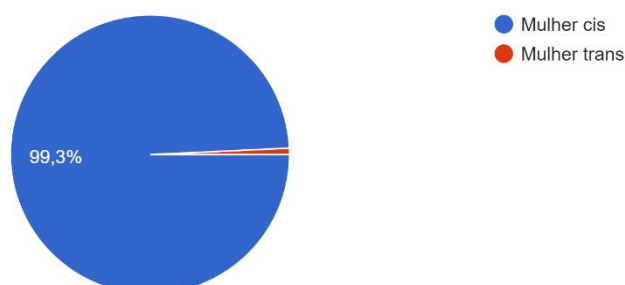
As demais participantes residem: 1 em São Paulo (centro); 2 na Bahia, município de Salvador e Itapitanga; 1 do Maranhão, município de São Luís; 1 Mato Grosso do Sul, município de Campo Grande; 1 em Minas Gerais, no município de Sete Lagoas.

Pesquisa começou a circular no dia 22 de abril de 2021 e as coletas de dados enceraram no dia 10 de julho de 2021. Segue o banco de dados para arquivo e possíveis futuras pesquisas ou trabalhos acadêmicos. Tem-se como objetivo aprimorar o questionário atual para potencializar, ampliar e dar continuidade a esta pesquisa.

Qual a sua faixa etária
135 respostas

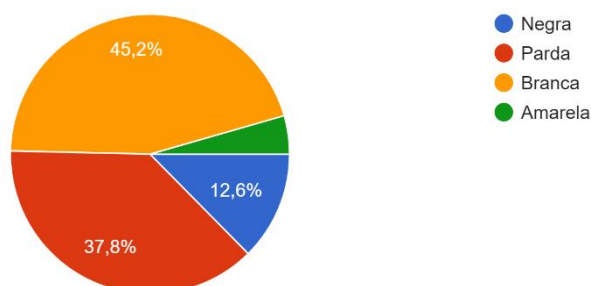


Quanto ao gênero você se identifica como:
135 respostas



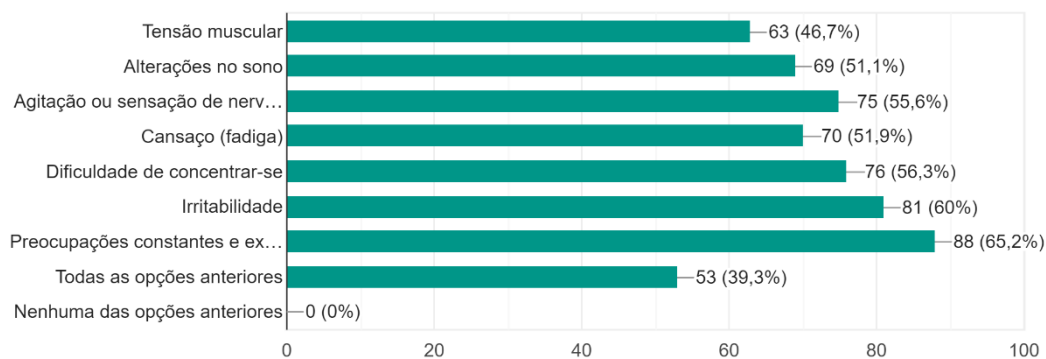
Quanto a sua cor você se considera:

135 respostas



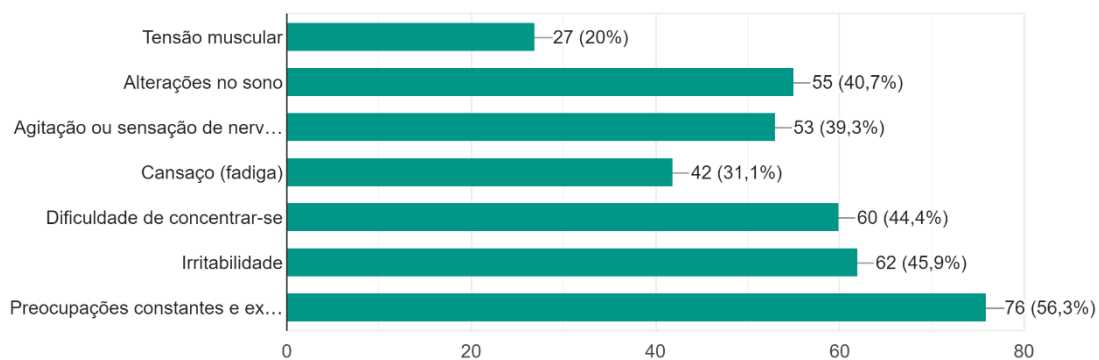
Acerca dos sintomas sobre o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), selecione os que lhe ocorrem :

135 respostas



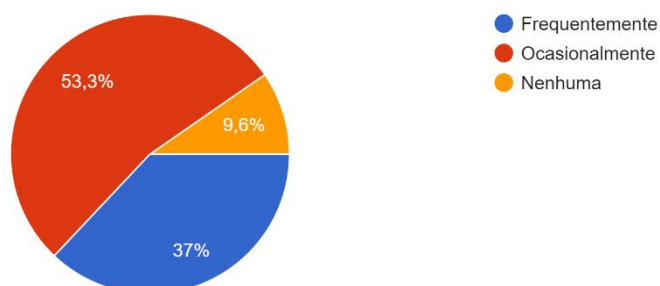
Quanto os sintomas do TAG, qual ou quais te incomodam mais:

135 respostas



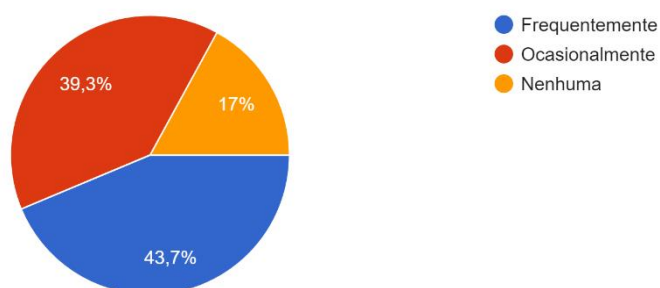
Com que frequência você sente tensões musculares?

135 respostas



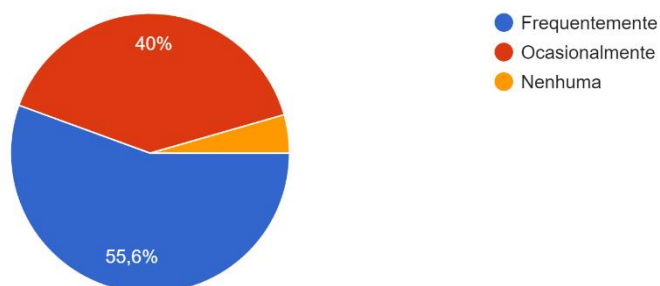
Com que frequência você tem alterações no sono?

135 respostas



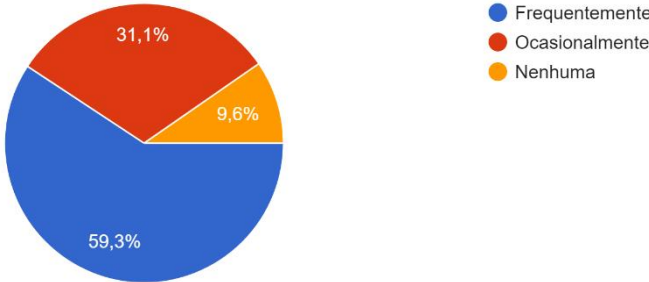
Com que frequência você se sente agitada ou com sensação de nervosismo?

135 respostas



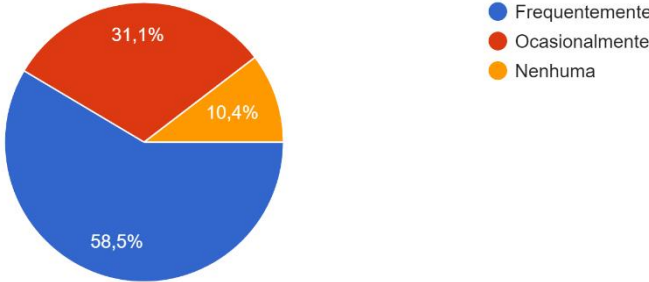
Com que frequência você sente fadiga?

135 respostas



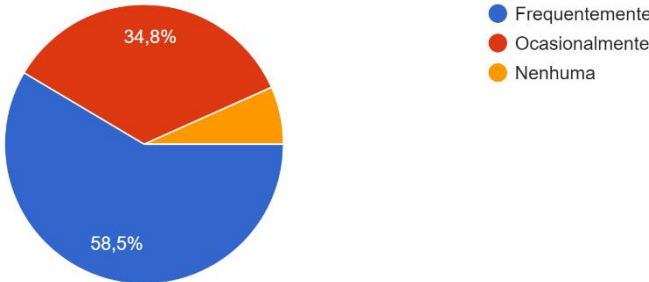
Com que frequência você sente dificuldade em concentrar-se?

135 respostas



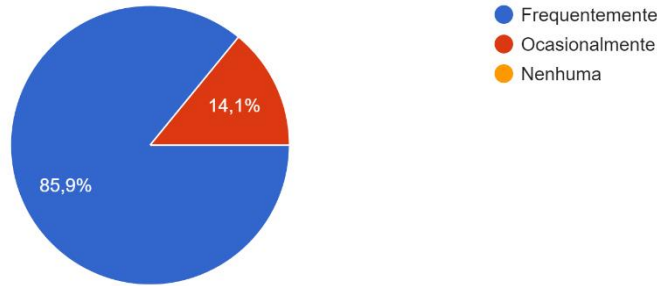
Com que frequência você sente irritabilidade?

135 respostas



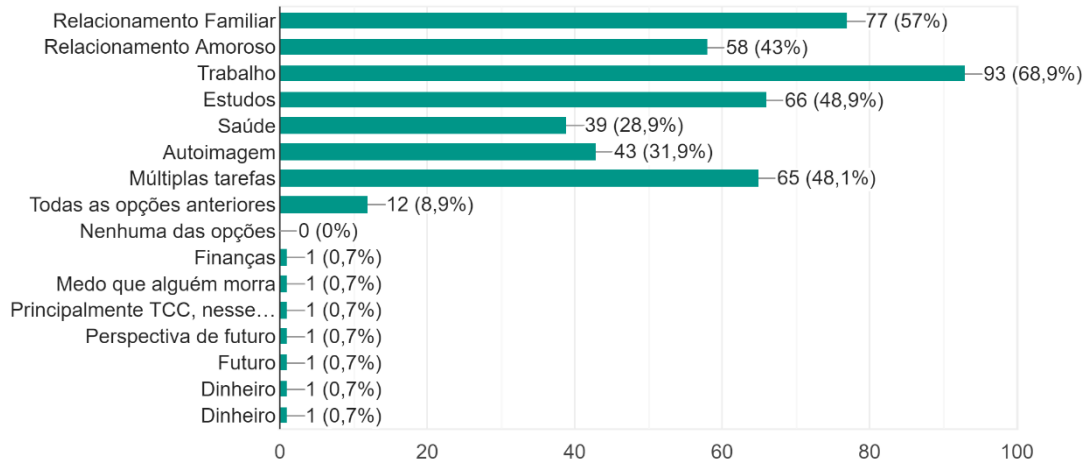
Com que frequência você se preocupa ?

135 respostas



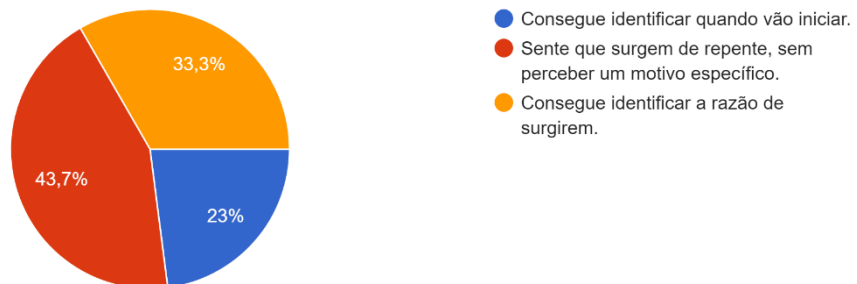
Quanto ao tema de suas preocupações, geralmente, estão mais associadas a qual ou quais temas:

135 respostas



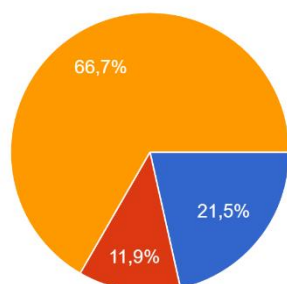
Quanto ao vai e vêm dos sintomas, você, geralmente:

135 respostas



Como é a sua relação com os sintomas, você, geralmente:

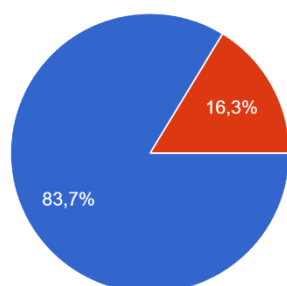
135 respostas



- Sente-se sem controle.
- Sente-os e consegue lidar com os mesmos.
- Alterna entre a primeira opção e a segunda.

Mudanças repentinas, imprevistos, afetam o modo como você vivencia a ansiedade?

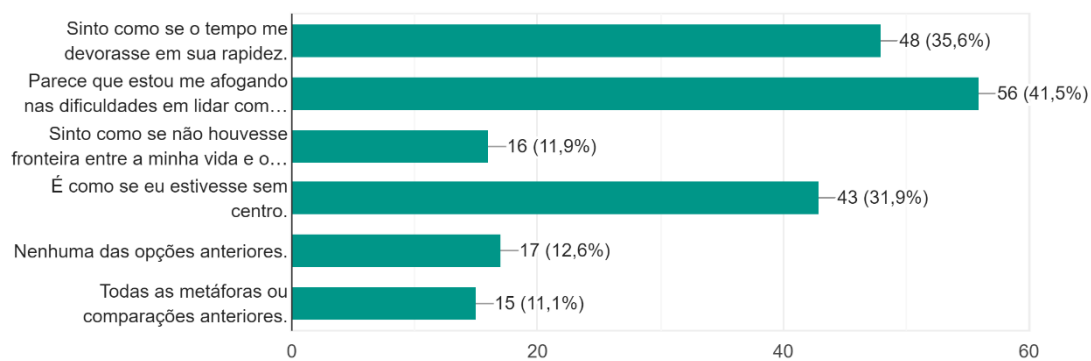
135 respostas



- Sim, sinto-me mais ansiosa diante de mudanças repentinas.
- Não, imprevistos não afetam meu modo de vivenciar a ansiedade.

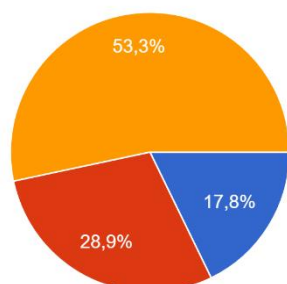
Qual ou quais metáforas ou comparações explicitam melhor sua relação com a ansiedade?

135 respostas



Como você lida com o tempo cronológico no seu dia a dia?

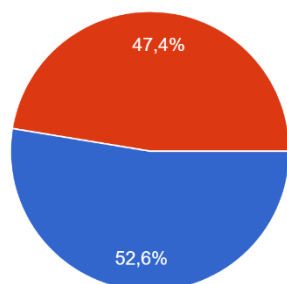
135 respostas



- Não apresenta questões.
- Embora haja dificuldades, nota que consegue ter tempo para tarefas pessoais e também cuidar do relacionamento com os outros e tarefas externas.
- Percebe que com frequência se dedica à tarefas externas ou que envolvem mais a outros que a si mesma.

Você já fez ou faz uso de agenda ou planner para organizar sua rotina?

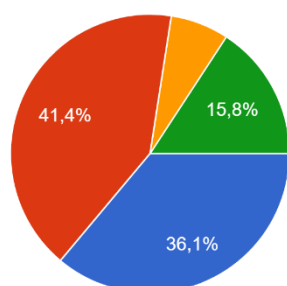
135 respostas



- Sim
- Não

A organização do tempo cronológico com uso de agenda, planner ou quadros de rotinas afeta a intensidade ou o modo como você lida com o TAG?

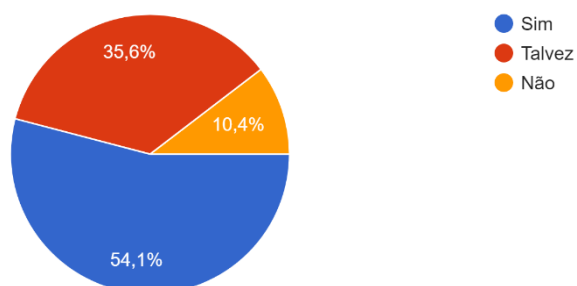
133 respostas



- Afeta positivamente
- Nunca fiz uso destes recursos
- Afeta negativamente
- Não vejo relação entre uma coisa e outra

Você percebe relação entre os sintomas de ansiedade generalizada e o uso de tecnologias?

135 respostas



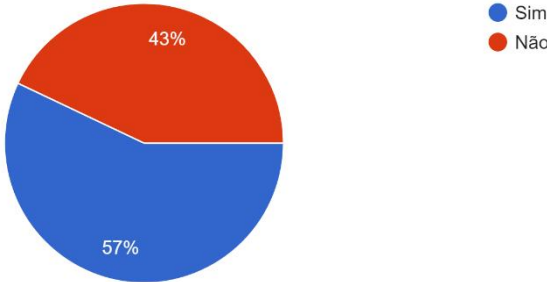
Quanto ao acesso as suas emoções, você:

135 respostas



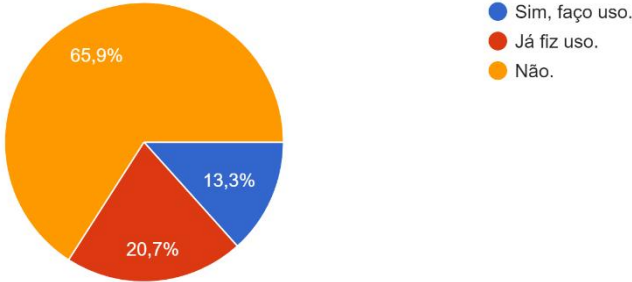
Você observa um sentido ou aprendizado pessoal na vivência do TAG?

135 respostas



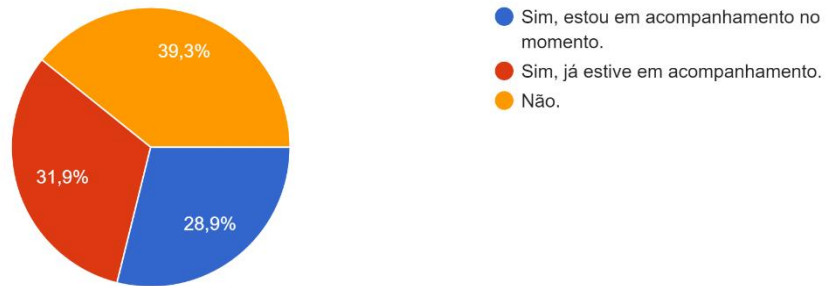
Você faz uso ou já fez de alguma medicação psiquiátrica devido ao TAG?

135 respostas



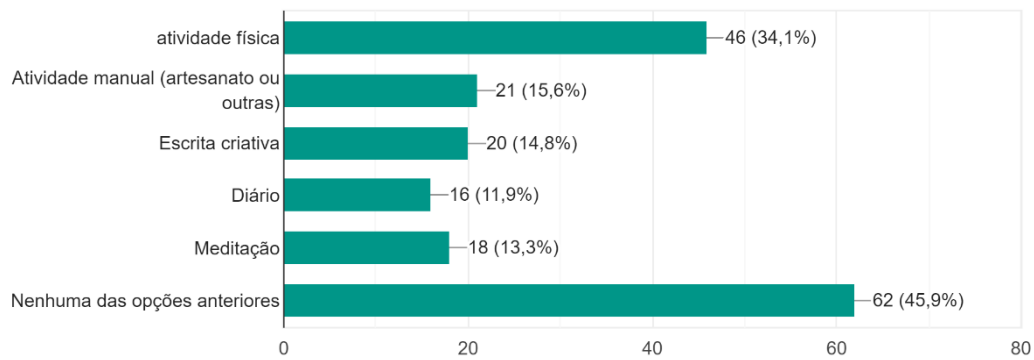
Você faz ou já fez psicoterapia ?

135 respostas



Você pratica alguma ou algumas das atividades abaixo?

135 respostas



APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, me chamo Laís Mendes de Souza Vieira Sales. Sou psicóloga e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Se você é mulher cis ou trans, brasileira, residente ou não no município de Maricá/RJ e tem entre 20 e 30 anos de idade, e sente sintomas como: (i) *tensão muscular*, (ii) *agitação*, (iii) *preocupações excessivas*, (iv) *alterações no sono*, (v) *irritabilidade*, (vi) *dificuldade em concentrar-se*, e/ou (vii) *fadiga*. Esta pesquisa pode ser respondida por você! Por favor, poderia cooperar com a minha pesquisa? O tempo de resposta é de no máximo dez minutos.

Ela servirá para elaborar minha dissertação, e o principal objetivo da pesquisa é levantar a incidência do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), na juventude feminina maricaense e brasileira com idade entre 20 e 30 anos, para ajudar na criação de recursos em Maricá e lidar com demandas sobre a TAG no município; desenvolvendo ferramentas para cuidar desta parcela da população. O resultado da pesquisa será publicado em minha dissertação de mestrado e na mídia da cidade, Quanto aos riscos envolvidos na coleta de dados apenas o tempo dedicado a responder a pesquisa foi identificado, salvaguardando as participantes em seus dados pessoais e a nível de discriminação e estigmatização do conteúdo revelado. Caso sinta algum desconforto durante o processo de resposta, tem a liberdade de deixar a pesquisa a qualquer momento sem penalidade alguma.

Deixo meu contato para possíveis esclarecimentos quanto a pesquisa e temas relacionados a mesma (21) 98784-7294, email: estudolais@gmail.com.

Laís Mendes de Souza Vieira Sales, Psicóloga e Mestranda no PPGPSI- UFRRJ.

- ✓ Declaro que concordo em participar da pesquisa sobre o índice de TAG na juventude feminina maricaense e brasileira, desenvolvida pela psicóloga Laís Mendes Vieira Sales, mestranda do PPGPSI da UFRRJ.
- ✓ Declaro ter conhecimento de que meus dados pessoais estão salvaguardados e não há riscos morais, físicos ou psicológicos na cooperação em respondê-la.